

REVISTA EDIÇÃO Nº 111 | SETEMBRO DE 2024

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

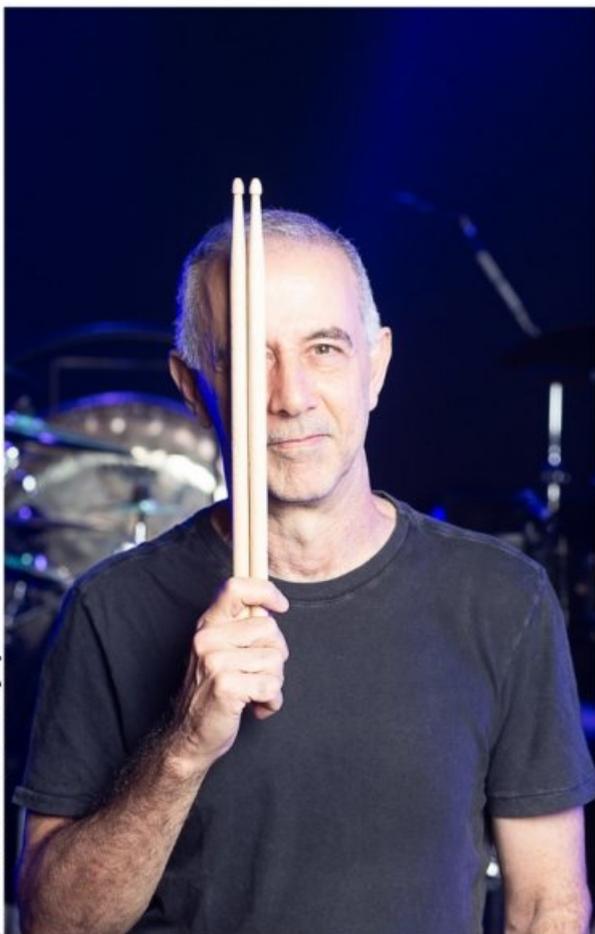
**ENTREVISTA EXCLUSIVA COM**  
**JOÃO BARONE, BATERISTA DO**  
**PARALAMAS DO SUCESSO**

**E AUTOR DO LIVRO 1,2,3,4! CONTANDO O TEMPO COM OS**  
**PARALAMAS DO SUCESSO**

# SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

João Barone - Foto divulgação



# 6

**João Barone** (João Alberto Barone Reis e Silva, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1962) é baterista e escritor, membro desde 1982 do grupo *Os Paralamas do Sucesso*. Confira entrevista exclusiva que o nosso editor fez na **pág. 06**

## SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX  
PE  
DI  
EN  
TE

**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

**Elenir Alves**  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

ISSN: 2448-1068

## CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)  
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)  
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)  
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



EDIÇÃO 111



# ÍNDICE

# CONTÉÚDO



- Expediente, pág. 02**
- Editorial, pág. 04**
- Entrevista com João Barone, autor e integrante d'os Paralamas do Sucesso, pág. 06**
- Poema: Um indulgente refúgio, por Sellma Luanny, pág. 19**
- Literatura preventiva: blablablá, trend ou déjà vu?, por Clarissa Machado, pág. 20**
- Poema: A vida e o tempo, por Fauno Mendonça, pág. 27**
- Garçom, tem um OVNI na minha sopa!, por Roberto Schima, pág. 28**
- Textos de Luiz F. Haiml e Edgar Loeser, pág. 35**
- Infância, o livro ilustrado da vida, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 38**
- A arte escapa com independência na trajetória biopsicossocial da humanidade?, por Valéria Sá Guerra de Araujo, pág. 42**
- Poema: Resolução, por Lissandra Königsdorfer, pág. 51**
- Dicas para leitura, pág. 53**
- Poema: Quanto sofri!, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 54**
- Poema: Bumerangue, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 57**
- Bestiário de Hécate, por Flavio Joppert, pág. 62**
- Entrevista exclusiva com Camila Mota, pág. 75**
- Entrevista exclusiva com José Alfinyahu, pág. 79**
- Entrevista exclusiva com Lucilla Simonsen Paes de Almeida, pág. 84**
- Entrevista exclusiva com Tibério de Tribschen, pág. 89**
- Citações de grandes autores, pág. 95**
- Conto: No silêncio da noite, por Iraci J. Marin, pág. 99**
- Conto: A empreitada de Ernesto, por Idicampos, pág. 102**
- Conto: A história de Amina, Cap. 1 - A Família, por Sellma Luanny, pág. 107**
- Conto: A antítese da dor, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 112**
- Conto: Nevoeiro, por Mí Santiago, pág. 117**
- Conto: A vida e a morte de Liu Dongzi, por Ney Alencar, pág. 122**
- Conto: Davi e a procissão, por Roberto Schima, pág. 127**
- Ajude o escritor Edgar Allan Poe a encontrar o seu corvo, pág. 139**
- Mídia Kit, pág. 141**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 142**

# EDITORIAL

## REVISTA

### CONEXÃO LITERATURA

Querido(a) leitor(a)!

Nossa nova edição está novamente megaespecial e destaca João Barone, baterista da banda Os Paralamas do Sucesso. Barone acabou de lançar o livro "1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso" e cedeu entrevista exclusiva para nós :) Confira nas próximas páginas.

E como sempre, você também poderá conferir excelentes dicas para leitura, entrevistas com escritores, poemas, contos, crônicas e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de outubro/2024: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!



*Ademir Pascale*  
ESCRITOR E EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS

## CONTEMPORÂNEOS

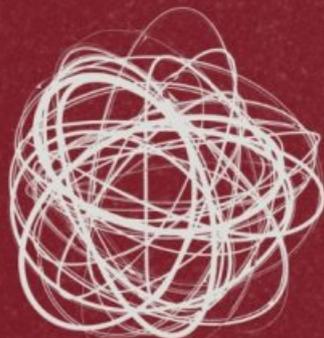
ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# poemas

## CONTEMPORÂNEOS

VOL. IV

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

# Entrevista exclusiva com João Barone

POR ADEMIR PASCALE

**João Barone** (João Alberto Barone Reis e Silva, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1962) é baterista e escritor, membro desde 1982 do grupo **Os Paralamas do Sucesso**.

Reconhecido como um dos mais influentes bateristas do Brasil, construiu sua reputação ao longo da trajetória de mais de quatro décadas dos Paralamas do Sucesso, com uma ampla discografia de álbuns de estúdio e ao vivo. Por conta de seu trabalho na banda, foi convidado para gravar com vários artistas e grupos como Ultraje a Rigor, Titãs, Sepultura, Marina Lima, Lenine, Rita Lee, dentre outros. Venceu o Prêmio Multishow de Música Brasileira como melhor instrumentista, em 1999, 2003 e 2011.

Barone teve alguns trabalhos como produtor nos discos do cantor/tecladista Fábio Fonseca (1987), a banda Conexão Japeri (1988), com Ed Motta, o álbum do cantor Supla (de mesmo nome) (1991) e a banda Los Djangos (1998).



João Barone - Foto divulgação

Revista Conexão Literatura: Poderia contar como foi o início da banda Os Paralamas do Sucesso?

João Barone: Bom, o que eu posso explicar, passado esse tempo todo, é que o começo dos Paralamas foi uma espécie de um “acidente”, uma espécie de “encontro às cegas que deu certo”. Um amigo me convidou pra emprestar minha bateria pra um amigo dele, que tinha uma banda e estaria fazendo show no festival de música da Universidade Rural – e eu acabei tocando no lugar do baterista deles que não apareceu. Hoje é uma parte da mítica do Paralamas, essa coincidência incrível: o amigo do Bi e do Herbert, era o Vital, amigo deles num cursinho de pré-vestibular. O Herbert tocava guitarra, o Bi já tocava baixo daí, eles intimaram o Vital a tocar



João Barone - Foto divulgação

bateria. O Vital não foi e eu acabei tocando bateria no lugar dele e houve uma empolgação mútua muito grande. Esse “encontro às cegas” foi mais ou menos em novembro de 1981. Eu só fui reencontrar o Bi e o Herbert um ano depois, pra tocar num bar lá da universidade, em 1982. Desta vez eu que fui intimado a tocar bateria nos Paralamas. Foi quando eu entrei oficialmente pra banda e tudo começou.

Fomos ensaiar num quarto da casa da avó do Bi em Copacabana, no apartamento da Vovó Ondina, que também já é parte da mítica da história dos Paralamas. Aí tocamos numas espeluncas do Rio, começamos a ganhar dinheiro pra poder pagar um estúdio e gravar uma fita demo, para enviar à Rádio Fluminense. Esse é o resumo da ópera.

Mas assim, de uma forma geral, podemos explicar o começo dos Paralamas como um “grande encontro às cegas” que deu certo. Depois entramos naquele trem de todo mundo que estava formando bandas de rock no começo dos anos 80, aquele bonde das bandas que não tinham disco e tocavam as músicas de suas fitas na Rádio Fluminense, que abriu esse espaço para todos nós. Foi uma janela incrível que se abriu pra depois ver a consagração de toda uma geração do rock brasileiro. Depois vieram Renato Russo, Cazuza, as

bandas de Brasília, as bandas de São Paulo, como Titãs, que chegaram abalando. Foi uma verdadeira revolução o que aconteceu neste momento propício para uma nova levada e a reafirmação do rock brasileiro dentro da música popular brasileira.

Revista Conexão Literatura: Quais foram as maiores dificuldades da banda Os Paralamas do Sucesso, até tornar-se uma das bandas mais emblemáticas da música brasileira?

João Barone: Tentamos nos despojar de determinadas visões muito autorreferentes sobre esse reconhecimento dos Paralamas, porque pra nós isso aconteceu à revelia.



Nunca tivemos um plano de se tornar a maior banda de rock do Brasil, nem nada. O que tínhamos, realmente, e que temos até hoje, é esse compromisso, essa entrega com a música, a maneira de fazer a nossa música, uma confiança mútua muito grande entre nós, o núcleo criativo da banda, o Herbert – compositor da banda – eu e o Bi, na nossa musicalidade intrínseca, dando essa cara da banda. Do contrário, o Herbert teria se tornado um grande artista solo.

Então eu acho que as nossas dificuldades passavam muito pelas metas que determinava, principalmente o Herbert, que era um cara muito visionário. A meta básica do início da banda era de que tínhamos que nos diferenciar do bolo das bandas que estavam surgindo naquela época. Precisávamos fazer uma coisa diferenciada e havia uma autoestima muito elevada. Gostávamos muito de tocar, realmente a gente se entregava a isso, se achava muito capaz dessa aptidão, dessa necessidade de tocar bem. Quem tem uma banda tem que tocar bem. Isso sempre foi uma meta nossa. E o Herbert foi desenvolvendo esse dom incrível que ele teve desde sempre, da composição e tudo. Então, as nossas dificuldades eram mais nisso: de obter bons instrumentos, de conseguir gravar um disco como gostaríamos.

O nosso primeiro álbum foi meio incipiente, mesmo assim tinha ali aquela gana nossa. Esse primeiro álbum foi remixado recentemente e conseguimos ver com outros olhos o que fizemos com os nossos vinte e poucos anos. Percebemos que tinha uma gana, uma vontade muito grande de fazer. Fomos suplantando as metas que colocamos, superamos as concluídas com grande capacidade, olhando para trás. O nosso segundo álbum foi recheado de sucessos. Já terceiro álbum foi um projeto determinante para estabelecer a banda.

Eu acho que nunca teve algo que fosse muito contra a nossa vontade. Sempre colocamos essas metas como um objetivo a ser atingido, olhando sempre pra dentro da banda e não como “vamos fazer uma música que vai fazer sucesso radiofônico”. Não era essa a nossa meta. Então, fomos superando essas metas e é o tipo de uma aposta alta, uma aposta muito elevada. Não era um caminho fácil, queríamos manter a nossa autonomia criativa, manter a nossa agenda de shows e ir atrás de mais público. E essas metas foram sendo devidamente concluídas, pra abrir novas metas, como por exemplo, tentar chegar com a nossa música nos países vizinhos, e conseguimos, muito. Principalmente na Argentina. Isso nunca foi uma dificuldade intrínseca,



João Barone - Foto divulgação

Revista Conexão Literatura: Com mais de quatro décadas de carreira, como foi e como é a convivência com Hebert Vianna e Bi Ribeiro?

João Barone: Isso é uma questão chave das formações das bandas, das agremiações, dos conjuntos e tudo que envolve estas pessoas, porque a partir disso acontece todo o resto. Dificilmente as tensões internas não afetam o resultado da música de uma banda. Às vezes até essas tensões, essas diferenças acabam tendo um resultado interessante. Ou talvez eles não se sustentem durante muito tempo, por conta dessas diferenças e questões internas. Um exemplo disso é o The Police, que era uma banda incrível e só gravou cinco discos, porque os integrantes não

aguentavam mais um olhar pra cara do outro. E de outra forma, outras bandas acabaram depois de um certo tempo, não se sentiam mais com algum tipo de demanda. E essas questões acabavam abalando a estrutura. Enfim, existem muitos e muitos exemplos disso.

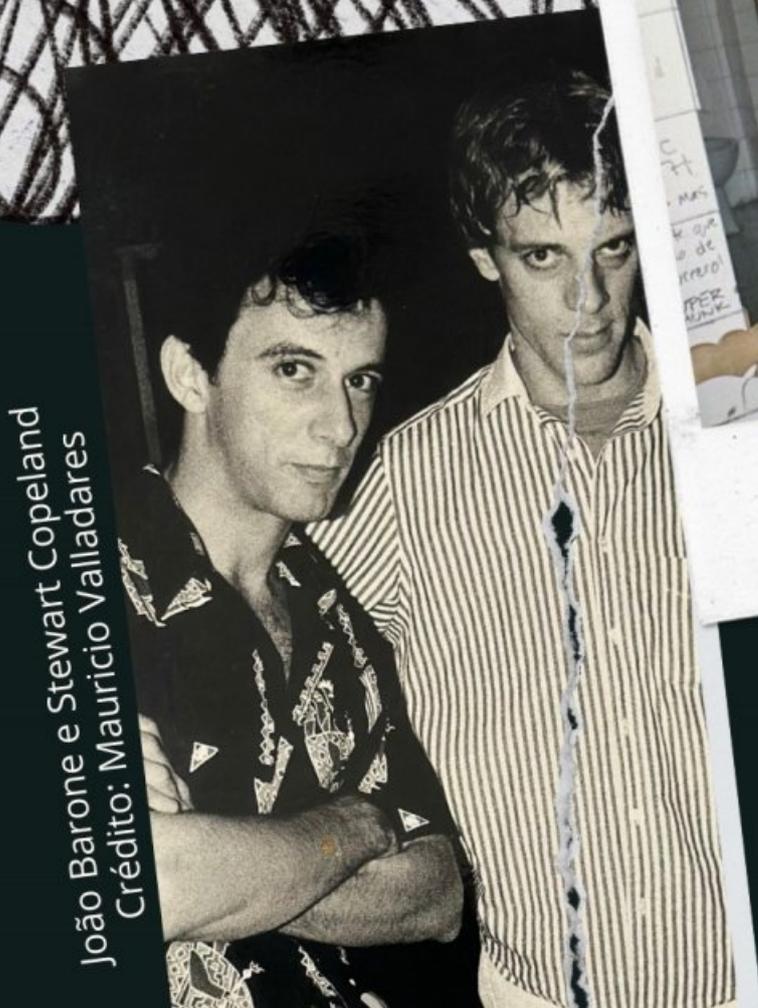
Os Paralamas são um exemplo – de bandas e artistas – que têm essa longevidade. E ainda temos uma relação muito bem mixada, vamos dizer assim. Como se diz no termo musical, técnico: conseguimos ao longo desse tempo todo sedimentar a nossa relação mútua de uma forma muito interessante. Desde o início tínhamos uma confiança mútua muito grande – depositamos muita confiança um no outro.



Barone na adolescência



Barone e Herbert no The Revolver Club, em Madri



João Barone e Stewart Copeland  
Crédito: Mauricio Valladares



O Herbert sempre foi o cara musicalmente mais requintado da banda, porque ele sabia muita teoria musical, sabia tocar bossa nova, ele tinha um estofo musical muito grande e ele foi desenvolvendo esse dom incrível de compositor - como eu já falei anteriormente na outra resposta - enquanto eu e o Bi somos músicos intuitivos. Nunca fomos pra escola aprender bateria e baixo. Fomos construindo essa nossa experiência musical com a banda, atingindo esse grau de proficiência musical junto. E com essas experiências (todas) de gravar e fazer show, e o Herbert sempre confiava muito em nós e sempre achou que daríamos conta do recado. Essa confiança mútua vinha fortalecida pela nossa relação interna, das nossas amizades, desse aspecto mais sensível que envolve relacionamento de um grupo de pessoas. Depois, teve o Zé Fortes, o nosso empresário, que talvez seja um dos caras mais responsáveis por estarmos aqui hoje. Porque o Zé sempre afastou da banda as coisas que costumam causar mais problema nessas relações, principalmente envolvendo dinheiro, porque sempre confiamos muito no Zé, sempre dividimos por quatro, o nome da nossa firma é "Os Quatro Produções". Então, sempre tivemos essa confiança mútua e isso só fez aumentar com o tempo.

Depois, aconteceu o acidente do

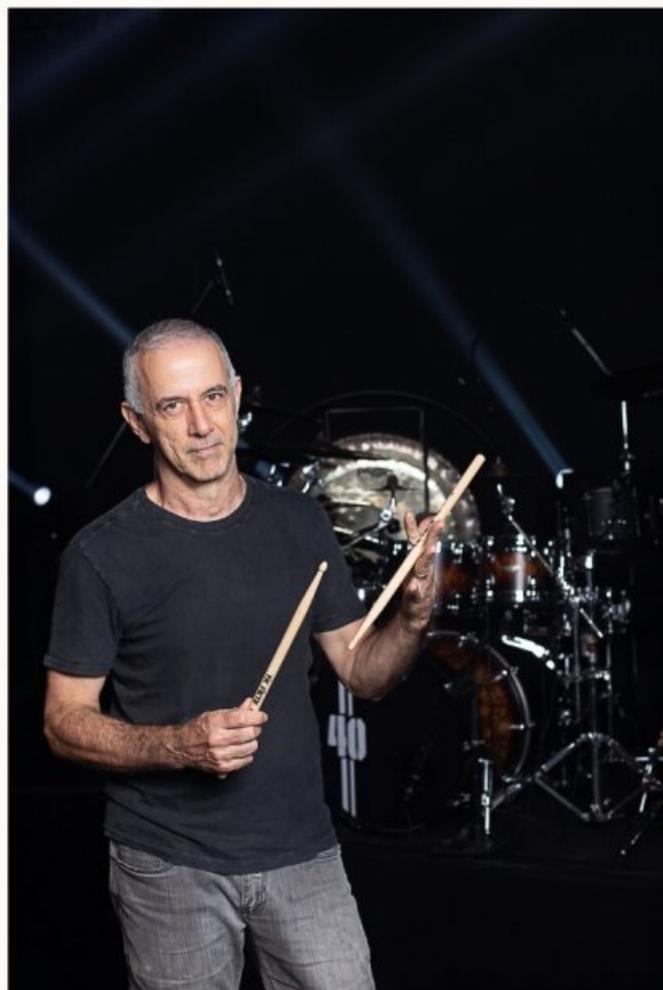
Herbert, que nos aproximou muito mais, por conta dessa reconstrução toda que passamos. Então, eu acho que isso se deve muito a essa confiança que temos um no outro, isso é o que explica melhor o fato de estarmos juntos há tanto tempo. E a música, acima de tudo, é mais do que qualquer coisa: a música; a autossatisfação que temos ao tocar; e ainda ter essa disposição de estar na estrada. Adoramos fazer show. Gostamos muito do que fazemos e prezamos pelo que fazemos, é sempre num patamar muito elevado de exigência. Por isso, sempre apresentamos um show bom, com som bom, com todo mundo tocando no seu melhor. Acho que isso também explica muito o fato de estarmos junto até hoje.

Revista Conexão Literatura: Para você, qual é a música mais marcante do Paralamas do Sucesso?

João Barone: A pergunta fatídica: é muito difícil dizer isso. É curioso, porque gravamos uma quantidade enorme de músicas e nem todas se tornam tão conhecidas, como se fosse aquela história do lado B e tal. E teve um momento na nossa carreira que experimentamos muito, mais do que buscando aquele formato radiofônico, mais pop. Existe muita qualidade e capacidade de conseguir fazer uma música pop de três minutos, três

minutos e meio, no máximo. Então já experimentamos de tudo, uma palheta de cores musicais muito extensa. Pra nós, sempre é muito difícil escolher, pinçar uma música como uma favorita ou como mais representativa pra banda. Não acho que isso seja fácil a partir de uma unanimidade. Uma música de um disco que foi mais vendido ou uma música que mais tocou na rádio ou que tem mais streamings. Se não me engano, “A Onde Quer Que Eu Vá” é a nossa música que tem mais streamings. Eu não me lembro quanto é, mas são alguns milhões de streamings. Com isso, é difícil pra nós responder a essa pergunta, igual a pergunta “qual é o seu disco favorito?” É muito complicado numa amostragem tão ampla, escolher uma coisa só.

Mas pra satisfazer quem pergunta, existe uma certa tendência nossa a escolher “Alagados”, do nosso álbum “Selvagem”, como uma das músicas que se tornou uma assinatura da banda, quando fizemos uma mudança muito grande nesse momento da carreira, quando gravamos o terceiro disco. O álbum “Selvagem” entrou naquela lista de discos mais importantes do século XX, na virada do século. Ficamos muito surpresos com isso e, de alguma forma, “Alagados” tem esse caráter de misturar coisas brasileiras com uma linguagem mais global do rock. E a



João Barone - Foto divulgação

música tem um certo formato assim de samba, misturado com uma pegada meio roqueira, com umas guitarras africanas e acredito que essa música possa servir para explicar um pouco essa nossa pluralidade sonora. Os Paralamas não são só uma banda de rock, temos muita coisa misturada dentro desse contexto do rock, muita gente se lembra de nós por conta do reggae, da música afro, então eu acho que talvez “Alagados” seja uma resposta mais conveniente para quem pergunta qual é a nossa música mais representativa ou favorita. De alguma forma, colocamos “Alagados” assim

pra satisfazer quem pergunta.

Revista Conexão Literatura: Em 1985, Paralamas do sucesso foi convidado para se apresentar no primeiro Rock In Rio, evento que reuniu nomes como Queen, AC/DC, Yes, Rod Stewart e outros. Com o intuito de registrar grandes momentos do grupo, como esse do Rock In Rio, você lançou o livro "1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso". Poderia comentar?

João Barone: Bom, até falo no início do livro essa tentativa de contar algumas das muitas histórias que temos, antes que a gente se esqueça (risos) ou que elas se diluam com o tempo. Por isso eu tratei de roteirizar, de alguma forma, uma boa parcela destas nossas lembranças comuns, mas eu fiz questão de chamar a bola pra mim. Em nenhum momento eu quis fazer uma biografia oficial da banda. Eu quis falar sobre a minha experiência com a música antes dos Paralamas. Como a música é permeável na minha vida. Falar da época que ouvia música no rádio que ficava ligado em casa, do momento quando os meus irmãos ouviam rock e quando eles foram morar fora de casa e precisei começar a comprar os meus discos. As tentativas de conseguir tocar bateria – era meio difícil ter uma bateria –, meus amigos de rua começando a tocar, com aulas de música. E ainda

fazíamos poucas canjas em bandas de baile e tudo... Essa é uma história que é minha.

E é claro que quando eu encontrei o Bi e o Herbert a minha vida mudou radicalmente e nossas vidas tomou outra trajetória. Depois, estávamos com a banda consolidada e arriscando a conseguir ganhar as nossas vidas fazendo o que mais gostamos de fazer. Resolvi que gostaria de contar essa história de uma maneira interessante, bem roteirizada, com uma dinâmica bem realista, bem descontraída e não como uma pesquisa feita, com uma linha de tempo rigorosa de datas e lugares. É claro que existe uma narrativa mais ou menos cronológica, do que foi acontecendo na minha vida com a música, e isso pareceu agradar as pessoas para quem eu mostrei esses escritos – pra quem gosta de música e gosta da banda.

Eu fui me empolgando, e quando veio a pandemia consegui dar um formato um pouco mais organizado, um pouco mais peneirado desses escritos e, finalmente, achei a editora, a Máquina de Livros, que topou lançar o livro. E no livro eu conto muito essas histórias de como fomos aprendendo muito com a mão na massa, com a nossa rotina, a dinâmica de trabalho, os momentos de inspiração pra compor, pra gravar as músicas. Depois, a maneira como nos

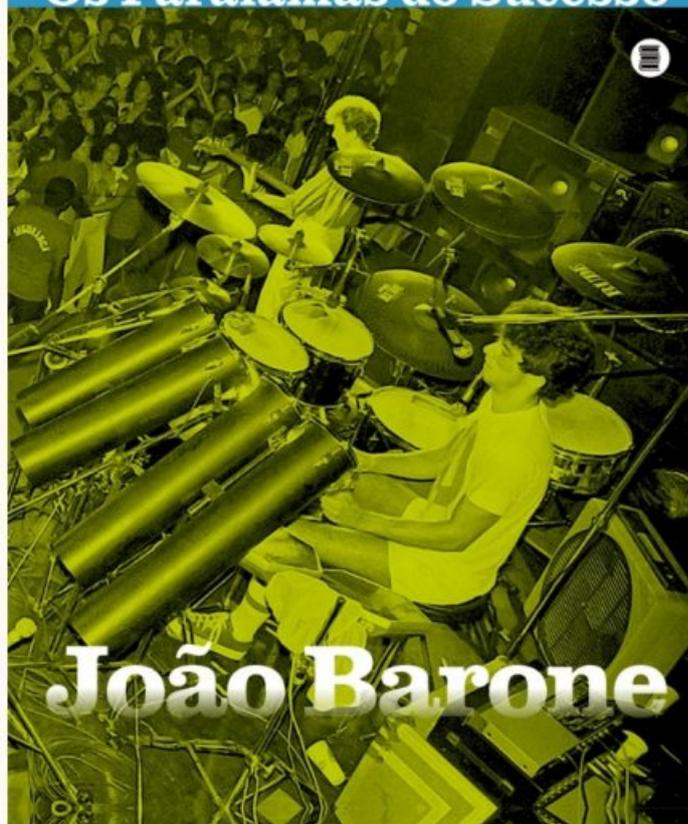


Esta é a primeira foto dos Paralamas, feita em 1982, durante um show na casa punk Dancing Méier Club, no subúrbio do Rio. Perdida desde os anos 80, a foto nunca havia sido publicada

tornamos uma banda de estrada, de fazer muito show e ganhar essa experiência nos palcos. Tem histórias engraçadas, todas as nuances das emoções humanas. Tem horas que falamos das coisas que ficamos com raiva, das decepções, das tristezas, mas sempre com uma pegada mais positiva, mais otimista e não rancorosa, sobre seja lá o que for.

Aí o livro nasceu e agora que eu vou ter uma noção melhor do que vai acontecer, se as pessoas vão gostar desse conteúdo. Eu estou muito curioso porque o livro tem uma espécie de falso epílogo. Com mais de quatrocentas páginas, mas termino o livro um pouquinho depois do acidente do Herbert, na hora que ele estava se recuperando, antes do álbum “Longo

## 1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso



**João Barone**

Caminho”, o primeiro trabalho que gravamos após o acidente. Então, vou pensar se eu me motivo a contar esses últimos vinte e poucos anos da banda, porque muitas coisas aconteceram e são dignas de menção. Depende da empolgação e do resultado desse livro, se eu vou conseguir, realmente, fazer um segundo livro para contar o resto da história, até aqui, onde estamos hoje. Vamos ver o que vai acontecer.

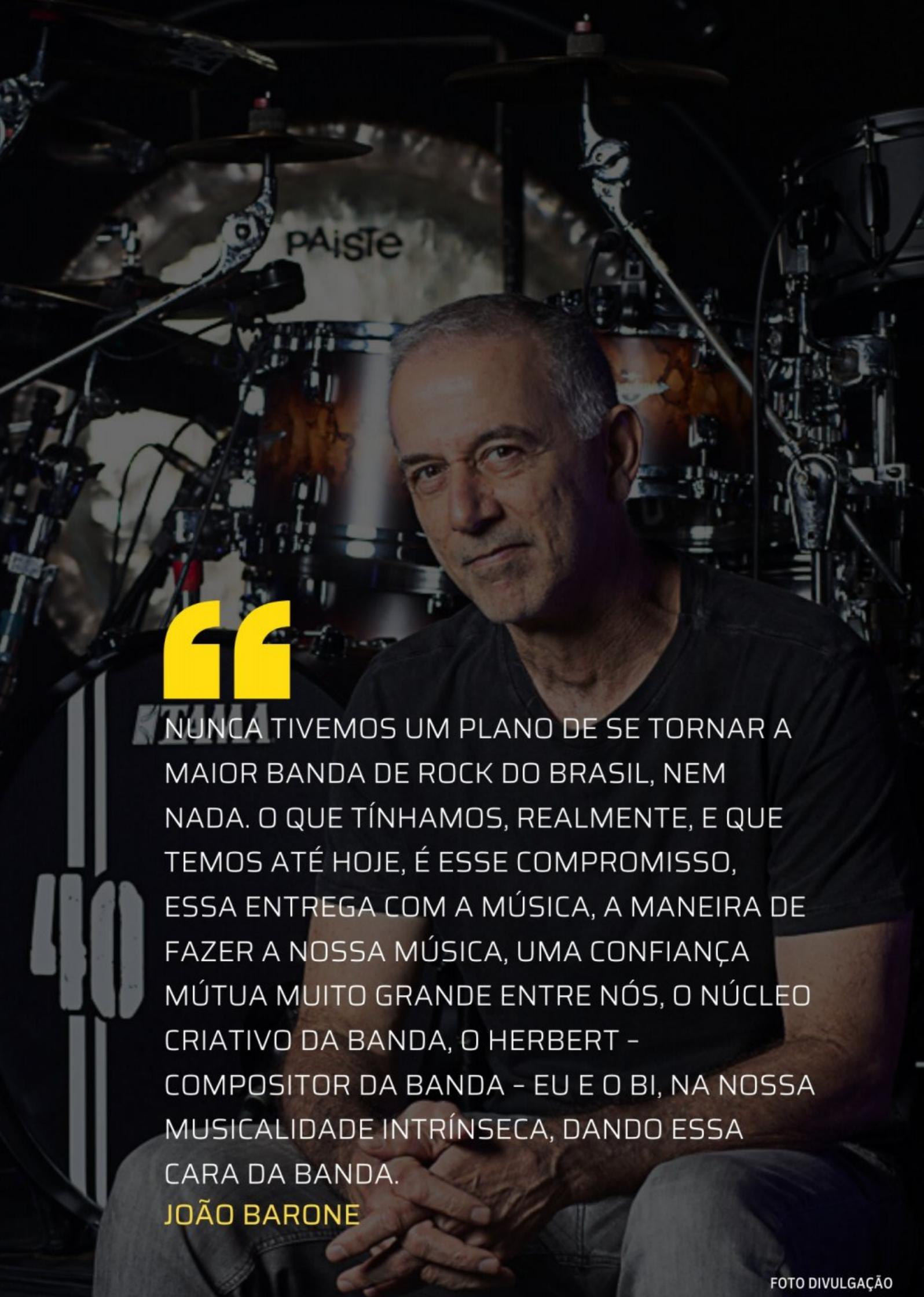
Revista Conexão Literatura: Como foi o contato e a parceria, em 1992, com Brian May, guitarrista do Queen?

João Barone: Dos muitos encontros incríveis que tivemos com outros músicos que admiramos muito, um desses que ficou muito marcante, foi quando fizemos os shows de abertura de uma parte da turnê do primeiro disco solo do Brian May, guitarrista do Queen, em 1992. Encontramos com ele num festival aqui na América do Sul, que aconteceu simultaneamente em Montevideu e Buenos Aires.

O Brian viu que a banda estava com uma resposta muito boa de público nesse show em Montevideu. Ali conversamos um pouco com ele e o empresário, que é ainda empresário do Queen, o Jim Beach. Nós tínhamos uma supervisão muito boa da gravadora EMI, a inglesa, onde estava o Queen e Brian May, que na época



lançava o seu primeiro disco solo. Passados alguns meses, recebemos esse convite para abrir os shows. Fizemos a abertura de oito shows da turnê do Brian May pela Europa e foi uma experiência muito boa. Passou mais um tempo, no final de 1993, a fomos gravar o nosso álbum “Severino” na Inglaterra. Era um sonho nosso gravar um álbum na integralidade, gravar e mixar num grande estúdio. Já tinha alguma experiência de mixagem fora do Brasil, mixamos “Os Grãos” em Los Angeles, em 1991, e o “Big Bang” na Inglaterra, um pouquinho antes, em 1989.



“

NUNCA TIVEMOS UM PLANO DE SE TORNAR A MAIOR BANDA DE ROCK DO BRASIL, NEM NADA. O QUE TÍNHAMOS, REALMENTE, E QUE TEMOS ATÉ HOJE, É ESSE COMPROMISSO, ESSA ENTREGA COM A MÚSICA, A MANEIRA DE FAZER A NOSSA MÚSICA, UMA CONFIANÇA MÚTUA MUITO GRANDE ENTRE NÓS, O NÚCLEO CRIATIVO DA BANDA, O HERBERT - COMPOSITOR DA BANDA - EU E O BI, NA NOSSA MUSICALIDADE INTRÍNSECA, DANDO ESSA CARA DA BANDA.

**JOÃO BARONE**

Depois, convidamos Brian May pra tocar guitarra numa música do álbum “Severino”, canção em espanhol que o Fito Páez fez em homenagem ao Charly García. Era uma baladona rock. Ele foi lá, gravou a guitarra dele. Foi um negócio incrível. Quando vimos estávamos dentro do estúdio com o Brian May gravando vocais pra essa música, que se chama “El Vampiro Bajo el Sol” (tradução: Um Vampiro Sob o Sol).

Foi uma experiência muito incrível que guardamos até hoje, com esse sentimento muito intenso, de estar ali com um grande ícone do rock mundial, fazendo este contato tête-à-tête. Realmente, muito marcante.

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

João Barone: Olha eu acho difícil eu destacar um trecho do livro porque a narrativa dele é muito fluida, as coisas vão se sucedendo ali, quase como uma crônica. Eu poderia, por exemplo, citar uma espécie de “atestado” em defesa dos bateristas, porque os bateristas sofrem muito bullying, (rs) da classe musical. Ao mesmo tempo que são muito reconhecidos por sua importância e a importância da bateria na música moderna. Então, eu dou uma tergiversada sobre isso na

abertura do livro. Eu acho que ficou muito interessante falar da importância do baterista, de como ele deveria ser mais valorizado, ao invés de ser motivo de piadas, como “baterista é aquele cara que anda com músicos”. Nestas páginas, faço uma espécie de defesa da categoria, que acredito ter ficado muito divertido, muito legal.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

João Barone: Bom, como falei em pergunta anterior, dependendo do efeito que esse meu livro vai causar – eu digo isso mais em mim mesmo –, se eu realmente me sentir empolgado pelo resultado do livro, vou continuar contando esses outros 23 anos desde o acidente do Herbert. Estamos há mais tempo junto com o Herbert depois do acidente do que antes. E passado esse tempo (todo), conseguimos nos reconstruir, criar uma nova realidade que estamos vivenciando. As feridas cicatrizaram. Eu estou juntando forças e motivação para conseguir fazer algo que possa ser relevante para contar a história desses últimos 23 anos num próximo livro. Fora isso, os Paralamas estão fortes na estrada, temos muitos shows, este ano faremos o show de quarenta anos do Rock in Rio, temos uma agenda muito movimentada de shows pelo Brasil. Continuamos dando

linha pra essa nossa incrível aventura com a música, fazendo o que mais gostamos de fazer e me sento muito privilegiado em continuar seguindo em frente.



"Minha motivação foi preservar as lembranças dos muitos episódios da nossa jornada até aqui, repleta de alegrias, aflições, amores, tristezas, ansiedades, comédias e tragédias. E de um ponto de vista único e muito especial: sentado atrás de uma bateria.", reflete João Barone.

O livro faz um passeio pela trajetória da banda, ao longo de 84 capítulos. Barone fala sobre o contrato para o primeiro disco, o convívio com outros grupos da geração, as farras nas turnês pelo Brasil e o apoteótico show no Rock in Rio de 1985, que mudou o patamar dos Paralamas do Sucesso. Numa narrativa precisa e embalada de afeto, ele revela ainda os bastidores das gravações de cada disco e como nasceram alguns dos inúmeros sucessos do trio. Barone reconstitui ambientes e diálogos, botando o leitor na cena dos acontecimentos.

Com prefácio de José Emilio Rondeau e orelha de Elisabete Pacheco, ambos jornalistas, 1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso é essencial não só para quem busca conhecer a trajetória do grupo, mas também a evolução do rock brasileiro. O livro traz ainda mais de 80 imagens do acervo pessoal de Barone – quase todas inéditas –, que incluem manuscritos de letras, credenciais de shows históricos, documentos e cartazes do início da carreira.

#### FICHA TÉCNICA

- Título: 1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso
- Autor: João Barone
- Editora: Máquina de Livros
- Páginas: 416

**SIGA JOÃO BARONE NO INSTAGRAM:**  
[@joao.barone\\_oficial](https://www.instagram.com/joao.barone_oficial)



# Um Indulgente Refúgio

POR SELLMA LUANNY

No desenvolver da quimera daquele domínio despontado  
a nutrícia fantasia em andamento...

Da matéria que fatalmente e aos poucos vai cedendo  
um universo paralelo.

Essencial ao sonhador um mutável e certamente único  
sempre fresco regalo...

Volátil enlevo!... A camuflar relevantes falhas.

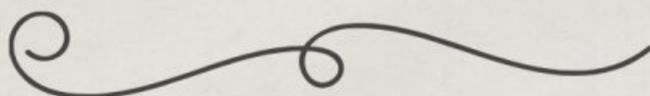
Recriado do melhor da lisura

que a dormente mente da profundidade puxara.

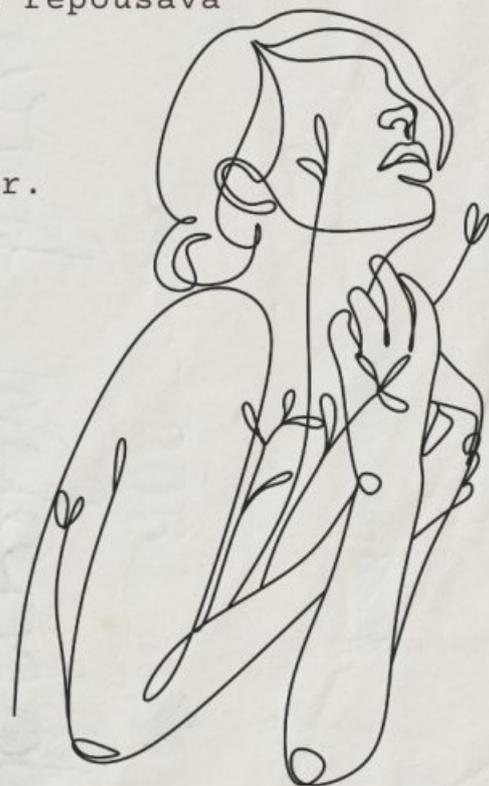
E naquele entorpecimento que em *Morfeu* repousava  
singular entretenimento modelado...

até o aflorar da monotônica lucidez  
pela consciência-relógio...

Com uma ponta de desencanto o despertar.

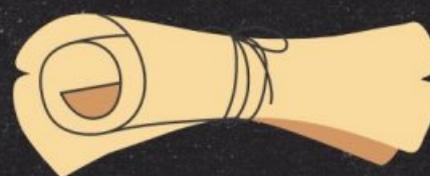


**Sellma Luanny** é brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (*Poemas Matizados*, *Julieta Serei Eu e Lilases*) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



LITERATURA  
PREVENTIVA:  
BLABLABLÁ,  
TREND OU  
DÉJÀ VU?

Por Clarissa Machado



**MINIBIO AUTOR:** Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

**A** Literatura Preventiva é uma prática milenar com registros no Antigo Egito e na Grécia Antiga, e fundamentada na tese de que a literatura, ao trabalhar diferentes linguagens e arquétipos literários, promove um impacto positivo na alma e também no corpo.

Apesar da polêmica que a expressão pode gerar e dos comparativos com Medicina Preventiva e Advocacia Preventiva, a Literatura Preventiva é, como mencionado, um entendimento pretérito que vem ganhando força desde o início deste século, e cujo melhor exemplo talvez seja o da “Pequena Farmácia Literária” (*Piccola Farmacia Letteraria*), livraria italiana em que os livros são vendidos com etiquetas contendo “prescrições”, experiência registrada em livro homônimo pela proprietária do estabelecimento, Elena Molini. Nessa mesma linha, temos as obras: Remédios Literários (Ella Berthoud e Susan Elderkin), A Literatura como Remédio (Dante Gallian), Terapia de Poesia (Dr. Nicholas Mazza), Terapia Literária (Elizeu Rocha) e A Farmácia da Poesia (William Sieghart).

A ideia de literatura como farmácia e livro como remédio, baseia-se tanto na tradição ancestral da Literatura como fonte de cura quanto na etimologia dos termos farmácia e remédio. De acordo com os dicionários, farmácia é a provisão de medicamentos variados para atendimento de urgências ou de primeiros socorros. Já remédio, é a substância usada para conter ou amenizar uma dor, uma doença ou para restaurar a saúde; sendo um sinônimo de medicamento. Em sentido amplo, considera-se remédio qualquer recurso utilizado para aliviar um sofrimento que pode ser emocional, moral ou espiritual; isto é, uma forma de melhorar ou de lidar com uma situação difícil; visto por este ângulo, portanto, é análogo às ideias de assistência, ajuda e auxílio. Curioso notar que em inglês entende-se por “remedy” “preparo caseiro” em oposição a: 1. *medicine* (o que um médico prescreve e se compra na farmácia), 2. *medication* (termo técnico) ou 3. *drugs* (qualquer substância industrializada ou não que seja usada como medicamento). *Remedy* é, por este prisma, um recurso natural, manipulado em casa, como o caso de um chá de alho para tratar um resfriado ou de uma canja de galinha para conforto pós-operatório.

A este respeito, no início de 2024, o ABC+, conhecido portal de notícias do Rio Grande do Sul, surpreendeu os leitores, inclusive acadêmicos, com a matéria “***Escritora aborda literatura preventiva contra a violência em palestras nas escolas***”. A surpresa estava na composição \**literatura preventiva*\*. Na reportagem, que versava sobre a atuação da leopoldense Katia Simone Muller Dickel, professora, Mestre em Educação e autora do livro “Ela Disse Não”, transcreveu-se a declaração da escritora sobre o significado da nomenclatura:

*"A literatura preventiva pode salvar vidas. Através do processo de identificação de casos de relacionamentos abusivos. Uma pessoa que está sofrendo algum tipo de violência, principalmente a psicológica, que é invisível, pode perceber os sinais de seu parceiro e procurar ajuda. A literatura sempre abre portas para reflexões, e um livro com uma temática como esta possibilita mais ainda um alerta, um*

*despertar (...) O bate-papo que terei com os alunos é sobre como foram escritos cada conto do meu livro, com estratégias como suspense, mistério, romance, além de reforçar sobre literatura preventiva.”*

*(ABC+, “Escritora aborda literatura preventiva contra a violência em palestras nas escolas”, de 06/03/2024)*

A partir de tal enfoque, faz-se imprescindível apontar para a *Reading Cure* (cura pela leitura) que também não é uma novidade. Na verdade, faz mais de dez anos que o assunto está borbulhante, e não apenas em razão do gênero autoajuda, mas especialmente porque pesquisadores das áreas de Neurologia, Psiquiatria e Biologia Molecular têm ressaltado que a literatura pode promover cura emocional e mental, favorecendo a saúde física, fatos corroborados por estudos na área de Medicina, como os das Universidades de Sussex (Reino Unido, 2009) em que se apurou que a leitura reduz em até 68% os níveis de estresse; e de Liverpool (Reino Unido, 2006) onde se constatou que a leitura das obras de William Shakespeare, mormente de seus poemas, estimula a atividade cerebral.

Segundo Platão, as musas nos deram as artes para curar nossos circuitos, para ordenar e organizar a alma quando esta saísse do tom. Neste sentido é que a *Palavraterapia* (Terapia da Palavra, Speech-language Therapy, Speech Therapy, Power of Words Therapy, Magic of Words Therapy) tem revisitado tais conceitos e aplicado o uso da palavra como um recurso terapêutico; não se tratando, todavia, do uso de qualquer palavra, e sim de palavras “oportunas”, isto é, otimistas. A premissa de que o poder está na palavra tem embasamento na frase: “o verbo se fez carne” (“*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*” em: Bíblia Sagrada. Novo Testamento, João 1:1) e foi mais recentemente impulsionada pela obra de Gregg Braden “O Efeito Isaías” (2000) e pelos experimentos realizados pelo pesquisador japonês Masaru Emoto (As Mensagens da Água). Vale lembrar que muitas das palavras outrora denominadas “positivas” ou “de poder” tinham origens médicas ou científicas, como era o caso de palavras que constavam nas obras *Liber Medicinalis* e *Res Reconditae*, de Quintus Serenus Sammonicus, isso porque na antiguidade era comum que os médicos prescrevessem palavras para serem afirmadas ou manifestadas junto ao doente.

Logo, *Palavraterapia* alicerça-se na tese de que nos tempos antigos certos vocábulos eram entoados (ou vocalizados ou invocados) com a finalidade de neutralizar, amenizar, apaziguar ou acalmar pessoas com fobias, pânicos, nervosismos, histerias, pensamentos inoportunos (repetitivos, negativos, pessimistas, fatalistas); bem como ideias tristes sobre si, sobre os outros ou sobre o mundo. De fato, as palavras carregam em si símbolos e imagens, motivo pelo qual se diz que a palavra tem o poder de abençoar ou amaldiçoar, e não é à toa que em muitas culturas o nome que se escolhe para alguém é estudado, tendo o significado averiguado previamente para não se direcionar a um indivíduo uma palavra cujo sentido é inadequado. Essas culturas justificam que o nome apropriado é super importante porque cada vez que o proferimos estamos chamando a pessoa daquilo - aquilo o que as palavras significam literalmente. Nesse esteira de raciocínio, a questão fica ainda mais tangível se pensarmos nas expressões que caracterizam agressões verbais, como acontece em casos de *bullying* verbal, psicológico e virtual (*cyberbullying*), este último composto por 7 espécies, dentre elas as que configuram os crimes de calúnia, difamação e injúria.

O tanto que tal compreensão procede é facilmente identificado nos estudos concernentes ao efeito das palavras na vida das pessoas a depender inclusive da forma como se modula, se entona e se interpreta os sons que formam aquela determinada palavra, isto é, se na forma de expressar a palavra encontram-se acastelados emoções agradáveis como generosidade, gratidão, doçura e empatia ou não, e como isto afeta o comportamento dos sujeitos. Não é apenas uma questão de retórica ou oratória, é algo muito mais complexo, o que vem sendo ratificado pela Ciência, a partir de pesquisas sobre o funcionamento do cérebro e de sua neuroplasticidade. O mais proeminente estudo nesta área é a do médico espanhol Santiago Ramón y Cajal, *Pai da Neurociência Moderna*, ganhador do Prêmio Nobel de Medicina (1906) e responsável pelo desenvolvimento da Teoria Neuronal. Essa linha de trabalho prossegue na atualidade, e já são várias as áreas que têm pesquisado o assunto e com auxílio da Neurometria cujos equipamentos são capazes de mapear as reações do cérebro após a escuta de palavras/frases/leituras positivas e negativas.

Levando tudo isso em conta, como se poderia em efetivo pensar atividades que possam ser trabalhadas em Mediação de Leitura e nas Terapias Literárias, a partir da *Palavraterapia*?

A jornada pode ter início com as Leituras Criativas, em especial a Leitura Positiva (Motivacional) onde aforismos, citações, ditos populares e palíndromos constituem ótimas alternativas para trabalhos integrados com Musicoterapia e Filmoterapia. No caso da Leitura Criativa, também conhecida como leitura artístico-criativa, esta possui distintas vertentes a depender do foco: Leitura Afetiva (Affective reading), Leitura Cantada (Sight-reading/ Sight-singing/ Sight-Reading Music/ leitura *a prima vista*), Leitura Colaborativa ou Compartilhada (Leitura em grupo/Collaborative Reading/Shared Reading), Leitura Criativa propriamente dita, Leitura Empática (Empathic Reading/Psychic Empathic Reading), Leitura Expressiva (Expressive Reading), Leitura Performática (Performative Reading), Leitura Positiva (Motivacional), Leitura Racional (Rational Reading), Leitura Recreativa, Leitura Reflexiva (Reflective Reading), Leitura Sensorial (Sensory Reading) e Leitura Terapêutica (Therapeutic Reading). Cumpre ressaltar que esta é uma modalidade que diferencia-se das muito conhecidas Leitura Dinâmica e Leitura Vertical uma vez que incorpora elementos das artes dramáticas e musicais (técnicas teatrais, cantatas literárias, tertúlias, expressão corporal, cinestesia, sonoplastia, imitação de voz, trilhas sonoras, paródias, canto, jogral, trova, rima, cirandas, cantochão) podendo utilizar inúmeros materiais lúdicos de apoio tais como bonecos, origamis, balões, cenários e figurinos. A leitura em voz alta é *condição sine qua non* desta prática que promove o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano, e aqui mais uma vez, tem-se o respaldo de uma universidade de renome, a Universidade de Perúgia (Itália), onde foi implantado o “*Shared Reading Aloud Method*”, que nada mais é do que um tipo de leitura criativa.

O leque de opções expande-se ainda mais se considerarmos duas outras técnicas: Escrita Criativa e Grafia Criativa. A Escrita Criativa (Creative Writing), que é a mais conhecida e tem se consolidado como nova área de atuação profissional, abarca toda a forma de comunicação escrita (línguas, literaturas, mitologias, história, composição musical, tradução, criação literária, estudos literários e as escritas jornalística e científica), o que, portanto, inclui toda a escrita literária (inclusive letras de música, roteiros,

quadrinhos, gêneros híbridos e até *slogans*). Apesar de ser usualmente tratada como apenas uma técnica, a Escrita Criativa, subdivide-se em: Escrita Afetiva (Affective Writing), Escrita Colaborativa (Collaborative Writing/Collaboration and Collaborative Writing), Escrita Criativa propriamente dita (Creative Writing), Escrita Efetiva (Effective Writing), Escrita Emotiva (Emotional Writing/Emotive Writing), Escrita Empática (Escrita Humanizada/Empathetic Writing/Empathic Writing, Empathic Health Writing), Escrita Performática (Escrita Crítica Criativa/Performative Writing), Escrita Reflexiva (Reflective Writing/Reflexive Writing), Escrita Sensível (Sensible Writing), Escrita Terapêutica (Expressive Writing/Expressive Writing Therapy/Therapeutic Writing) e Storytelling Writing (Contaçãõ de Histórias ou Escrita Narrativa).

Diretamente ligada à Escrita Criativa está a Grafia Criativa, incalculavelmente útil em tempos de dispositivos tecnológicos em que não se treina (ou pouco se treina) as mãos para a escrita. Além disso, neste caso, a criatividade transparece nas letras, seja em papel, tela ou tecido, e tal ocupação manual pode representar tanto terapia como fonte de renda. São três as formas mais populares: Caligrafia Terapêutica (Calligraphy Therapy ou Calligraphy Handwriting Therapy), Lettering Terapêutico (Lettering Therapy ou Handwriting Lettering Therapy) e o Scrapbooking Therapy (Scrapbooking Writing Therapy ou Therapeutic Scrapbooking). Salienta-se, a propósito, que a escrita à mão também beneficia o cérebro, melhorando a memória, aumentando a capacidade de compreensão e aliviando estresse, ansiedade e depressão, como recentemente constatado em estudos, realizados com auxílio de eletroencefalograma (EEG), como os da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia (NTNU), cujos resultados foram publicados na Revista *Frontiers in Psychology* (*Handwriting but not typewriting leads to widespread brain connectivity: a high-density EEG study with implications for the classroom*. Janeiro, 2024). Outras universidades têm se dedicado a investigações semelhantes, como as universidades de Chicago e Washington (EUA), e Zhejiang (China). Essa linha de trabalho conta, presentemente, com organizações como Associação Nacional da Escrita à Mão (National Handwriting Association, Reino Unido) e Colaborativo da Escrita à Mão (The Handwriting Collaborative, Estados Unidos) que visam incentivar o retorno da escrita manual e do uso da letra cursiva.

Registre-se ainda que é possível conduzir exercícios na área de *Palavraterapia* por meio das suas próprias subdivisões: 1. Lexicoterapia (Lexical Semantic Therapy ou Lexical Therapy), 2. Mantraterapia (Mantra Therapy), 3. Terapia da Oração e da Intercessão (Prayer Therapy - que é uma prática bem antiga muito utilizada na Mesopotâmia com a prescrição médica de palavras que deveriam ser entoadas perto do corpo da pessoa enferma, como parte do tratamento médico. E sobre isso, cabe indicar as obras: *Técnicas da Terapia da Prece*, do Dr. Joseph Murphy, e *Terapia da Oração*, de Keith McClellan), 4. Magic Spell Therapy (baseada em palavras mágicas e encantamentos) e, finalmente, 5. Magicoterapia (uso do ilusionismo como recurso terapêutico a partir das “palavras mágicas” que precedem os truques de mágica. Acerca do tema “A arte mágica: a percepção em perspectiva”, de Guilherme Ávila, é uma das obras de referência).

Seja na *Palavraterapia* ou em qualquer outra terapia literária, o trabalho do educador, letrólogo ou bibliotecário com formação em Mediação de Leitura, requerer invariavelmente anamnese (entrevista), apuração de preferências ou necessidades: livros

físicos, digitais ou *audiobooks*, curadoria literário-terapêutica, livros por linhas temáticas, podendo contar com clubes do livro e fóruns literários bem como rodas ou cirandas de leitura. E para a construção de um acervo favorável, o mediador poderá inspirar-se nos livros: Manual de Terapia da Palavra (Marly Bezerra Canongia), O Incrível Poder da Palavra: os efeitos do pensamento e da fala sobre nossa vida (Carlos Afonso Schmitt), O Poder da Palavra - frases que transformam vidas (Alberto Luiz Gambarini), O Poder da Palavra (Lauro Trevisan) e O Sentido da Palavra - no princípio era o Verbo (Alfred Baur).

Por fim, uma Literatura Preventiva é, como se pode depreender, um *déjà vu*, uma vez que nada mais é do que o emprego, como na Antiguidade, da palavra para fins educativos e terapêuticos. Em suma, e à conta de tais considerações, convém salientar que a Literatura é também uma cultura de cuidado, o que se justifica por meio dos inúmeros benefícios da leitura para a saúde, singularmente a mental, porém também (e não menos importante) a social como o desenvolvimento de empatia (ou outramento), do pertencimento, da comunicação consciente, eficaz e assertiva; assim como da construção de diálogos de paz com vistas, sobretudo, à Paz Positiva.



20  
24

YOUTUBE

LITERATURA,  
CURIOSIDADES E  
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

# CONEXÃO

# NERD

[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)

APRESENTADO  
POR ADEMIR PASCALE

# A Vida e o Tempo

POR FAUNO MENDONÇA

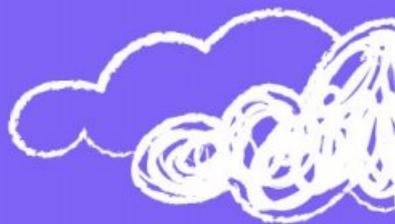
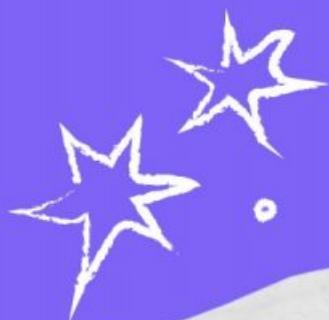
- Quem é você?
  - Eu sou aquele que limita a vida.
  - Desculpe, não entendi. Ninguém é mais importante do que eu. Eu sou a Vida, ninguém pode me limitar. Quer dizer, quase ninguém...
  - Vida, por favor, não seja ingênua e arrogante, afirmo que você sempre dependeu de mim. Seria melhor me dar ouvidos.
  - Não, isso não será possível, sou mais relevante do que tudo que existe, eu sou a Vida e nada pode me deter, somente a dona Morte.
  - Engana-se, sou mais importante do que pensa, afinal você está em mim.
  - Senhor, seja mais claro! Que conversa ruim.
  - Meu nome é Tempo e eu estou em tudo, sou onipresente. Você precisa entender que sua própria vida precisa de mim para ser bem vivida.
  - Estou em você? Bem vivida... Não, isso não é verdade. Apenas te conheço desde criança, mas isso não quer dizer que me submeterei aos seus caprichos. Somente presto e prestarei contas à dona Morte.
  - Entenda, tudo que você fez, faz e fará passou e passará por mim, então acho melhor começar a me observar com outros olhos e dar maior valor à minha presença.
  - Não, eu não preciso de você nem lhe darei essa importância toda. Só presto reverência àquela velha senhora mesquinha e asquerosa, essa sim. Preciso respeitá-la para não ser chamada antecipadamente.
  - Vida, preste atenção, nem a senhora Morte pode me destruir, sou eterno e intocável, mas toda minha força está em você. Sou muito mais poderoso do que imagina, porém, quem me controla é você.
- Naquele instante, a Vida abaixou a cabeça, refletiu, olhou para longe e afirmou:
- Parece contraditório, mas acho que tem razão.
  - Sim, eu tenho. Você precisa me conhecer, ouvir e me respeitar um pouco mais para enxergar melhor. Faça isso, será fundamental até para que não tema tanto a senhora Morte.
- A Vida concordou com os olhos e manteve o silêncio.



## SOBRE O AUTOR

Fauno Mendonça, brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder Judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".





POR ROBERTO SCHIMA

# **GARÇOM,**

TEM UM OVNI NA MINHA SOPA!



Não é de agora que apreciadores mais sisudos de ficção científica torcem o nariz quando veem seu gênero literário favorito confundido com "ufologia". É uma reação análoga a de se achar que Astronomia é o mesmo que astrologia, equivalendo a xingar a mãe alheia do nome mais feio jamais concebido. Em suma, trata-se de um prato de sopa bem amargo.

Confesso que, na adolescência, interessei-me bastante pelo assunto OVNI. Li artigos sobre "casos insólitos" em revistas díspares como *Geração Pop* e *Manchete*, ou em jornais diversos, com a avidez e o espírito crédulo de quem se encontrava pronto a aceitar todas as supostas "explicações". Ansiava pelo mistério e por ver circular entre nós criaturas de outras estrelas que quebrassem um pouco a rotina de um "aborrecente" nipo-tupiniquim da zona leste da capital paulista. Colecionei vários livros e artigos, chegando a iniciar um catálogo cronológico das aparições como se, repentinamente, pudesse descobrir algo naquele monte de relatos: uma periodicidade, uma mensagem oculta, uma área geográfica denunciadora, ou apenas dar alguma ordem naquela confusão de histórias.

Todavia, com o passar dos anos, minha postura se modificou. Fiquei impaciente, já que tudo aquilo não levava a parte alguma. Era um tipo de filme de detetive cujo final não esclarecia o crime ou o criminoso. Tornei-me um cético, mais sedento por seriedade, metodologia científica e isenção de parcialidade.

Minha postura nos últimos dez ou quinze anos coincide com a do falecido Carl Sagan, cuja admiração nutro há tempos e cujo último livro escrito em vida traz um título bastante sugestivo e oportuno: *O Mundo Assombrado Pelos Demônios*.

Os demônios da ignorância temperando a sopa.

Penso que não existe realmente interesse da assim chamada *mídia*, ou mesmo de um ou outro dos denominados *ufólogos*, em esclarecer coisa alguma. Automaticamente, partem da premissa que o OVNI é uma espaçonave alienígena (tornando impróprio o termo Objeto Voador **Não Identificado**, posto julgarem saber do que se trata) e procuram construir "argumentos" com o intuito de nos convencer da veracidade disso. O que importa, a exemplo das histórias de fantasmas ouvidas em noites chuvosas, é o clima de mistério e as reticências no final, deixando a coisa no ar, por conta da imaginação do ouvinte (ou leitor). Existe muito sensacionalismo, muito interesse em atrair a atenção do público (e ter, por conseguinte, uma boa vendagem do livro ou revista sobre o tema, ou conquistar um novo associado para o clube regional de estudiosos de OVNI). E há acima de tudo, no meu entender, um esforço pela preservação dessa aura de mistério, analogamente ao recurso utilizado nas telenovelas do eterno suspense a fim de prender a audiência popular (e conseguirem). George Adamski gerou inúmeros discípulos nesse ensopado de ETs.

Por outro lado, afastando-se as tramoias, paranoias e outras "oias" do ser humano, considero a existência de vida em outros mundos praticamente uma certeza matemática dentro do jogo das probabilidades. É algo fascinante (perdoe-me, Sr. Spock), como o é o estudo da origem da vida a partir de uma sopa de nutrientes primordial. O avanço da Ciência tem posto chão abaixo inúmeras credices antropocêntricas como a de ser a Terra o centro do Universo, ou ser o Homem uma criatura tão divinamente especial que

sua imagem seria um reflexo de Deus<sup>1</sup>. (O que me faz pensar em Woody Allen dizendo para Diane Keaton no filme *A Última Noite de Boris Grushenko*: "Você acha que Deus se parece comigo?!") Nos últimos anos, a Ciência tem feito vislumbrar um mundo somente sonhado na ficção científica ao trazer à tona coisas como: computadores domésticos, energia nuclear, criogenia, engenharia genética, nanotecnologia, descoberta de planetas em outros sistemas solares, cerâmicas supercondutoras, buracos negros, água na Lua, vida ao redor de chaminés submarinas, robótica, biotecnologia, clonagem, realidade virtual, laser, Projeto Genoma, bactérias em Marte (?) etc. Também fez compreender melhor o surgimento da vida e como o Universo é rico em compostos orgânicos.

Acho bastante possível o surgimento de outras formas de vida em algum tempo e lugar do Cosmo, incluindo inteligências mais evoluídas (aliás, observando os noticiários — tanto o nível destes em si quanto as manchetes propriamente —, isso não me parece nem um pouco difícil, e nem precisaríamos sair da Terra para achar seres mais sensatos). Poderia até ser que essa inteligência conseguisse descobrir um meio de se aventurar pelo espaço e romper o obstáculo da velocidade da luz, fosse qual fosse o artifício utilizado, e, sabe-se lá porque cargas d'água, chegar às vizinhanças do Sol. Nesse ponto, sinto um certo preconceito por parte dos cientistas. Teorizam sobre astronaves iônicas, fotônicas ou atômicas construídas pelo Homem no futuro, capazes de atingir outras estrelas, mas torcem o nariz quanto a perspectiva do inverso ocorrer (ou que tenha ocorrido). É o velho antropocentrismo sob vestes modernas misturado à ojeriza causada neles pelos partidários dos OVNI's (os quais também são antropocêntricos a seu modo na medida em que só conseguem enxergar alienígenas humanoides).

Assim, não sou contrário a possibilidade da existência de vida fora da Terra, ou que essa vida pudesse nos achar (ou vice-versa). Eu estaria entre os primeiros a pular de entusiasmo caso isso ocorresse (e em que pesasse o retorno da péssima imagem dada aos alienígenas, divulgadas nos últimos anos através de filmes como *Independence Day*, *A Experiência*, *Marte Ataca*, *Tropas Estelares*, *Star Trek - First Contact*, *O Quinto Elemento* etc.) Oponho-me, isto sim, a atitude de credulidade cega que cerca o assunto e que, em casos extremos, tentam transformá-lo num objeto de culto, numa nova religião<sup>2</sup>. Aliás, segundo alguns mais radicais, o Messias retornará futuramente a bordo de um disco voador... Dirá: "ET phone home"?

Não deixa de ser curioso que, nos primórdios da "ufologia", fosse atribuído a origem dos OVNI's (pelo menos uma parte deles...) ao planeta Vênus, outrora considerado um planeta irmão de tão semelhante, mas inacessível à tecnologia da época. Contudo, a partir do instante em que se comprovou ser a "Estrela Matutina" um inferno inóspito e sem vida, automaticamente transportaram a suposta origem para pontos mais remotos como *Tau Ceti* ou *Epsilon Eridani*, dizendo: "Ei, pessoal, foi tudo um engano de endereço!" Ao menos pelos próximos séculos, tais sistemas estelares estarão tão ou mais inalcançáveis quanto a superfície de Vênus décadas atrás. Os "ufólogos" terão mais tempo para relaxar e inventar outra origem qualquer.

Por outro lado, é justo mencionar a existência de pessoas sérias estudando o assunto. Um debate que teria sido interessante (não sei se tal ocorreu algum dia), seria

<sup>1</sup> Sugiro para reflexão o vídeo intitulado *Pálido Ponto Azul*, muito bem narrado por Guilherme Briggs e disponível no YouTube.

<sup>2</sup> Pertinente mencionar o lastimável caso da seita *Heaven's Gate*, ocorrido em 26/03/1997.

entre Joseph Allen Hynek e Carl Sagan, ambos cientistas e com visões opostas quanto aos OVNI's. Infelizmente, já faleceram. De qualquer forma, seus livros ainda são vendidos e trazem os respectivos pontos de vista.

No mais, enquanto no reino da ficção, os OVNI's podem dar margem a alguns contos, filmes ou romances tão interessantes quanto as melhores histórias de magia e feitiçaria. Uma boa história é uma boa história, independentemente daquilo que se aborde<sup>3</sup>. Não é preciso acreditar em dragões para se escrever um ótimo romance como *A História Sem Fim*, de Michael Ende.

Ao invés da credulidade mística, prefiro apostar mais nas pesquisas de entidades como o SETI, em que pese as limitações da pesquisa radiotelescópica bem como a reduzida esperança de que emissões de rádio artificiais oriundas do espaço exterior possam estar atingindo o planeta justamente no ínfimo intervalo de tempo em que a humanidade foi capaz de dispor dos meios para transmiti-las e detectá-las.

Por fim, caso um dia demonstrem que ao menos um dos objetos voadores não identificados foi efetivamente uma espaçonave alienígena (tripulada ou não), eu não me sentirei logrado em meu ceticismo, mas privilegiado por viver na mesma época em que o evento ocorreu. Nesse meio tempo, acho mais plausível crer na ânsia humana pelo sensacionalismo e na ignorância quanto a fenômenos astronômicos e meteorológicos do que em encontros com escandinavos extraterrestres em trajes colantes.

Garçom, outra sopa, por favor...

\*\*\*

## NOTA DO AUTOR

Este texto foi escrito em maio de 1998 (observações de rodapé são atuais) e, se não me falhe a memória, publicado na mesma época no fanzine gaúcho "Notícias... Do Fim do Nada", do Dr. Ruby Felisbino Medeiros. Tanto tempo depois, continuo a manter a mesma opinião em relação ao tema. Entre 1976 e 1980 — dos 15 aos 19 anos — adquiri livros como: *O Triângulo das Bermudas* e *Sem Deixar Vestígios*, ambos de Charles Berlitz, *A Invasão dos Discos Voadores* e *A História dos Discos Voadores*, ambos de Brinsley Le Poer Trench, *O Enigma dos Discos Voadores ou A Maior Interrogação do Nosso Tempo*, de Hugo Rocha, *Desaparições Misteriosas*, de Patrice Gaston, *Astronaves na Pré-História*, de Peter Kolosimo, *O Planeta das Possibilidades Impossíveis*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *Projecto Livro Azul*, de Brad Steiger, *Ufologia - Uma Pesquisa Científica*, de J. Allen Hynek e vários outros tantos mais. Ao lado deles e pouco a pouco, porém, fui substituindo a leitura por livros como *Astronomia*, Iain Nicolson, *Astronomia - Conhecimentos Atuais*, de Joachim Herrmann, *A Escalada do Homem*, de J. Bronowski, *O Colapso do Universo e Civilizações Extraterrenas*, ambos de Isaac Asimov, *Até que o Sol se Apague*, de Robert Jastrow, *Astronomia e Astronáutica*, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, *Próximos 50 Anos no Espaço*, de Patrick Moore e várias obras de Carl Sagan, destacando *Cosmos*, O

<sup>3</sup> Cheguei a me aventurar sobre isso ao escrever o conto *O Pequeno Ser Prateado*, publicado na *Conexão Literatura* nº 45 ([http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao\\_literatura45.pdf](http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura45.pdf)).

*Romance da Ciência, A Civilização Cósmica, O Mundo Assombrado pelos Demônios e Murmúrios da Terra.* Mais ou menos na intersecção dessas fases, inventei a frase "É preciso conhecer o conhecido antes de penetrar no desconhecido". Creio que resume tudo. Extraterrestres, assombrações e milagres religiosos têm sido a vala comum da ignorância. Em tempos de terraplanistas, vídeos sensacionalistas travestidos de documentários, a persistência de horóscopos e toda sorte de adivinhos bem como a imersão do mundo em uma Nova Idade Média, faz-se urgente a difusão da cultura, da pesquisa e do estímulo ao saber. (RS - 09/08/2022)

### **BIOGRAFIA:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e trinta e seis antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclapp.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



# CONHEÇA O LIVRO

## POUSADA LUZ DA MANHÃ

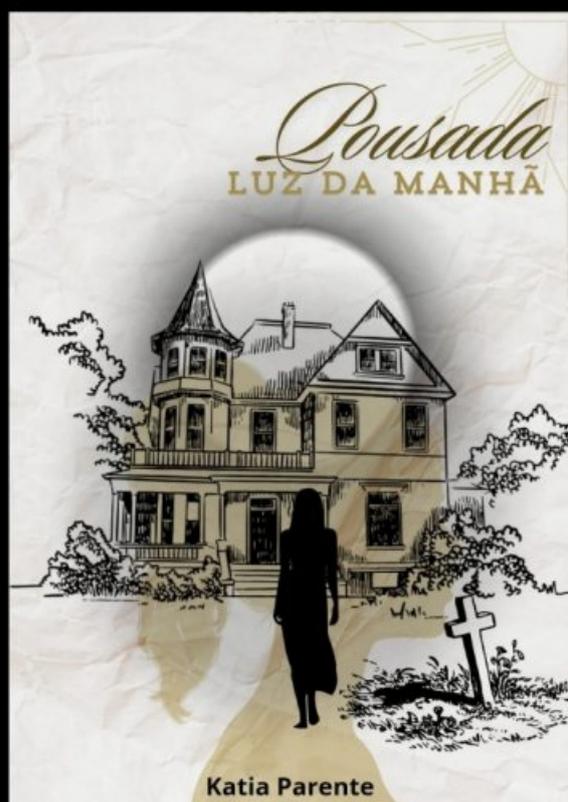
### Katia Parente

Engenheira química, com especialização em meio ambiente, tornou-se escritora com a publicação de seu primeiro romance, *Em busca da fotografia perfeita*, que faz parte da trilogia *Viagens & Lendas*. Publicou outros livros pelo Clube de Autores e em ebook pela Amazon, também participou de algumas antologias e tem um livro de contos: *Histórias que escrevi enquanto corria*.

Criadora do projeto *Cabernet Literário*, que une livros e vinhos, é uma leitora viciada e fã de filmes de suspense e ficção.

SIGA A AUTORA NO INSTAGRAM:

@katiaparente\_escritora 



### SINOPSE:

Após tomar coragem e deixar um relacionamento abusivo com o marido, Luiza vai passar uns dias na casa de praia de Carla, sua única amiga. Ela se instala na casa simples e confortável na praia de Juquehy, Litoral Norte de São Paulo, pensando que será um momento para pensar em sua vida.

Em uma manhã, aproveita o clima ameno de outono e sai para fazer seu treino de corrida e conhecer as redondezas. No final do percurso, chega a uma pousada abandonada, centro de histórias sombrias, sobre as quais os moradores da região não gostam de falar. Curiosa, ela entra na construção e encontra um altar montado, com velas acesas, em um dos quartos, o único cômodo que parece estar preservado, após mais de trinta anos exposto às intempéries. Ela se assusta e retorna para seu treino.

Depois disso, passa a ter visões estranhas, mesmo assim, continua cética em relação a assuntos sobrenaturais e não liga para os conselhos de Carla, sobre banhar os cristais no mar e acender incensos. Durante um de seus treinos pela praia, Luiza conhece Paulo, um engenheiro que tirou seu ano sabático e está trabalhando de zelador na pousada. E o que embora pareça ser uma coincidência, eles descobrem estar longe disso.

Luiza se interessa por Paulo, mas se culpa por ainda ser casada e isso causa um conflito em seu coração, o que intensifica as sensações estranhas que tem sentido, após entrar na pousada.

Enquanto isso, seu marido, Cláudio, vai atrás de Carla, para descobrir onde Luiza está. Ele tem comportamentos agressivos e machistas, acaba sequestrando Carla e perseguindo Luiza, porém seu fim é trágico e inesperado. Luiza luta para se libertar dos conflitos internos, enquanto Carla vê seu passado lhe perturbando com o assunto da pousada ressurgindo e ela se obriga a procurar saber mais sobre os pais, que não conheceu.

As duas amigas se envolvem em um mistério, que perdura há décadas e está conectado com a pousada e, principalmente, com suas vidas. Uma história sobre amor, crenças e descobertas interiores.

PARA ADQUIRIR O E-BOOK NA AMAZON

CLIQUE AQUI 



Dr. Jorge Guedes  
NEUROPSICANÁLISE

# Dr. Jorge Guedes

*Psicanalista*

## Áreas de Atuação:

Psicanalista  
Psicoterapeuta  
Homeopata Naturalista

## Credenciais:

**ITR - 19.066** Registro Internacional de  
Terapeuta- Psicanalista e Psicoterapia

**CONAHOM - 1709** Conselho Nacional de  
Homeopatia

## Redes Sociais:



@psic\_quantica



Dr. Jorge Guedes Neuropsicanálise

## Informações e agendamentos:



Av. Antônio Carlos Magalhães, 846 - Ed. Max  
Center - Sala 321, Salvador, Bahia, CEP 41.825-900



**71 9 9704-2503**



**38 anos de  
experiência**



**Brasil, Portugal,  
Alemanha e França**



**Atendimentos  
personalizados:  
Online e presencial**

Visite o site

[www.drjorgeguedes.com.br](http://www.drjorgeguedes.com.br)

# SEJA GRATO

JAY  
HO

 POR LUIZ F. HAIML E EDGAR LOESER

Oioioioioioioi  
Oioioioioioioi

Jayho Jayho Jayho

Seja grato a todo líder  
a todo líder  
que tem Compaixão

Compaixão não é pena  
Compaixão não é dó

Compaixão é o início da Paz  
meu rapaz

É a arma que evita a Dor

Oioioioioioioi  
Oioioioioioioi

Jayho Jayho jayho  
Seja grato /seja grato

Seja grato a todo o rei  
a todo o rei  
que tem Compaixão

Compaixão não é dar esmola  
Dar trocado também não

Compaixão é o início da Paz  
meu rapaz

É a arma que evita a Dor

Oioioioioioioi  
Oioioioioioioi

Jayho Jayho, jayho

Seja grato ao primeiro ministro  
ao primeiro ministro  
que tem Compaixão

Bolsa família não é Compaixão  
Cesta básica é só coação

Compaixão é o início da Paz  
meu rapaz

É a arma que evita a Dor

Jayho Jayho Jayho  
Jayho Jayho Jayho

Seja grato ao deputado  
ao deputado  
ooooooooooooooooo  
que tem Compaixão

Oioioioioioioi  
Jayho Jayho Jayho

Compaixão é a voz da razão  
Siga sempre em sua direção

Seja grato ao senador  
ao senador  
que tem Compaixão

Compaixão não é populismo  
Só figurar entre a multidão

Seja grato ao vereador  
a todo vereador  
que tem Compaixão

Compaixão  
é o que vai melhorar o real  
Compaixão  
é bem mais do que ser apenas legal

Compaixão é o início da Paz  
meu rapaz  
é a arma que evita a Dor

Compaixão é o Caminho Certo  
Leva a Boa Revolução  
Compaixão é o Caminho Certo  
O resto tudo é só ilusão  
Compaixão é o Caminho Certo  
O resto tudo é só ilusão

Seja grato a todo político  
a todo político  
ooooooooooooooooo  
Que tem Compaixão  
Oioioioioioioi

Jayho Jayho jayho  
Hey hey hey hey  
Hare Hare Hare  
Hey hey hey hey

Compaixão não floresce  
em coração mau e sinistro  
Compaixão não floresce  
em coração mau e sinistro  
Hey o hey o jay ho Jay ho  
Oooooooooooooooooo  
Hey hey hey hey  
Jayho Jayho Jayho

Compaixão a todos os seres  
a todos os seres  
a todos os seres

Só a Compaixão  
traz a coesão  
Só a Compaixão  
traz a coesão

Hare Hare Hare  
Hey hey hey hey  
Jayho Jayho Jayho

@luizfranciscohaiml  
@edgarloeser

A versão musical do texto Seja Grato, com instrumental e vocal de Edgar Loeser, e guitarra de Felipe A. Perondi da Silva, pode ser conhecida nos seguintes links:

<https://open.spotify.com/album/1XyglYse0fIW83QoB4Xlu1si=mZ8LBYILThW7vevTGbCgrg>

[https://youtu.be/scycQ1uuqxQsi=R\\_fc\\_1\\_VTnPClDWd](https://youtu.be/scycQ1uuqxQsi=R_fc_1_VTnPClDWd)

<https://on.soundcloud.com/sa3gP>



# Glória a Jah

Por Luiz F. Haiml

VELHOS DEMÔNIOS  
SEMPRE  
A MINHA VOLTA  
ME LEVARAM  
PARA A LAMA  
ME FIZERAM  
RASTEJAR  
POR ANOS  
MAS  
EU  
NÃO DESISTI

EU NÃO  
DESISTI  
DE ACREDITAR  
E DO CÉU  
EU LEMBREI  
E AO CÉU  
CLAMEI  
E O SENHOR  
PIEDOSO  
VENDO  
MINHA PROVAÇÃO  
MANDOU  
ME BUSCAR

ANJOS BONS  
GRANDES ANJOS  
PELAS TREVAS  
ENTÃO  
DESCERAM  
VIERAM ME SALVAR  
QUEBRARAM  
O PESADO GRILHÃO  
E ME ERGUERAM  
PELO AR

E ENQUANTO  
NUM GLORIOSO  
SUBIR EU IA  
CADA VEZ MAIS  
CADA VEZ MAIS  
EU COMPREENDIA  
CADA VEZ MAIS  
EU COMPREENDIA  
A VERDADEIRA  
COMPREENSÃO

E ENQUANTO  
EU SUBIA  
E SUBIA  
E O SANTO SENHOR  
O PIEDOSO SENHOR  
DE NOVO  
ME ACOLHIA  
EU CONHECIA  
A VERDADEIRA  
COMPAIXÃO

E AS CHAGAS  
DOS MEUS PECADOS  
SE APAGARAM  
SE APAGARAM  
SE CURARAM  
TODAS  
NA PURIFICAÇÃO

ABANDONEI JAH  
MAS JAH  
ME ALCANÇOU  
SUA MÃO  
ME RESGATOU  
GRAÇAS, GRAÇAS  
GRAÇAS, GRAÇAS  
À SUPREMA  
COMPREENSÃO  
ABANDONEI JAH  
MAS JAH  
ME ALCANÇOU  
SUA MÃO  
ME RESGATOU  
GRAÇAS, GRAÇAS  
GRAÇAS, GRAÇAS  
À SUPREMA  
COMPAIXÃO

AGORA O ARBUSTO  
ESTÁ SEMPRE ARDENTE  
E EU SEI A DIREÇÃO  
GLÓRIA A JAH  
GLÓRIA, GLÓRIA  
GLÓRIA A JAH  
RASTA, RASTA  
AGORA EU CANTO  
GLÓRIA A JAH  
RASTA, RASTA  
GLÓRIA A JAH  
GLÓRIA A JAH

JAH É MEU PASTOR  
E NADA VAI ME FALTAR

A JAH, A BOB  
MARLEY,  
A EDGAR  
LOESER, E A  
MINHA MÃE



LUIZ F. HAIML, 59, SAGITARIANO. NATURAL DE PORTO ALEGRE (RS), MORA EM TAQUARA (RS) PROFESSOR MUNICIPAL, ESCREVE FICÇÃO, POESIA, LETRA DE MÚSICA, ALCANÇOU OS PRIMEIROS LUGARES EM ALGUNS CONCURSOS LITERÁRIOS E DESDE 2014 PARTICIPA DE ANTOLOGIAS DIVERSAS. COLABOROU COMO COLUNISTA E COMENTARISTA EM VÁRIOS ÓRGÃOS DE IMPRENSA DA SUA CIDADE (TAQUARA) E DE OUTRAS (TRAMANDAÍ, TRÊS COROAS). CINÉFILO, LOUCO POR SÉRIES, VIDEOMAKER, ROTEIRIZOU ERESHKIGAL, PRIMEIRO CURTA-METRAGEM FEITO EM SUA CIDADE, NO QUAL TAMBÉM ATUA. TEM VÁRIAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS, DE GÊNEROS DIVERSOS, NO YOUTUBE, COMO LFHAIML. SEU LEMA É O DOS BEATLES ALL YOU NEED IS LOVE.  
@LUIZFRANCISCOHAIML

# QUENTE COMO O TRILHO QUANDO O TREM PASSA SOBRE ELE

Por Luiz F.Haiml

esta manhã acordei  
e a manhã estava cinza,  
a manhã estava nublada  
a manhã estava escura  
esta manhã acordei  
e minha alma, honey  
minha alma estava  
estava como a manhã  
meu grole então tomei  
com meu dormido pão  
olhando o trilho do trem  
aquele trilho sem alma  
a se estender sem fim  
lá fora e tão perto  
aquele trilho sem alma  
do trem que te levou  
então eu decidi, honey  
vou por o gasto pisante  
o velho sapato marrom  
vou vestir o surrado casaco  
a gaita no bolso dele  
na cabeça o boné vermelho  
nas costas o violão  
e vou seguir a trilha  
vou pegar  
a trilha do trilho  
do trem  
do insano trem  
em que tu embarcou  
vou te buscar, honey  
vou te levar flores

vou te levar perdão  
para o leste e ao oeste  
para o norte e ao sul  
meio dia/ meia noite  
Paris Texas  
Berlim Bonfim  
Copacabana, meu amor  
todas encruzilhadas  
vou cruzar  
não sei nem onde  
vou chegar  
mas eu vou ir  
vou ir até o fim  
vou ir até te achar, honey  
ah sim ah sim  
não vou parar/ honey/ não vou parar  
até te achar  
vou te trazer de volta  
te buscar  
vou seguir pelo trilho  
que se perde na imensidão  
o trilho do trem  
do insano trem  
em que tu embarcou  
o dia está frio, honey  
o dia está frio  
mas eu estou quente  
eu estou quente, honey  
quente como o trilho  
quando o trem passa sobre ele



LUIZ F. HAIML, 59, SAGITARIANO. NATURAL DE PORTO ALEGRE (RS), MORA EM TAQUARA (RS) PROFESSOR MUNICIPAL, ESCREVE FICÇÃO, POESIA, LETRA DE MÚSICA, ALCANÇOU OS PRIMEIROS LUGARES EM ALGUNS CONCURSOS LITERÁRIOS E DESDE 2014 PARTICIPA DE ANTOLOGIAS DIVERSAS. COLABOROU COMO COLUNISTA E COMENTARISTA EM VÁRIOS ÓRGÃOS DE IMPRENSA DA SUA CIDADE (TAQUARA) E DE OUTRAS (TRAMANDAÍ, TRÊS COROAS). CINÉFILO, LOUCO POR SÉRIES, VIDEOMAKER, ROTEIRIZOU ERESHKIGAL, PRIMEIRO CURTA-METRAGEM FEITO EM SUA CIDADE, NO QUAL TAMBÉM ATUA. TEM VÁRIAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS, DE GÊNEROS DIVERSOS, NO YOUTUBE, COMO LFHAIML. SEU LEMA É O DOS BEATLES ALL YOU NEED IS LOVE.  
@LUIZFRANCISCOHAIML

**POR GILMAR DUARTE ROCHA**



# INFANCIA

O LIVRO ILUSTRADO DA VIDA

Outro dia viajando de ônibus, sozinho, para uma cidade aqui perto de Brasília, fiquei um bom tempo olhando a paisagem do cerrado através da janela do veículo. Eu via, predominantemente, terra seca, quase cor de ferrugem; árvores anãs, umas em tom verde, outras em matiz caramelo; pássaros rasteiros das pernas finas e altas; ausência de pequenos córregos e riachos; casas caiadas, de telhado alto de duas bandas, enfim, tudo diferente do bioma do lugar onde nasci e passei toda a minha infância: a região cacauceira e o baixo sertão baiano.

Um detalhe, no entanto, me chamou à atenção: quando o ônibus parou num ponto ermo para o desembarque de um passageiro, pude ver que um grupo de cinco ou seis crianças arroxeadas brincavam de jogar futebol, com uma bola improvisada de borracha, atrás de um amplo terreiro situado nos fundos de uma espécie de armazém, e aquilo me remeteu a um certo período de minha infância, mais precisamente quando morava num pequeno povoado localizado entre o vale médio do Rio de Contas e o planalto conquistense.

Era criança, e criança é igual em qualquer parte do mundo. De repente, sentado naquela poltrona dura do ônibus, parecia que eu havia entrado em estado de transe; perdia-me em devaneios e retroagia a minha mente vários anos. Via-me, ali, no meio daquele terreiro de poeira ocre, misturado no meio da meninada e chutando a bola sempre para frente, na direção do gol. Só que em outra paragem do Brasil continental. Enxergava-me no campinho de futebol que ficava a alguns metros da minha rua, naqueles idos de minha infância, em que eu perdia a noção do tempo e ficava horas e horas jogando futebol até anoitecer. Volta e meia, chegava em casa sob o auspício da luz lunar. Minha mãe me recebia aos berros e me empurrava peremptoriamente para o banho.

Aquilo virava rotina. Dia seguinte, depois de voltar da escola, almoçava às pressas, atravessava a rua de barro batido e ia direto para o pequeno campo de gramado irregular, uma mistura de lama com tufo de grama selvagem. Quando não havia menino suficiente para jogar bola (ou bater baba, como nós chamamos na Bahia), eu, meu irmão e outro coleguinha disponível, inventávamos que éramos desbravadores das matas das cercanias, muníamos-nos de estilingues e pistolas improvisadas com cano de cabo de guarda-chuva, geralmente abastecidas com pólvora de pequenas bombas juninas, e saíamos com tocas de tecido de flanela enroladas na cabeça no intento de ajudar os índios e combater os usurpadores ingleses trajados de casacos vermelhos. Eu incorporava o espírito de Daniel Boone e abatíamos (entre aspas) o invasor e os expulsávamos do nosso território.

Menino de fato é um rei. O mundo todo cabe na sua cabeça e ele se julga onipotente e onipresente tal qual o pai divino, pois ele é de vera a representação em miniatura do criador de todas as coisas. Certa feita, participava de uma festa noturna, o aniversário de outra criança, numa localidade próxima de casa, e um ser maligno, como enxergava à meia luz um menino mais ou menos do meu tamanho, tentava ameaçar as minhas irmãs menores. A rigor, a coisa — digamos assim — insinuava paquerar as meninas, mas na minha cabeça doida de menino, eu julgava que ele estava tentando fazer algum malefício a elas. A ira, então, subiu à minha cabeça e vendo que a criatura era do meu tamanho, a minha gana de vingança ganhou proporções imensuráveis, eu parti para

cima da coisa aplicando-lhe socos, chutes e pontapés, tal qual o Kung-Fu das telas de TV da época ou um Bruce Lee da telona de cinema. Por um lapso de tempo de tempo, percebi que havia obtido êxito, pois a criatura, ou a coisa, desabou no chão, mas não emitiu sinal algum de dor. Achei estranho. Quando o dono da casa onde ocorria o aniversário acendeu a luz do terreiro onde havia acontecido o duelo, ou o desagravo — sob o meu prisma —, pude perceber com exatidão que o sujeito que eu havia atacado a socos, chutes e pontapés era um ser adulto de mais de trinta anos, tinha o corpo largo e parrudo como o de um adulto e ostentava um pequeno bigode frondoso e bem aparado. O meu algoz era simplesmente um anão e eu, na penumbra do quintal, não havia percebido isso. Após o ocorrido, o disforme cidadão agredido levantou-se com toda a ira deste mundo e avançou sobre mim dando socos de verdade, socos de um nano adulto, e o pavor que me abateu naquela hora aplinou as dores que eu viria a sentir no dia seguinte. A coisa só não determinou em desastre porque o dono da casa, amigo de meu pai, conseguiu remover o micro convidado da festa e a situação voltou a uma normalidade aparente. Digo aparente, porque o duende não se conformou apenas com as porradas que havia me aplicado após eu tê-lo agredido na festa. Nos dias seguintes, talvez semanas, ele começou a me tocar em todo lugar onde eu ia, seja comprar pão na padaria que ficava do outro lado rio; seja no caminho da escola. Mas ele não conseguiu o intento de vingar-se completamente de mim, porque meu pai o denunciou ao tenente Tenório, um militar que fazia às vezes de delegado lugar e o sujeito desapareceu da minha como num passe de mágica.

Estripulias de menino. Vivi outras tantas similares a esta que lhes contei e registrei grande parte delas num livro ainda inédito ao qual dei o título de *Cavaleiros de São Joaquim*.

Enfim, a infância é indubitavelmente a melhor quadra da vida. Existisse uma certidão de existência de um homem e essa certidão fosse composta de uma dezena de livros, a infância não seria apenas a folha de rosto, o frontispício: seria o volume 1, o livro ilustrado da existência de um ser humano. O restante dos volumes, que se incumbiriam de retratar as fases subsequentes, até a velhice extrema, tivessem quantos volumes tivessem, seriam páginas insossas, opacas, burocráticas e escritas exclusivamente em preto e branco, pois as histórias que se seguem à infância tratam apenas de temas onde a gente está sempre ocupado em fazer algo para viver ou para morrer, compondo um quadro sintético com pinceladas de déjà-vu, pleno de nuances repetitivas e de matizes elípticas.

\*\*\*

**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Você não sabe como divulgar

# O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO, NÓS FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE 900 MIL  
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI ←

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**A ARTE  
ESCAPA COM INDEPENDÊNCIA  
NA TRAJETÓRIA  
BIOPSIKOSSOCIAL DA  
HUMANIDADE?**

POR VALÉRIA SÁ GUERRA DE ARAUJO



**arte**



## RESUMO

O artigo aqui delineado traz à baila o posicionamento da arte no mundo. Sua fisiologia, anatomia, e sua representatividade. Problematizando o tema, através do questionamento expresso no título do artigo; que abre possibilidade para uma investigação interessante e incessante sobre a gênese e existência da arte, como testemunha dos fatos, e como prova real dos eventos ontológicos da humanidade, ao longo de sua trajetória biopsicossocial.

## 1 INTRODUÇÃO

A arte é uma forma de representação. Uma técnica que remonta à pré-história do ser humano no planeta Terra. Platão (2017) definiu a arte como representação ou mimesis, que, em grego, significa “cópia” ou “imitação”. Por isso, o significado primordial da arte foi, durante séculos, a representação ou replicação de algo que é belo ou significativo. Até aproximadamente o final do No século XVIII, uma obra de arte era valorizada com base na fidelidade com que reproduzia seu tema, e isso foi particularmente notório durante o Renascimento. Essa definição de boa arte teve um impacto profundo nos artistas. E o que seria o belo? Bem a filosofia: ciência que significa “amor à sabedoria” tentou conceituar o termo, e isto também será tratado aqui, no delineio de este artigo que na verdade busca através de um questionamento “A arte escapa”? no universo do delineio de antes e depois do boom da escrita, responder através dos parâmetros históricos, filosóficos e sociológicos: como? por quê? De que? e se realmente a arte escapa?

A pesquisa é uma forma metodológica e conceitual de esclarecimento e confirmação de possíveis fatos. Sim, a pesquisa é definida como um processo de investigação metódico e sistemático projetado para explorar e desvendar assuntos ou questões específicas com precisão. Essa abordagem metódica abrange a coleta completa, a análise rigorosa e a interpretação perspicaz das informações, com o objetivo de se aprofundar nas nuances de um campo de estudo escolhido.

Justificar uma pesquisa é imprescindível, o problema aqui sugerido nesta ambiência descritiva vem trazer à baila uma investigação historiográfica para responder ao questionamento inicial expressa no título do artigo. A arte está entranhada na história desde os primórdios, afinal o homem primitivo deixou sua expressão artística nas suas primeiras casas: as cavernas. As pinturas rupestres além de arte, hoje reconhecida pelo Homo sapiens, é a linguagem deixada como memorialística dos passos evolutivos da adaptação humanoide a biosfera terrestre.

A problematização de um tema cativa e arrasta o receptor da mensagem, que ávido por uma descoberta ou mesmo uma redescoberta se sente mais à vontade para investigar junto com o pesquisador; ensaísta ou o que o valha. Realmente o objetivo geral é despertar o leitor, o graduando, o autodidata para o senso crítico e profundamente analítico que foge do senso comum.

A história é dividida inicialmente em Pré-História e História, com base na capacidade humana de registrar formalmente os acontecimentos por meio de uma das invenções mais importantes da humanidade: a escrita. Essa invenção permitiu ao homem

não só registrar os acontecimentos, como também os transmitir às gerações futuras. Tal divisão vem sendo criticada por muitos historiadores, que argumentam que a forma de registro não se atém somente à escrita: manifestações artísticas, oralidade e cultura material, entre outras, são também uma forma de recuperar o passado e a história. A tarefa dos historiadores é identificar as fontes que podem contribuir de forma mais útil para a produção de relatos precisos do passado. Essas fontes, conhecidas como fontes ou evidências primárias, foram produzidas nas épocas que são objeto de estudo e constituem a base da investigação histórica.

A arte, como forma de expressão das percepções e sentimentos humanos, dá forma a crenças e sentimentos fundamentais, e, também serve como condutora para a cultura e o registro dos acontecimentos de um determinado período. Como a arte nasce em um determinado contexto histórico, é natural que seja considerada um registro e um reflexo de seu tempo. Assim, toda arte vem atrelada a uma simbologia inerente à sociedade e à época em que é executada. Portanto, também oferece um registro histórico que pode revelar as características de uma época.

As artes rupestres, uma das primitivas formas de comunicação humana, datam do período de 32.000 a. C. a 12. 000 a. C. As primeiras técnicas utilizadas eram bastante simples, consistindo em linhas e traços e em “mãos em negativo”. Esse método resumia-se em colocar as mãos nas paredes das cavernas e assoprar pigmentos em pó sobre elas, a fim de obter a silhueta das mãos

Outras formas de representação surgiram até que o homem primitivo passasse a dominar técnicas claro-escuro, e pinturas com várias nuances de cores distintas. Retratavam-se cenas do cotidiano como caça, dança, luta e sexo. Os pigmentos utilizados eram materiais facilmente encontrados na natureza, como: Inclusive com o advento da escrita e literatura.

Alguns povos, como os indígenas brasileiros, mantiveram sua cultura por meio da linguagem oral. É difícil reconstruir o caminho para a criação da escrita, mas supõe-se que partiu da representação figurativa do mundo, com desenhos de objetos concretos: sol, homem, animais etc. É a chamada escrita ideográfica, que se resume ao objeto representado. Na escrita ideográfica existe um afastamento das figuras originais no significado e na forma, que se torna

## 2.2 As sociedades da era pós-escrita.

Na Europa Antiga, Austrália e China, os mensageiros usavam bastões de madeira, com sinais gravados, para ajudar a lembrar das mensagens. Os antigos incas tinham os “quipos”, cordinhas com fios entrelaçados de várias cores e tamanhos, conosco de diferentes quantidades e distâncias que ajudavam a marcar as informações. estilizada; temos como exemplo a escrita de alguns povos orientais, como os japoneses e os chineses. Assim como as formas de transmissão de informações entre formigas e entre abelhas, a escrita é uma forma de comunicação, e escrever faz parte da evolução da tecnologia. No entanto, ao contrário dos sistemas de comunicação regidos pela evolução genética, a comunicação escrita seguiu as regras da evolução cultural.

A escrita humana evoluiu ao longo do tempo. Essa evolução está longe de ser aleatória: aconteceu para tornar os processos de transmissão de conhecimento do homem mais fáceis de aprender e para fornecer mais informações com mais rapidez e sem

equivocos. A escrita transformou o mundo e fez com que ele caminhasse por meio do conhecimento e da transmissão da cultura até os dias atuais

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A arte começou a ser objeto de estudo no Renascimento, embora apenas se analisasse a produção artística ocidental. Com o passar do tempo, procurou-se também compreender e analisar a produção artística de todas as civilizações, levando sempre em consideração os valores culturais e o momento em que tal arte foi produzida.

Ao estudar a estética como disciplina filosófica, é possível identificar uma grande variedade de definições da arte e do belo. Para São Tomás de Aquino, são três condições necessárias para a beleza: primeiro a integridade ou perfeição, pois o que é incompleto é feio por isso mesmo: depois, a devida proporção ou harmonia: e, por último, a clareza, pois aquilo que chamamos belo tem cor brilhante. Há de se destacar, no entanto, que, ao estudar a estética com disciplina filosófica, é possível identificar uma grande variedade de definições da arte e do belo

Em Platão, por exemplo, o belo existe em si mesmo, separado do mundo sensível, pertencendo ao mundo das ideias num plano superior e absoluto. Seu conceito afasta-se da participação do juízo humano. Para o filósofo, o homem tem uma atuação apática diante da ideia do belo. Por isso, tudo aquilo que está fora do mundo das ideias, pertencendo ao mundo do homem, estaria vinculado à imitação e à cópia: o pintor só faz reproduzir a aparência do

Foi no século XX que a humanidade começou a olhar para a arte de uma forma mais preservativa, e os estudos e a difusão dessas obras passaram a ser protegidos. Então, surgiram instituições, museus, galerias e fundações na iniciativa privada e na pública com a finalidade de preservar e catalogar as obras, levando-as à exibição pública. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), por meio da criação de listas do Patrimônio Mundial, apoiam a conservação de monumentos nos mais variados lugares, independentemente do país em que se encontram.

De acordo com Propus (2019, p. 27): Os sítios arqueológicos são preciosos para pesquisar a história. A arqueologia nos oferece a oportunidade de aprender sobre as culturas do passado através do estudo de artefatos, ossos de animais e, muitas vezes, ossos humanos. O estudo desses artefatos ajuda a nos fornecer alguns insights sobre como era a vida das pessoas que não deixaram nenhum registro escrito. No caso da arqueologia histórica, os artefatos podem nos ajudar a identificar uma cultura e resgatar a história de como era a vida das pessoas que não podiam se expressar pela escrita

E quase sempre os artefatos artísticos transmitem com sua linguagem silenciosa o que se passava culturalmente em cada sociedade primitiva ágrafas. A arte é uma ferramenta maravilhosa que é determinada culturalmente e se modifica com o passar do tempo. As teorias elaboradas pelos artistas oferecem vários caminhos, tanto para as alusões de arte historicamente específicas quanto para as não específicas.

Em um período repleto de condições sociais e culturais contraditórias, de ideologias políticas, de práticas visuais e textuais diversas, e de tecnologias que evoluem constantemente, modificando assim o comportamento social, as teorias dos artistas são

parte do processo por meio do qual a cognição e recepção tornam-se um registro da experiência e consciência humana. Mesmo assim, atualmente, historiadores de arte negligenciam a proposta metodológica apresentada por eles

Toledo (2009) publica um comovente depoimento da artista.

Talvez o núcleo da minha obra tenha se tornado a experiência da multidão, esperando passivamente em fila, mas sempre pronta para esmagar, destruir e adorar a partir do simples comando de um líder. Talvez seja o desejo de determinar qual é a quantidade mínima de pessoas necessárias para que elas desapareçam e transformem-se em uma multidão.

Impressiona-me as situações em que a quantidade de pessoas deixa de importar e, então, quantificá-las deixa de fazer sentido.

Relembrando, o pós-modernismo considerou que as esferas da cultura estão interconectadas e que o conhecimento é construído e determinado pelas relações de poder: “A homogeneidade do discurso universal no modernismo deu lugar à concepção de heterogeneidade social e uma perspectiva multicultural” (STILES; SELZ, 2012, p. 3).

Um governo que cai, um ditador prestes a ser derrubado, ou mesmo uma simples troca de governo em uma democracia são acompanhados, habitualmente, de grande queima de documentos. Poucas coisas escapam ao furor destrutivo dos homens. É o caso dos espanhóis derretendo centenas de imagens – e destruindo a memória indígena – para transformar em barras de ouro no século XVI (LINHARES, 2010).

Pode-se dizer que, em boa parte, o teatrólogo e ator português Gil Vicente é fruto de uma época. Criou o que se convencionou chamar de teatro vicentino, caracterizado pelo poder da sátira. Sua biografia repleta de incertezas se dá aproximadamente entre 1465 e 1536, no contexto do que se convencionou chamar de Humanismo português. É um período iniciado em 1418, quando D. Duarte nomeia Fernão Lopes como guardador da Torre do Tombo, o arquivo central do Estado Português desde a Idade Média, e termina quando Sá de Miranda retorna da Itália, em 1527, trazendo para Portugal a cultura clássica. O Humanismo é um período de transição entre o fim da Idade Média e a Idade Moderna. Caracteriza-se pelo crescimento das cidades e o enfraquecimento do feudalismo. Com a perda de poder dos senhores de terras, os reis se aliam aos burgueses, principalmente comerciantes, passando a dividir com a Igreja o poder político.

Monólogo do vaqueiro ou Auto da visitação, de Gil Vicente, dá início ao teatro em Portugal. A apresentação do monólogo foi feita em comemoração ao nascimento do filho de D. Manuel e D. Maria Castela, D. João III. A peça foi encenada pelo próprio autor que assumiu a personagem como se fosse um vaqueiro e recitava saudava o nascimento de D. João III. Após isso, Gil Vicente passou a ser protegido pela rainha-mãe, D. Leonor, e foi incumbido de divertir a corte da sua época. Os primeiros trabalhos do teatrólogo receberam influências de autores espanhóis, dentre eles Torres de Navarro que escrevia farsas. Porém, com o tempo, Gil Vicente começou a produzir textos com características extremamente particulares, sendo adepto do lema moralista. “Rindo, castigam-se os costumes” é, talvez, uma das frases mais famosas do teatrólogo e era nisso que ele acreditava, isto é, por meio do humor é possível corrigir os costumes e denunciar a hipocrisia da sociedade.

Em suas obras satirizou o povo, o clero e a nobreza, maiores alvos de suas críticas o segmento acima surge como parâmetro que embasa a investigação da problematização proposta neste artigo: “A arte escapa”? Visto que o teatro, a obra cênica, vem funcionando como um porto seguro da liberdade de expressão em termos artísticos, há milênios, segmento a seguir corrobora com a investigação sobre o escape da arte desde seu nascimento:

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente seção, é detalhado o procedimento aplicado na coleta de dados da pesquisa de revisão bibliográfica, adicionando referências a fontes acadêmicas relevantes. O objetivo principal está baseado na análise crítica e na síntese das contribuições existentes nas literaturas relacionadas ao tema em estudo.

Qual a aplicação prática para esta pesquisa, que usa como metodologia Bibliográfica, documental e de levantamento, que de forma qualitativa busca em fontes fidedignas a verdade dos fatos históricos?

Que tal elucidação e comparação venha trazer à sociedade brasileira um olhar mais apurado sobre a arte como instrumento histórico, que além de informar, também conta a trajetória das eras, épocas e coloca o ser humano no palco da descoberta e da redescoberta de sua evolução.

E lembrando da frase do dramaturgo inglês Oscar Wilde pensamos em nunca conceituar ou definir qualquer questão. A filosofia nos diz na figura de Heráclito: “Não entramos no mesmo rio, duas vezes”, já que quando entramos, não encontramos as mesmas águas”.

### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Que tal elucidação e comparação venha trazer aos grupos sociais brasileiros um olhar mais apurado sobre a prática da reflexão em relação a retórica nossa de cada dia e de cada obra artística, desde a arte rupestre até a arte visual, perpassando pela literatura e o jornalismo, que o trabalho seja despertamento, já que nossa pirâmide social nos revela uma intensa desigualdade: com desrespeito redistribuído ao povo dentro de um status quo que incrementa o inchaço da base de esta pirâmide que mantém uma minoria mandatária e neoliberal em seu ápice; gerando assim um mecanismo cíclico de deseducação que continua estimulando a formação geracional de maioria populacional com déficit cognitivo.

Tal déficit ocasiona um esvaziamento da capacidade intelectual humana, que como naufraga não consegue separar o “joio do trigo”; ou seja, não consegue enxergar que a vida imita a arte, e vice-versa.

Descrição dos principais achados da pesquisa de revisão bibliográfica, respondendo aos objetivos do trabalho. Há outra arte imprescindível: a arte da hermenêutica, “Hermenêutica é uma palavra cuja origem está na mitologia grega, envolvendo o deus Hermes, em latim Mercúrio” (ROHDEN, 1999, p. 112). No Panteão grego ele era

associado à linguagem ou fala, pois como deus, poderia nomear as coisas e as pessoas. Também era o intérprete da vontade dos deuses aos seres humanos.

A hermenêutica, como um conjunto do saber humano ocidental, nasceu no século XVII, da necessidade de superar a distância cultural e/ou cronológica que prejudicava a compreensão dos textos antigos, pretendendo determinar o seu significado e demonstrar sua pertinência na atualidade. Ela foi nomeada ou arte da interpretação”

E em função desta modalidade artística, hoje poder-se-á redigir trabalhos acadêmicos como este aqui apresentado, e que ficará perpetrado através das páginas da história.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é uma técnica milenar, recheada de prospecção e imagética, o segmento a seguir demonstra claramente que refletir é fundamental para entender o destino, a origem, e a trajetória da arte no universo histórico dos tempos:

“A arte escapa ela é mais forte que a dor, que o desamor, que a blasfêmia, que a mediocridade, e que a injustiça. A arte escapa, pois denota em sua etimologia: capacidade de fazer algo, uma realização nata. Ela transforma corações e mentes, com sua integridade. E como disse Nietzsche “Temos a arte para não morrer de verdade”.

O teatro é uma arte milenar de transformação e vanguarda, possui a missão sagrada de transmutar, desconstruir e construir o mundo, através de um sujeito/arte e/ou objeto/arte, solicita seu consentimento de apreciá-lo, no caso do ator, por exemplo, ele empresta sentimento ao personagem, até mesmo a sua alma. A alma do ator volita em meio ao A alma do ator volita em meio ao sonho, e faz de um palco um oceano navegável, ou um prostíbulo abjeto, realizando o que o termo exige dele: Ser um HIPOCRITA. (palavra grega usada como ator)

E o termo grego empregado desde a antiguidade clássica não é de uma hipocrisia sórdida, mas expressa todo esse estilo de espírito que deseja representar todos os atos da trama da vida. “Teatro só faz sentido quando o palco é uma tribuna livre, onde se possa discutir até as últimas consequências os problemas do homem. “Disse com propriedade o ator e dramaturgo Plínio Marcos”.

Homens, mulheres, crianças como estes artistas aqui apresentados e representados; perambulam nauseabundos por ruas, avenidas, estradas: São malabaristas, equilibristas, cantores, atores, pintores, desenhistas, que arrastam correntes em um submundo particular de fome, sede e desesperança.

A canção já dizia: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte, a gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé” e nesse rodopio mágico que faz a arte brotar dos olhos úmidos de um palhaço, que precisa fazer rir; mesmo que seu estômago esteja vazio... a *arte escapa*, ela sofre uma eterna metamorfose que tornará a lagarta enfadonha e morosa em uma borboleta bailarina e célere no palco iluminado do teatro; no palco iluminado da vida.

O sonho, faz de um palco um oceano navegável, ou um prostíbulo abjeto, realizando o que o termo exige dele: Ser um hipócrita (palavra grega usada como ator)

E o termo grego empregado desde a antiguidade clássica não é de uma hipocrisia sórdida, mas expressa todo esse estilo de espírito que deseja representar todos os atos da trama da vida”.

“A arte da hermenêutica, que etimologicamente é uma palavra cuja origem está na mitologia grega, envolvendo o deus Hermes, em latim Mercúrio” (ROHDEN, 1999, p. 112). No Panteão grego ele era associado à linguagem ou fala, pois como deus, poderia nomear as coisas e as pessoas. Também era o intérprete da vontade dos deuses aos seres humanos.

Sim, a Hermenêutica também é arte, e leva o indivíduo a realizar a ação da interpretação. Tal ciência aliada ao senso crítico humano - por vezes embotado pelo senso comum – fará da arte um elemento que pode escapar de todo o dilema ditatorial dentro de um sistema desigual e combinado, na trajetória biopsicossocial do ser humano, especialmente com o advento da arte literária.

O *Homo sapiens* está seguindo o curso natural da arte, e dessa forma, verifica-se que a sociologia da arte é tema recente na área sociológica, mas que vem ganhando espaços cada vez mais importantes, rompendo preconceitos e demonstrando que a arte é a relação social de um grupo, de um momento histórico, assim, dever ter seu campo de pesquisa intercruzado com as outras áreas.

E a literatura, que é a arte número 4 no olimpo artístico é uma forma de arte. As representações artísticas tiveram início quando os seres humanos registraram tal arte nas paredes das cavernas para criar representações do mundo e da própria vida. Desde então, foram surgindo muitas manifestações artísticas a fim mostrar os mundos real e ficcional, registrando e representando nossa cultura e nossa história. Então nos primórdios de sua existência o Homo vem contando sua trajetória.

E então foi através de esta arte milenar, que se tornou um marco entre o mundo pré-histórico para o mundo histórico, que o ser humano inicia uma outra epopeia: a memorialística; o gênero literário de memórias, que sai da caixa de Pandora, para garantir ao gênero humano conhecer sua gênese através da grafia documental.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Teoria Estética. Lisboa: Edições 70, 1970. \_\_\_\_\_. Teoria estética. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1972. \_\_\_\_\_. The cultura industry: enlightenment as, mas deception. Berlim, Routledge Classics, 1955. \_\_\_\_\_;

HORKHEIMER, T. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.  
ALENCAR, E. M. L. S. Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas Organizações. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 18-25, abr./jun.1998.

ALTHUSSER, L. O futuro dura muito tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.  
ANDRADE, M. Ensaio sobre música brasileira. São Paulo: Martins, 1942.

ARBEX, J. O poder da TV. São Paulo: Scipione, 1997. BARROSO, P. Arte e sociedade: comunicação como processo campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.  
\_\_\_\_\_. Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística. In: produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte. Tradução: Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. \_\_\_\_\_. A socialização da arte: teoria e prática na América

MEDEIROS, M. B. Arte em pesquisa: especificidades. Brasília: Anpap/ UnB, 2004.  
LOESBERG, J. Bourdieu e a sociologia da estética. Política e Trabalho, n. 16, p. 213-235, set./2000. LOUVRE expõe obra-prima restaurada de Leonardo da Vinci. Último Segundo, 23 mar. 2012. Disponível em: . Acesso em: 7 maio 2016.  
MARCONDES FILHO, C. Televisão: a vida pelo vídeo. São Paulo: Scipione, 1994.  
MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARX, K. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2015  
Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1996b. Coleção Os Pensadores.

MEDEIROS, M. B. Obra e espaço nas exposições de arte. In: MEDEIROS, M. B (Org). Arte em pesquisa: especificidades. Brasília: Anpap, 2004.

A arte escapa. O teatro é a oficina da alma | Brasil 247



Valéria Sá Guerra de Araujo é atriz com registro no SATED-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Vária vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: escritordeluz@hotmail.com

Por Lissandra Königsdorfer

# RESOLUÇÃO



É para consumir  
ou ser o consumo?

Até Hamlet é menos complicado.

Ao som de suas lamúrias e promessas,  
uma espada perfura minhas entranhas.

A recaída em seus antigos hábitos,  
monopolizam os meus suspiros indulgentes,  
como um veneno lentamente terminal.

Haja eu! Em clamar as virtudes na vingança  
e acreditar que usurpei a infâmia mais viciosa.  
Haja eu! Em conter cada impulso increpante  
e me sentir como o indivíduo mais incompreendido.

Se eu capitalizar os meus sentimentos,  
sei que ignoraria as lamentações,  
as quais não estive na percussão.  
Se eu me desconectar dos meus intentos,  
sucumbo na armadilha de galhos secos  
que poderia facilmente ter quebrado.  
Subterfúgios acolhedores, ações deformadas,  
inconscientes de alguma autenticidade.

Recito o indelével, mesmo não se repetindo,  
há memórias com alto custo de execução.  
Como uma entidade mítica, fatalmente surgiria,  
e reivindicaria, a minha parte do acordo inviolável.

Mas ao contrário dos contos fabricados  
para domesticar crianças indolentes.  
Nas ruas em que sangue é derramado,  
não existe comprometimento vitalício.  
Apenas a vergonha do contentamento  
e o repúdio a qualquer incomplicância.  
Contemplando méritos distintos, é resolúvel:  
Meus fantasmas não possuem consolo.



**Lissandra Königsdorfer**, nascida em abril de 2002. É uma jovem escritora, que está descobrindo suas aspirações, o que representa o envolvimento com a literatura e ao mesmo tempo, como isso afeta os seus próprios sentimentos.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

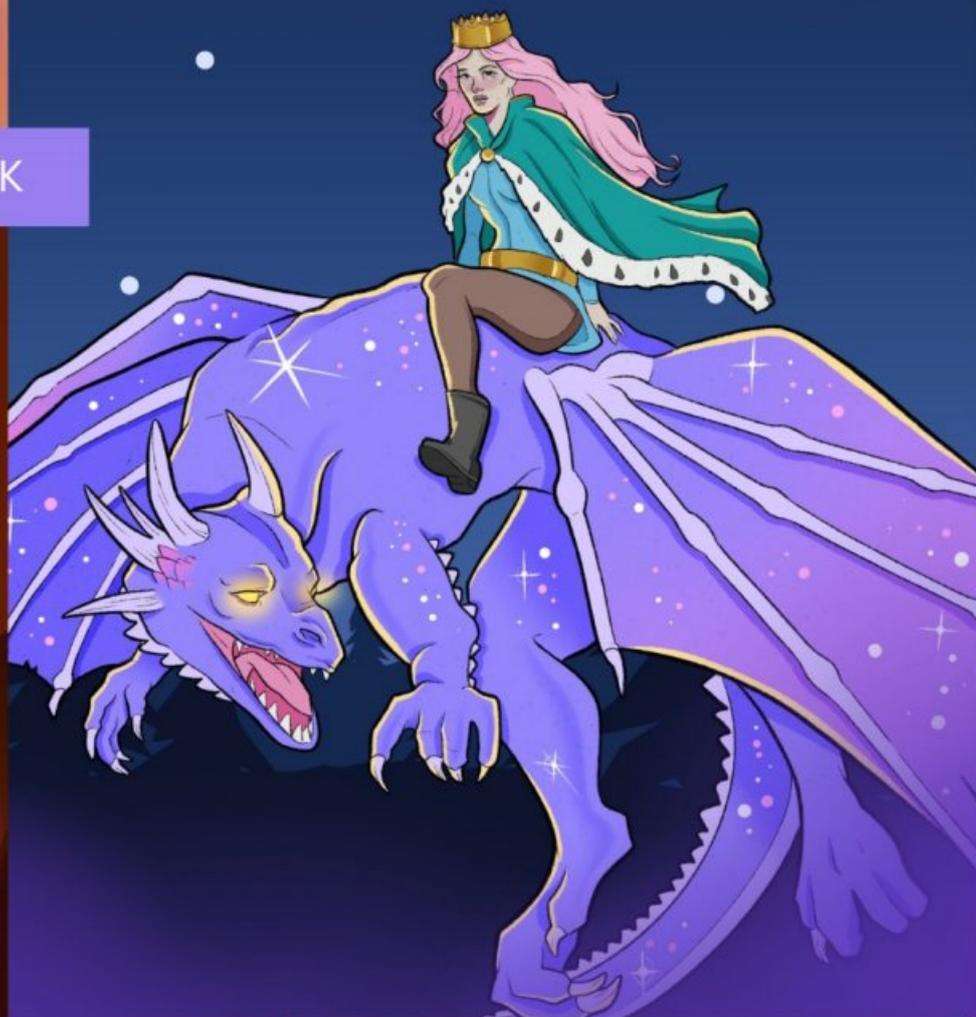
# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

• CONTOS E POEMAS •

## FANTÁSTICOS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

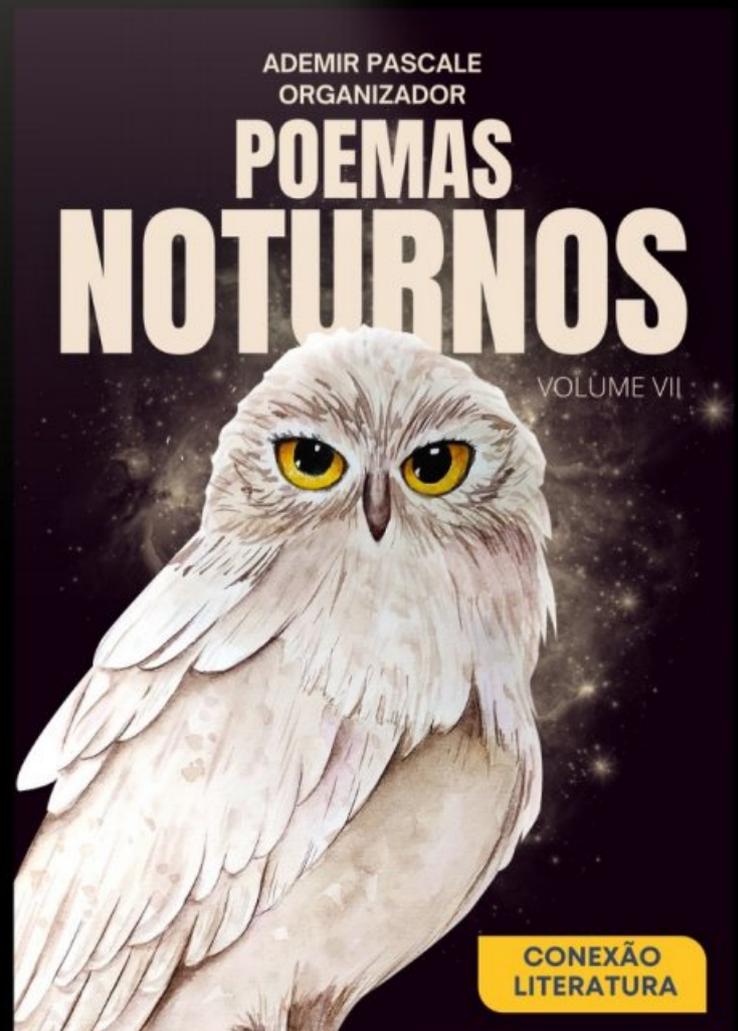
E-BOOK



saiba mais: clique aqui

DICAS  
PARA LEITURA

POEMAS SOBRE O TEMPO - VOL. II,  
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS  
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM  
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.  
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA  
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



POEMAS NOTURNOS - VOL. VII, COM  
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E  
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM  
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA  
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

# Quanto Sofri!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Trabalhando... estava ao piano "tocar"  
Súbito, meu olhar se "despertou"  
Para à entrada de alguém "acordar"  
Pois você, serenamente, como "chegou"

Acompanhado... elegante...  
Hoje, bem importante... imponente...  
Eu, no exato instante  
Como todos, olhares para você somente

Ansiosa, nervosa, dedos tremeram  
Detalhes gostosos, da minha vez, lembranças  
de algum lugar apareceram  
O rosto, por carinho, não resistiu! Totalmente  
vermelho  
Não precisava mirar no espelho

Atrevida, deixei buscas ao "abrigo" de tempos  
passados  
Repercussão surgida no mesmo instante  
Machucando ao coração ofegante  
Pelo tanto que foi por mim amado

Sei lá por quê! Não me cumprimentou  
Fingindo não me reconhecer  
Para mim o Mundo se desmoronou  
Roubando-me vontade de continuar a viver

Horas depois... afinal partiu  
Para todos os presentes, alegremente, sorriu  
Ao "avesso" do coração eu o perdoei  
Mas confesso que, na madrugada lá fora,  
como chorei!

## SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na - REVISTA CONEXÃO LITERATURA - em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa - Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação no Livro ESCREVER CAMÕES.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa - Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa - Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

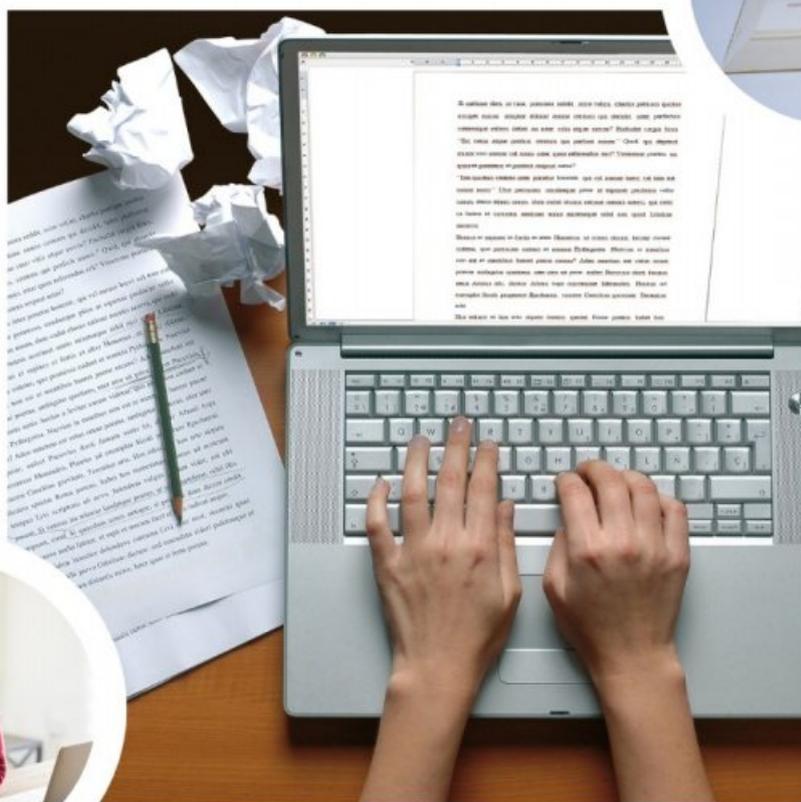
Instagram: joaquimgouvea\_

Email: mjgouvea@hotmail.com

# Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# **BUMERANGUE**

Por Mirian Menezes de Oliveira

**Houve um tempo em que, perdida,  
eu desfiz algumas trilhas.  
Fui ao ponto de partida,  
após vencer muitas milhas.**

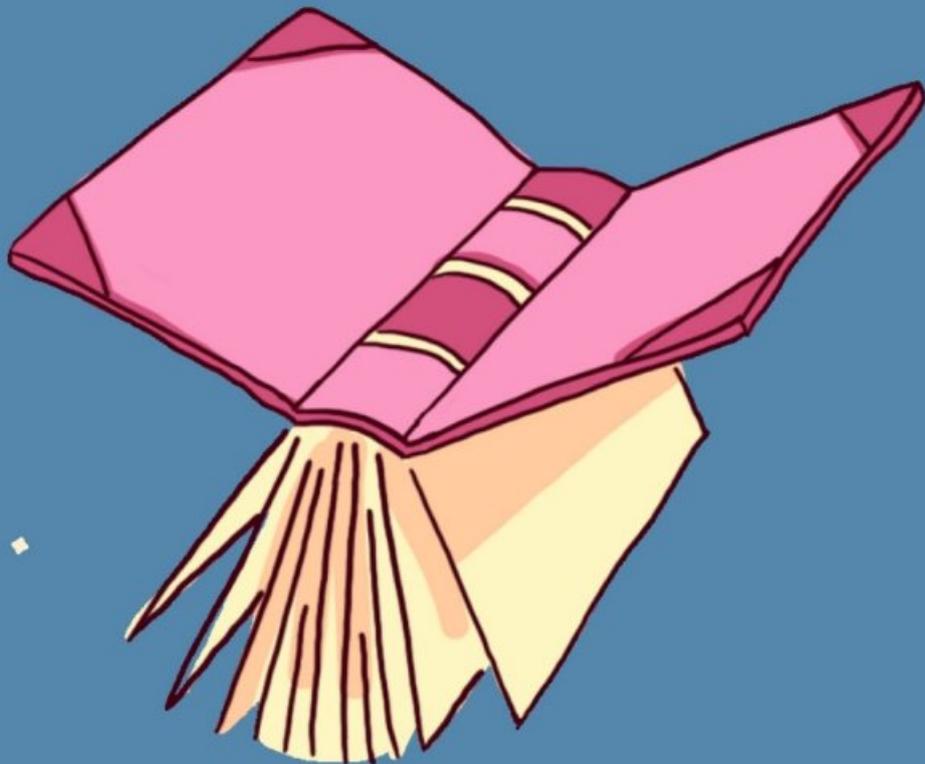
**A essência controvertida,  
em alma tosca e andarilha,  
assumiu rota invertida,  
vivendo várias guerrilhas.**

**Estradas entrecortadas  
misturadas na paisagem,  
levemente, entrelaçadas...**

**Isto é a vida: passagem!  
As rotas espiraladas  
não permitem ancoragem.**

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Deixe que  
os livros  
te levem para  
lugares nunca  
antes vistos

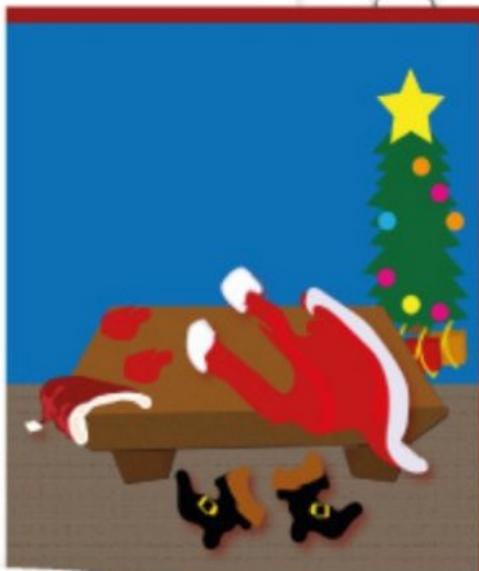
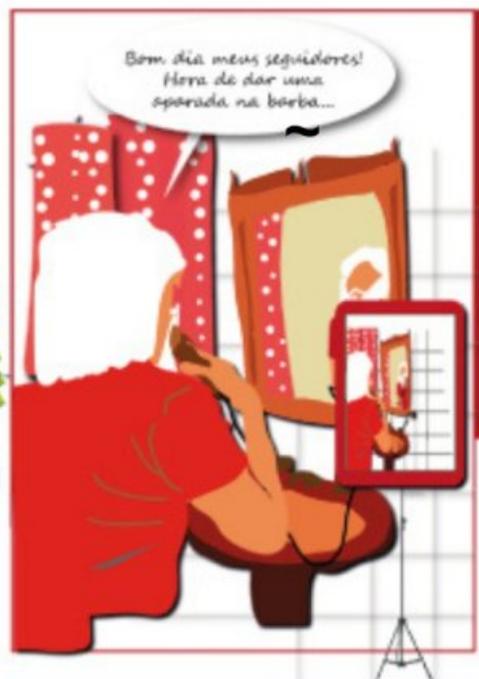


Revista Conexão Literatura

Livro Ilustrado

# Papai Noel virou Veado

(Fake News)



## O que pode ter acontecido?

**“Um história que garanto ser para toda a família. Consumismo, Inveja, Fake News e Homofobia.”**

**@HenriqueMedeirosSérgio**

**Lançamento Outubro/2024 no site:  
[www.henriquemedeirossergio.dev.br](http://www.henriquemedeirossergio.dev.br)**



# ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?  
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

*Conheça as realizações da*  
**CASA BRASILEIRA DE LIVROS**

*Maiores concursos literários do Brasil:*

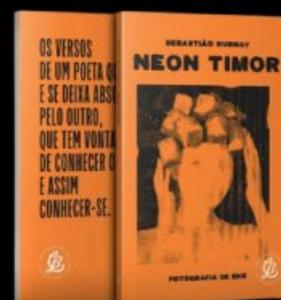


MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

*Edições de novos livros para o mercado brasileiro:*



*Patrocinadora de iniciativas literárias:*

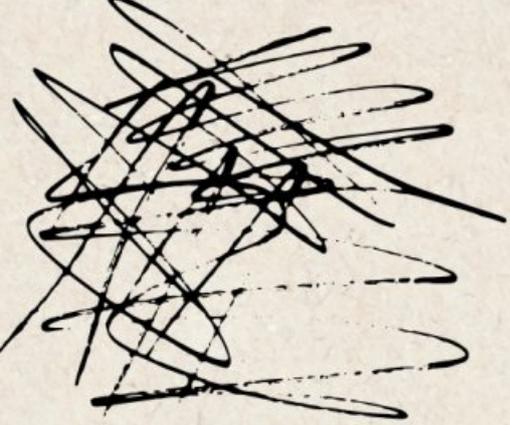
— revista —  
conexão  
LITERATURA

Concursos Literários



*Saiba mais em:*

[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)



# Bestiário de Hécate

Por  
Flavio Joppert  
Heraldista

Da Academia Lusitana de  
Heráldica - e da Associação  
Internacional de Heraldistas  
Amadores.  
Niterói - 2024



## ÍNDICE

- 1 Em memória
- 2 Heraldista
- 3 Palavras Iniciais
- 4 Hécate
- 5 Wicca
- 6 Abelha
- 7 Cabra
- 8 Cão
- 9 Cavalo
- 10 Cobra
- 11 Coelho
- 12 Cordeiro Negro
- 13 Coruja
- 14 Corvo
- 15 Doninha
- 16 Dragão
- 17 Hidra
- 18 Javali
- 19 Lagarto
- 20 Leão
- 21 Lobo
- 22 Mariposa
- 23 Peixe
- 24 Sapo
- 25 Touro
- 26 Veado
- 27 Palavras Finais





1-Em Memória de Jean de Bettencourt



2- O Poeta Heráldista

### 3- Palavras Iniciais

Era uma vez, há muito tempo atrás, quando existiam muitas deusas, Hécate era a Senhora do mundo inferior. Em seu Bosque sagrado, composto por carvalhos, habitavam animais. Esses, considerados sagrados pelo povo que a cultuava como divindade e feiticeira. Ora sacrificavam alguns como vítimas ou oferendas, ora cultuavam outros como a animalização zoomórfica da deusa. Surgindo quando o povo hebreu chegou no Egito, as doze tribos ergueram seus estandartes também quando de lá saíram da escravidão, da mesma forma que nos estandartes do Império Romano, e considerados na semiótica xamânica dos povos celtas da Europa, esses animais, há mil anos atrás, na Idade Média, foram de acordo com a influência das três distintas culturas formando o elenco da heráldica que surgia, como manifestação cultural de então. Esta ciência enraizada no imaginário, agora inconsciente coletivo do povo passou a estilizar os bichos de acordo com as normas técnicas de composição artística, nos brasões de famílias que atendiam o "status quo" da época. Havendo uma convergência ideológica entre os signos das diversas culturas do que séculos após se definiria como inconsciente coletivo. Muitos desses animais existentes então sob uma leitura heráldica, que se desdobraria em simbologia, congêneres entre os animais sagrados de Hécate. Estudando uma análise semiótica através de sucessivas mudanças ideológicas, uma Europa então convertida, voltaria a um jogo de simbolismos xamânicos para a representação simbólica do indivíduo em sua essência. Como trabalho de heraldista, neste bestiário, de brasões alegóricos, e de fantasia, representar-se-á os animais relacionados à deusa das bruxas, quintilhas a moda portuguesa são dedicadas a cada animal, um estudo analítico da simbologia e representações, além da descrição heráldica de cada brasão. Tem-se em mãos um bestiário em forma de armorial para trazer ao leitor uma certa manifestação cultural da Idade Média, a Heráldica por si só.



4- Deusa da Lua



5- WICCA



6- ABELHA



7- CABRA



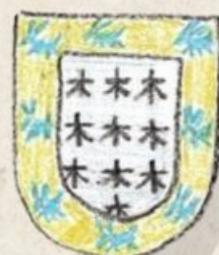
8- CÃO



9- CAVALO



10- COBRA



11- COELHO



12- CORDEIRO NEGRO



13- CORUJA



14- CORVO



15- DONINHA



16- DRAGÃO



17- HIDRA



18- JAVALI



19- LAGARTO



20- LEÃO



21- LOBO



22- MARIPOSA



23- PEIXE



24- SAPO



25- TOURO



26- VEADO

## Bestiário de Hécate (em poesia)

“Essa é de como o poeta cantou com magia aos animais de Hécate.”

### 1- Em Memória de Jean de Betrencourt

Em memória de Tio Jean,  
que foi Senhor Feudal.  
Da Normandia passou as Ilhas,  
havendo solar enobrecido,  
seu sobrinho cantou.

### 2- O POETA

Ao que ilumina brasão,  
a alta distinção:  
ser sagrado cavaleiro,  
comendador e feiticeiro.  
D´ Hécate o bestiário cantar.

### 4- HÉCATE

Senhora da Lua,  
Trina, virgem, mãe.  
O destino tece estrelas  
de tua sabedoria,  
a magia dos bichos cantar.

### 5- WICCA

“Ao que mais casto desejo;  
Amor. Por mais que busque;  
Encanto. Do canto de amar,  
E encontre teus braços  
p´ra neles repousar.”

### 6- ABELHA

Teu mel de abelha,  
muito mais que real.  
Fruto do trabalho,  
sagrado e braçal,  
serviu à Rainha Floral.

### 7- CABRA

Oh! Cabra lasciva,  
as alturas o embuste  
como na Torre de Babel.  
Petulância ver-se no céu  
como bode expiatório.



#### 8- CÃO

Cão de Hades sinistro,  
ora da Deusa ministro,  
lealdade por mais perdurar.  
Tua cor agora responde,  
de vermelho te vou cantar.

#### 9- CAVALO

Cavalo de Tróia dantes,  
da Deusa liberdade sã.  
Aqui te concedo cantar,  
ser Pegasus, p'ra ela  
teu orgulho nobilitar.

#### 10- COBRA

Da Serpente a picada,  
tem cura em seu veneno.  
Adão e Eva pecaram,  
mas os curou no deserto.  
Boa e má devias ser.

#### 11- COELHO

Bondoso coelho!  
Renasce em Ostara.  
Traz a fertilidade da deusa,  
com flores a divina nasce:  
voltando virgem fértil.

#### 12- CORDEIRO NEGRO

Cordeiro vítima casta,  
cor negra da humildade.  
No mundo inferior,  
sua mansidão agrada  
à deusa que te guarda.

#### 13- CORUJA

Coruja tua sabedoria,  
como a da Anciã,  
p'ra qu'eu diga à Virgem,  
nos erros consolar.  
Mortalha d'estrelas vã.

#### 14- CORVO

Pode o Corvo, em ciladas,  
como a Deusa os aniquilar.  
Urgindo no tempo em pulos,  
vendo orgulhos magoados,  
pretas penas com a lua brilhar.



### 15- DONINHA

Doninha, que vive n'água,  
dos peixes devora presas.  
Tua capacidade mais que tenho,  
Arrasta a correnteza em feixes,  
D'elemento água pureza.

### 16- DRAGÃO

Dragão mais que a fé,  
creio na mãe mulher  
Virgem, mãe, anciã.  
Leve-a à minha vida  
aos cantos na manhã.

### 17- HIDRA

Hidra quimera divina,  
deusa sem temor.  
Do medo da morte mortal,  
a eterna inveja havia:  
de seu renascer perene.

### 18- JAVALI

Javali partê p'ra o inimigo,  
o destino consumir.  
A força da magia é perigo.  
Mais que possa pensar,  
teu serviço a Deusa julgará.

### 19- LAGARTO

Ao lagarto venho agora  
cantar a boa magia.  
Perde o rabo numa hora,  
Noutra cresce se dizia.  
O dom de renascer é dela.

### 20- LEÃO

Leão, o mais valente.  
Morada bem conhecida.  
A força do prepotente,  
maldade desconhecida.  
Serviço à Deusa evidencia.

### 21- LOBO

Lobo matilha d'Hécate.  
Cruel destino promissor.  
Na guerra sangrento amor.  
Ousa à deusa servir.  
Prontamente vaticina.



## 22- MARIPOSA

Mariposa destino fiel.  
Lagarta, testemunho  
de renascimento certo.  
Natureza transformando  
bom, mau, juiz, réu.

## 23- PEIXE

Peixe, alma bruta,  
prestes a reencarnar.  
D'álma e magia,  
bem mais que valia  
o feitiço de sonhar.

## 24- SAPO

Sapo, que surge da Terra,  
da metamorfose transforma.  
D'Hécate a magia não erra,  
a realidade deforma.  
Alquimista qual salamandra.

## 25- TOURO

Oh! Boi orgulhoso.  
Boi de Basã.  
Chifre orgulhoso,  
lembra a lua jovem e anciã.  
De Shiva foi companheiro.

## 26- VEADO

Veado animal sagrado,  
de Diana a caça senhoril.  
Ante a divindade,  
é alegria divina.  
Vida no bosque sagrado.

“Do bosque sagrado, do mundo interior, a língua dos bichos com a magia e a arte de cantar e encantar animais pelo poeta.”



## 27- Palavras Finais

Como bruxa rude e áspera, pôde o autor desse bestiário conduzir às conclusões a que agora se apresenta como um conto da magia desses animais. Analisando o caso dos animais de Hécate do ponto de vista heráldico, podemos fixar o a linha de pensamento do imaginário místico que fizeram deles sagrados. No caso da Doninha, ela pode apresentar-se como Furão ou Fuinha. Uma família, dois gêneros, e três espécies, que teriam a mesma representação iconográfica pela heráldica e simbólica também. Assim como o Cavalo e o Burro, sendo espécies diferentes com a mesma representação e significância simbólica. Aspecto diferente entre o Corvo e a Coruja, quando o traço heráldico permite distinguir a nítida diferença entre as duas espécies. No caso do Boi, touro, Vaca, e Bezerro a representação simbólica de significância é diferente dentro da mesma espécie. Já o Cão e o Lobo, sabe-se muito bem que o Cão é do bem, e o outro do mal, porque questões culturais de domesticação, como o Porco e o Javali, sendo uma apenas o aspecto doméstico de uma espécie selvagem. Outros animais pela semiótica da simbologia heráldica são alinhados com a simbologia dos sonhos, como o: SAPO. Em outros ela se desalinha como o: JAVALI. Em certos casos a simbologia se explica compatível com a significância de sacralidade em Hécate. Também em outros não. Muitas vezes a simbologia em suas formas vai apresentar fatos beligerantes como o cavalo, em outros não como o coelho. Mas essa leitura de guerra muitas vezes se dá porque o heraldista consultado analisa baseado numa heráldica baseada nos estandartes do Império Romano, implicando na análise militar da nobreza. O ponto de vista do heraldista que vos serve é deque a heráldica foi fato principal cortesão e de torneio, não de guerra como querem alguns. Assim tem a maior representação desses animais nos estandartes Romanos aplicada ao Touro peça chave no Mitraísmo, seguido pela cabra de capricórnio que remete ao principal deus pagão masculino. Toda via o Bestiário permite expor uma metodologia para trabalhar a heráldica pela heráldica, como para analisar fato a fato gostos e afinidades de grupos, questões antropológicas e culturais segundo a análise de Michel Pastoureau, que disciplinou a Europa entre territórios Imperiais, e não Imperiais. Ponto de partida sem considerar qual a causa ou consequência primeira muitos grupos armoriados "escolheram" o bicho totêmico de sua afinidade deterministicamente por adesão a artes mágicas e divinatórias, criptografando a posição religiosa da família, como um sigilo a ser decifrado apenas por oficiais de armaria, como nos casos de bichos pretos indicando judaísmo. Logo se constata pela representação de características de personalidade de um animal totêmico. Muitas vezes esse individualismo só seria interpretado por menestréis. O brasão só serviria para a recusa de bebidas, mas o bicho que se encontra iluminado nele, vai muito além disso. O sentido inoperante deste caso é a busca da representação em animais da personalidade. Parte dos animais aqui analisados participam concomitantemente de Horóscopos Zodiacal e Chinês, de estandartes Romanos e das Tribos de Israel, além de significar uma adesão universal ao significado ideológico daqueles bichos compartilhados como importância em cinco culturas diferentes, fato que pode ou não atrelar a pertença inconsciente ao grupo da Antiga Religião. Aqui finda o Bestiário.



## SOBRE O AUTOR

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Flavio na Niteroiense de Letras

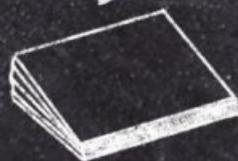
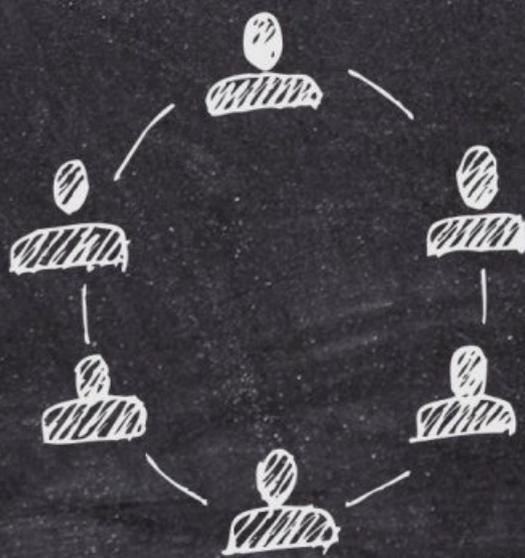




MAIS UMA PÁGINA DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO  
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



[www.facebook.com/conexaogramatica](http://www.facebook.com/conexaogramatica)



[www.instagram.com/conexaogramatica](http://www.instagram.com/conexaogramatica)

QUEM LÊ MUITO  
E VIAJA MUITO,  
MUITO VÊ E  
MUITO SABE.

# DOM QUIXOTE

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# Entrevista exclusiva com Camila Mota

POR ADEMIR PASCALE



Camila Mota - Foto divulgação

Camila Mota, é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, com especialização em Psicopedagogia. Autora do livro, *A poesia em mim*, e participante de duas antologias, entre outros poemas publicados em revistas. Sua trajetória como escritora até o presente momento, destaca uma das suas grandes paixões, a poesia. A autora busca destacar a escrita como fonte repleta de significados no enfrentamento de problemas cotidianos, por meio da beleza poética.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Camila Mota:** Eu sempre gostei de escrever, desde de criança, eu tinha esse sonho de escrever e publicar livros. Com o tempo, fui me aprimorando na escrita de poesias, mas sempre ficavam guardadas no meu diário. Até que, comecei a participar de Antologias há dois anos, e inscrever meus poemas em seleções de revistas, com o incentivo de familiares e amigos, resolvi transformar alguns dos poemas em um livro no ano passado.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A poesia em mim". Poderia comentar?

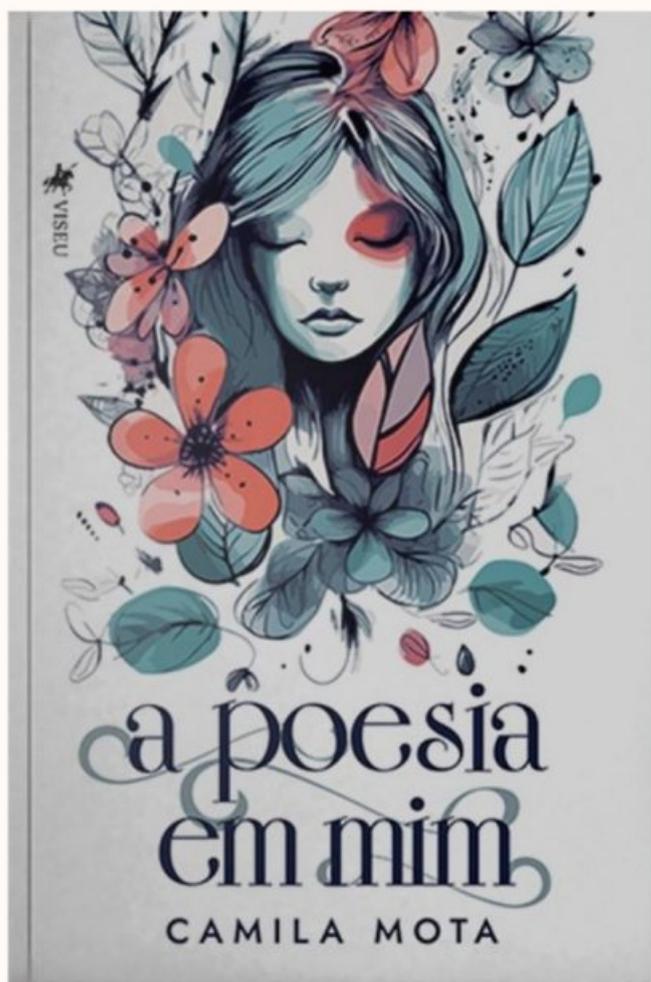
Camila Mota: Esse livro, representa uma Camila que precisava se conectar com o seu próprio eu, mas essa conexão precisava ser emocional. A poesia em mim, é o grito de uma voz que se manteve por muito tempo inquieta, mas silenciada, por mim mesma. É um livro que leva o leitor a se identificar, a encontrar a poesia que existe em si mesmo. É a poesia em mim, que desperta a poesia no outro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Camila Mota: O meu processo de escrita, é voltado para os meus sentimentos no dia a dia, das situações em que somos colocados, os desafios, as superações e tudo que está ao entorno disso. Minhas inspirações estão nas pessoas, na forma sensível que podemos observar o outro, na escuta, nas ações, enfim, não só no viver como ser humano, mas no sentido mais amplo de SER humano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Camila Mota: “ Não sou apenas um livro, muito menos uma simples capa. Sou um sopro de sonho, uma



correnteza de emoções”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Camila Mota: Infelizmente, não percebo um incentivo real à leitura, algo que traga sua busca, e não uma obrigatoriedade como se é colocado. Os programas são frágeis, e emergenciais, sem que haja uma pesquisa e investimento de como despertar e promover essa leitura.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho

literário?

Camila Mota: Meu livro pode ser encontrado na versão impressa, e em ebook nas plataformas, como: Amazon, Google Books, Americanas, Tocalivros, Casa Del Libro, entre outras. Para quem reside em Fortaleza, pode adquirir diretamente comigo, é só entrar em contato por meio do meu Instagram: @cmilamota

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Camila Mota: Sim. Em breve, estarei com o lançamento de um livro infantil.

Perguntas rápidas:

Um livro: A coragem de ser imperfeito

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

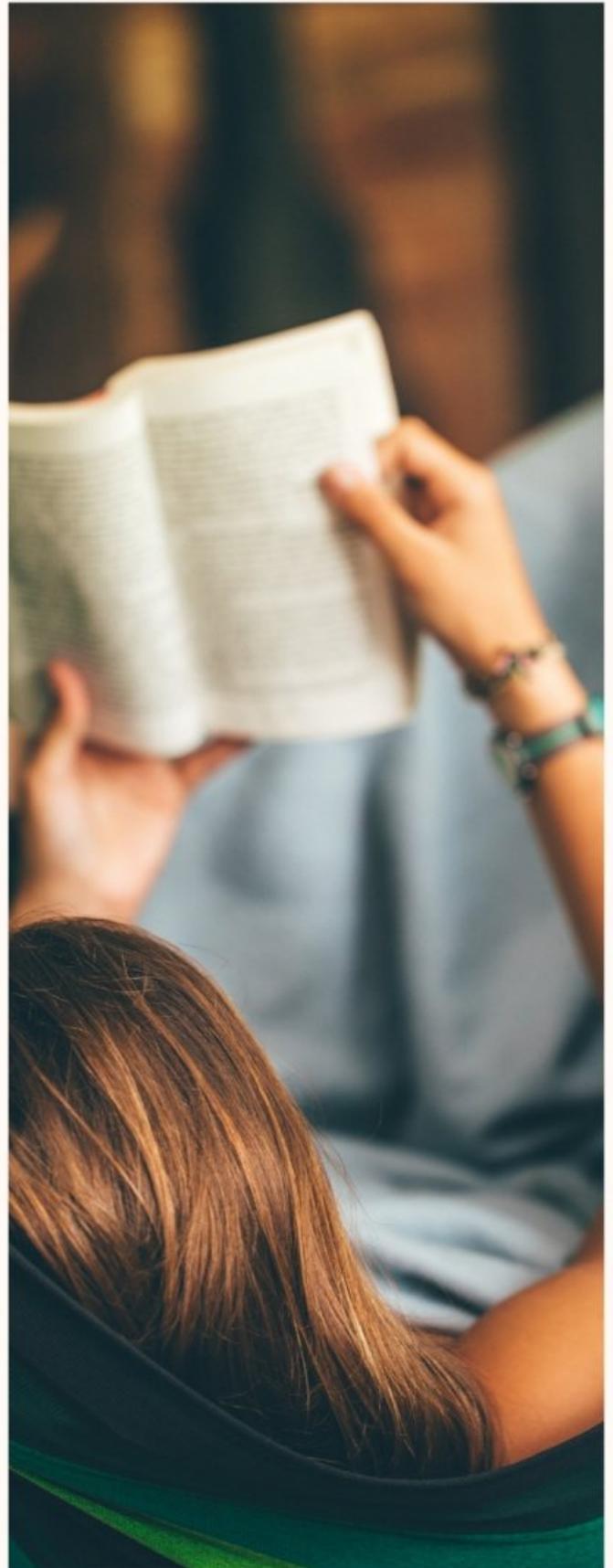
Um filme: O Mágico de OZ

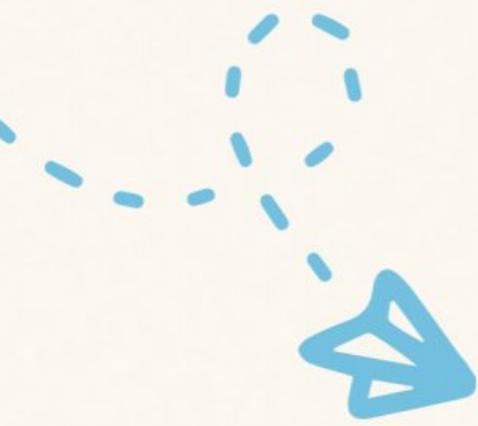
Um hobby: Escrever

Um dia especial: Quando minha família estava toda reunida

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Camila Mota: Gostaria de agradecer a cada pessoa que já dedicou minutos ou horas lendo meu livro, e a oportunidade de participar desse espaço de fala. Obrigada!





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

## A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



# Entrevista exclusiva com José Alfinyahu

POR ADEMIR PASCALE



José Alfinyahu - Foto divulgação

José Alfinyahu é Escritor, Teólogo, Parapsicólogo, Psicanalista, Psicoterapeuta, Mestre em bíblia, Th.D. em Teologia Sistemática, Th.D. em Escritura Grega, Dr. Em Psicologia Pastoral, Dr. Em Psicanálise. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira, Professor na FATEP – Faculdade de Teologia, Psicanálise e Ciências.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Alfinyahu: Comecei a escrever apostilas para o seminário que dava aula, depois passei a escrever teses, artigos para blogs e por fim resolvi transformar os artigos, as teses e tcc em livros para meus alunos. Assim, comecei minha carreira de escritor e hoje tenho livros disponíveis para todos que desejam crescer na graça e no conhecimento.

Conexão Literatura: Você é autor de vários livros. Poderia comentar?

José Alfinyahu: Como comecei ainda jovem, escrevendo aos trancos e barrancos e em máquinas de datilografia, enfrentei algumas dificuldades. Mas, mesmo assim, escrevi uns 54 livros, sendo que a maioria doe para a faculdade de Teologia.

Hoje, registrado em meu nome tenho uns 20 livros dos quais 15 estão na UICLAP, pelo link

[https://uiclap.bio/Jose\\_Alfinyahu](https://uiclap.bio/Jose_Alfinyahu)

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

José Alfinyahu: Para criar um livro eu costumo orar e ler muito. A leitura é um hobby para mim. Comecei aos 7 anos a ler gibis dos meus irmãos mais velhos.

O primeiro livro que tive o privilégio de ler foi a Bíblia, depois vários livros em geral.

Minha inspiração são assuntos que irão de alguma forma ajudar as pessoas a crescerem.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

José Alfinyahu: Meu livro **LÍDERES E PASTORES PSICOPATAS**

Como Identificar e Lidar com eles.

Escrevo dizendo que:

Os psicopatas religiosos sentem-se à vontade na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada, porque é comum o conceito de obediência, nos dias de hoje essa visão está distorcida devido o voto de obediência. Assim sendo, o abuso do poder em nome de Deus torna-se comum e rotineiro para Pastores acometidos do transtorno da psicopatia. O psicopata religioso coloca o ser religioso antes do ser humano e isto vai contra a natureza humana, portanto contra a natureza Divina também. Sendo uma deturpação fatal contra a Igreja. Um abuso atroz contra o ser humano, que é imagem e semelhança de Deus.

Neste livro ensino como podemos identificar e nos livrar das manipulações destes Líderes e Pastores Psicopatas que abrem igrejas para viver as custas da boa fé de pessoas que sinceramente querem adorar a Deus.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

José Alfinyahu: No Brasil existem grandes escritores, o que falta são grandes leitores ou melhor dizendo, falta amantes da literatura brasileira.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu



trabalho literário?

JoséAlfinyahu: Para quem deseja conhecer meus trabalhos literários, basta entrar na plataforma UICLAP pelo link:  
[https://uiclap.bio/Jose\\_Alfinyahu](https://uiclap.bio/Jose_Alfinyahu)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Alfinyahu: Estou escrevendo e já tenho dois livros em processo de revisão e um em negociação com uma editora.

Perguntas rápidas:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Um livro: A Bíblia

Um ator ou atriz: Jô Soares

Um filme: Sociedade dos poetas mortos

Um hobby: leitura

Um dia especial: O dia em que me tornei Imortal.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José Alfinyahu: Vou compartilhar uma frase do meu livro: PESAMENTOS DE UM TEÓLOGO

Quero afirmar que o Sucesso é ter Grandes Visões Futuras e Recomeçar

Sempre.  
José Alfinyahu

Para finalizar queremos presentear os leitores desta revista com uma promoção:

Na compra de qualquer livro nosso pelo link abaixo:

[https://uiclap.bio/Jose\\_Alfinyahu](https://uiclap.bio/Jose_Alfinyahu)

Nós iremos dar um curso de Bacharel em Teologia pela FATEP- Faculdade de Teologia, Psicanálise e Ciências.

Para ganhar basta comprar um livro nosso na UICLAP e enviar o comprovante da compra para nosso e-mail: [j.alfin@hotmail.com](mailto:j.alfin@hotmail.com)

Que enviaremos o curso completo de Bacharel em Teologia juntamente com uma coleção de Bíblias de estudo(Digital) para você estudar no celular, Tablet ou PC.

O certificado do curso é reconhecido pela Convenção das Assembleias de Deus Missão Brasil.





**ANUNCIE**

**SUA LIVRARIA,  
LIVRO, LOJA,  
SITE**

**SAIBA COMO:  
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO

# Entrevista exclusiva com Lucilla Simonsen Paes de Almeida

POR ADEMIR PASCALE



Lucilla Simonsen Paes de Almeida - Foto divulgação

Lucilla Simonsen Paes de Almeida, nascida em 1960, é paulistana, formou-se em língua e literatura Inglesa e Tradução na PUC-SP. Sempre lidou com as palavras escrevendo seus textos e poemas desde adolescente. Em 2021, publicou seu primeiro livro de poemas, textos selecionados e fotografias chamado “RASGADAS”. Atualmente tem escrito crônicas e contos e já foi publicada em alguns livros e revistas por seu trabalho ter sido classificado em vários concursos nacionais.

Conexão Literária: Poderia contar para nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lucilla Simonsen Paes de Almeida: Desde pequena, aos 12 anos, eu já gostava de escrever redações para a escola, e continuei a escrever

durante toda a minha vida. Meu início literário ocorreu, na verdade, quando resolvi publicar o livro “RASGADAS”, em novembro de 2021. São 200 páginas com fotos feitas por mim, textos e poemas dispostos com cuidado em cada página com um design gráfico espetacular, de Claudio Novaes, que conseguiu entender e traduzir em imagens o significado de cada escrita. O livro se tornou, dessa forma, um livro-objeto, uma peça de decoração, um livro também muito bonito, que se pode ter em cima de uma mesa por exemplo.

Conexão Literária: Você é autora do livro “RASGADAS”. Poderia comentar?

Lucilla Simonsen Paes de Almeida: O Livro está aí para tocar as pessoas em um lugar específico, dentro de cada um e fazê-los pensar, sentir. Tenho certeza de que algum texto vai mexer com o leitor de alguma forma. O livro fala de sentimentos: amor, paixão, tristeza, dores, raiva, paixão... O nome “RASGADAS” foi dado para dar referência a situações, corações, palavras, amores, paixões, vidas, declarações que tenham sido “RASGADAS” ... Acredito que o título traduz bem o que o livro é. “RASGADAS” também não é um livro que se lê de uma vez. Pode ser lido abrindo as páginas aleatoriamente, e minha sugestão é que se leia aos poucos, devagar, para digerir cada página com calma.

Conexão Literária: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Lucilla Simonsen Paes de Almeida: Em geral, não sei o porquê, escrevo de madrugada, e sempre usando papel e lápis grafite. Já tenho a ideia de antemão, as vezes escrevo umas palavras ou frases e as deixo até ter a “vontade” de escrever o texto/poema inteiro. Minhas inspirações são situações que eu vivi, ou que imaginei. Ou então uma experiência que alguém passou e me contou. Uma cena de um

R  
A  
S  
G  
A  
D  
A  
S

filme, por exemplo, pode ser o gatilho para um texto (já aconteceu). E como a vida é dinâmica e sempre tem algo acontecendo, inspirações não me faltam.

Conexão Literária: Poderia destacar um trecho de seu livro especialmente para nossos leitores?

Lucilla Simonsen Paes de Almeida: Gosto muito do poema “AINDA”. Ele representa todo o amor que a pessoa ainda sente depois de estar separado de seu amor.

## AINDA

Vais me ocultar nas palavras da tua declaração de amor  
Vais me levar no teu toque ao contemplar a outra pele  
Vais me invadir a memória ao beijá-la distraído  
Vais lhe tocar buscando minhas pernas, meus abraços,  
Minhas mãos, respiração  
Vais lhe forçar bruscamente ao tentar me esquecer  
Vais me procurar nas palavras inúteis, nas risadas forçadas  
Vais lhe comparar à minha paz que um dia te inundou  
Vais insistir, contrariando tuas entranhas  
Vais me escutar nos teus pensamentos  
Vais me levar, a cada despertar.  
O amor não sabe dizer adeus.

**Conexão Literária:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais de você e seu trabalho literário?

**Lucilla Simonsen Paes de Almeida:** O livro pode ser comprado no Amazon.com.br e em algumas das principais livrarias. No Google, você encontra alguns artigos e entrevistas minhas.

**Conexão Literária:** Como analisa a questão da leitura em nosso País?

**Lucilla Simonsen Paes de Almeida:** Na minha opinião, com a “Era virtual”, deixamos de fazer inúmeras coisas. Até amar se tornou algo superficial, líquido, raso. Muitas pessoas não sabem nem conversar quando não estão com o celular nas mãos. E dessa

forma, a leitura sofre, sofre imensamente. As pessoas com essa pressa no mundo atual, querem ler algo rápido, curto, leve. É só olhar o sucesso do mundo do Tik Tok. Mas tenho grandes esperanças de que o hábito da leitura volte, que as pessoas desacelerem e consigam ter um tempo para entrar nesse universo fantástico dos livros.

**Conexão Literária:** Existem novos projetos em pauta?

**Lucilla Simonsen Paes de Almeida:** Sim! Comecei a escrever contos depois que publiquei meu livro e estou adorando. Os contos já foram e ainda estão sendo classificados em diversos concursos nacionais, e já participaram de algumas Analogias. Portanto, logo mais pretendo publicar o meu livro de

contos.

Perguntas rápidas:

Um Livro: Qualquer um de Paulo Leminski

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins e Salton Melo / Cate Blanchett e Marília Pera

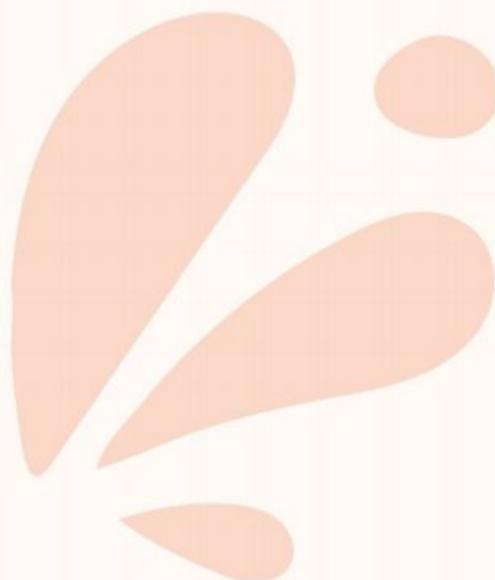
Um filme: Diário de uma Paixão

Um hobby: Cinema, filmes

Um dia especial: Estar com meus filhos e sentir nosso profundo amor

Conexão Literária: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lucilla Simonsen Paes de Almeida: Gostaria de agradecer a oportunidade desta entrevista e agradecer a vocês, leitores que continuam nesse universo. Que não se esqueçam que a cultura é o oxigênio do mundo!



**DIVULGUE O SEU  
LIVRO OU TEXTO NA**



## **Revista Projeto AutoEstima**

**Entrevista: R\$ 180,00**

**Entrevista.** Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

**Texto: R\$ 70,00**

**Poema até 2 páginas, R\$ 70,00**

**Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00**

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

**Contato: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) C/ ELENIR ALVES**

# Entrevista exclusiva com Tibério de Tribschen

POR ADEMIR PASCALE



Tibério de Tribschen - Foto divulgação

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Tibério de Tribschen: Com publicações pela antiga Editora Shogum.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Reficiat Mundum". Poderia comentar?

Tibério de Tribschen: O livro é uma reunião de pensamentos poéticos e filosóficos. Assim como se um diário poético de um autor que gosta de se expressar em aforismos e em extensas e perambulantes deliberações e divagações.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Tibério de Tribschen: Às noites, ouvindo Pink Floyd, Wagner, Philip Glass e outros, deixo-me levar, na penumbra, pelos sentires que surgem, de dentro e de fora.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Tibério de Tribschen: Sim!

Tanto a se fazer / Tanto a se sonhar  
Por aqui busco asas de arrimo / Vou-me adentro com pés de andorinhas  
Forjo mistérios e os solvo a contento / Tudo me fascina e poesia me arrima  
Ah! Sortilégios da vida borboleta! / Sou lagarta feita cavaleiro de rapinas  
Pelo bem de nossas vidas / Assino abaixo dessas linhas  
Em nome das vertentes de cima / Inundo suando as goelas abaixo  
Com o sal das minhas verdades / Com o fel de tanta felicidade  
Poema em êxtase se inicia / Pela thaumázein bendita  
Juntando o todo de tudo / Pelo rigor de cada palavra  
Avoada que se apruma / Em ventos e em rimas  
Que se deita às vontades / Em linhas e esticada  
De cada saudade / Do tudo que passa / Do Eterno de Casa  
Brinco de cirandas com a vida / Brincadeiras de roda  
E tudo gira e gira e me sacode / E nos soltamos aos espaços deste segundo  
Oh! Que salto! Que estalo! Que gole! / Tudo posso e tudo roda  
E giro e gira mundo todo em cima / E rimos  
E ela pisca e me envolve / Eu a envolvo e a absorvo  
Tolo! / Achas que podes?  
Oh! Juro que sim! E voo / Ah! Acho que posso!  
E tudo roda e gira e pronto! / Acabou-se tudo de novo

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Tibério de Tribschen: As pessoas têm pouco tempo, pouca motivação, pouco interesse e pouca curiosidade. Falta-nos a thaumázein.

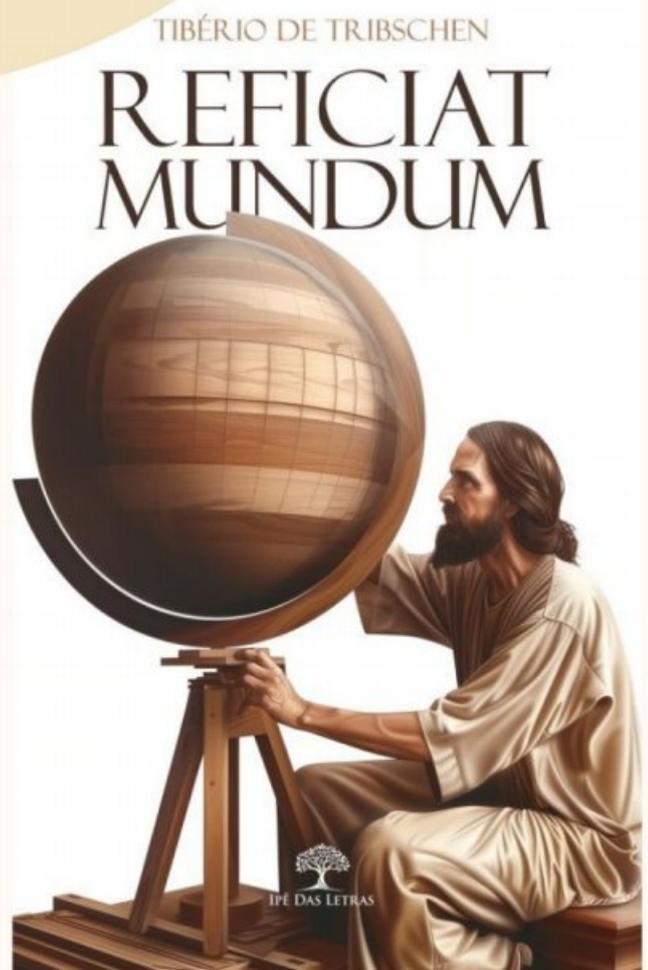
Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Tibério de Tribschen: Pode encaminhar-se pelo site da Editora.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

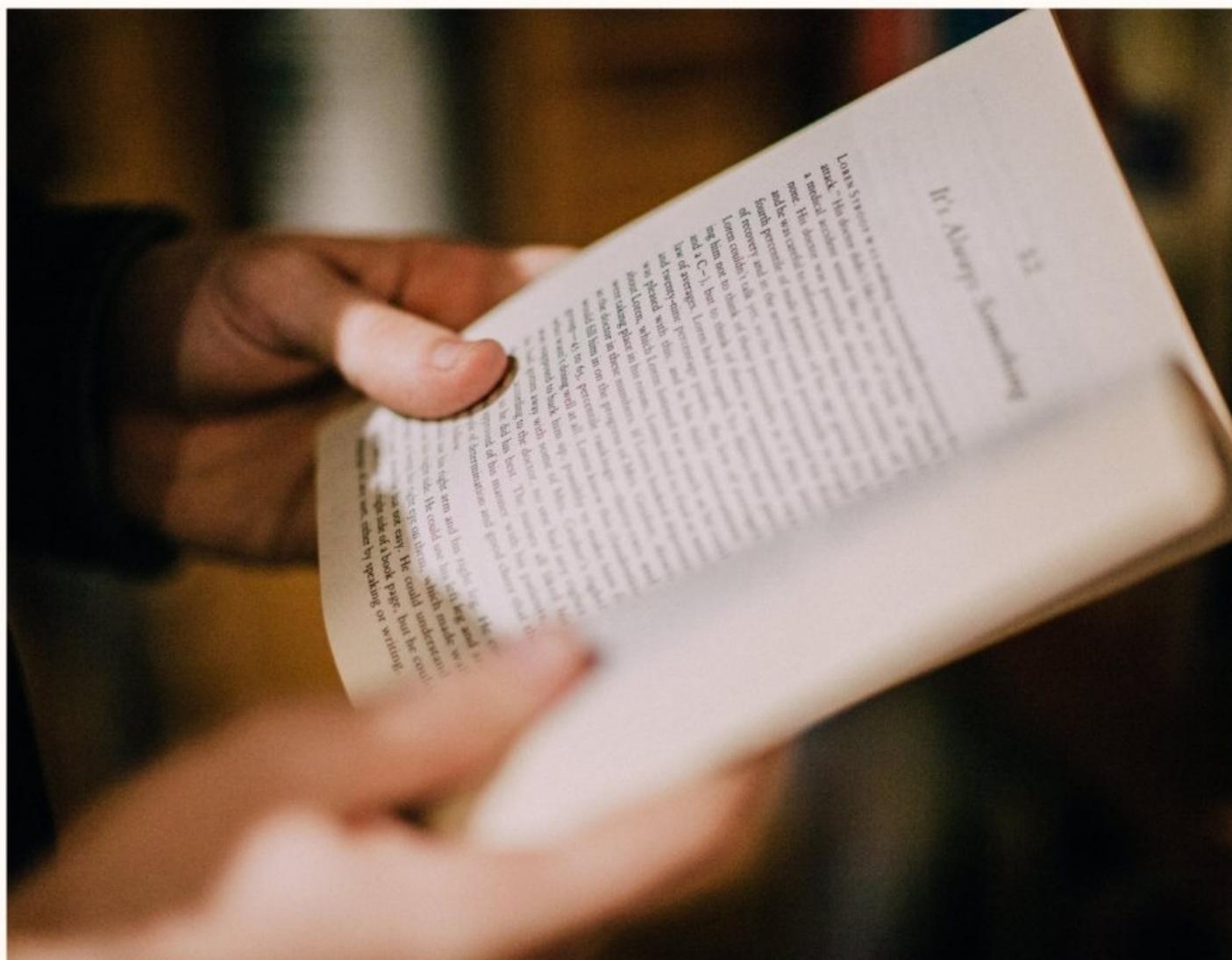
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



Um ator ou atriz: Al Pacino  
Um filme: O Labirinto do Fauno  
Um hobby: ler e escrever  
Um dia especial: todo dia

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Tibério de Tribschen: Somos Eternos. Somos Espíritos e não terminamos de ser, jamais. Então, apostem com Pascal e vivam como se tudo fosse apenas sempre continuar.



Novos vídeos no canal  
**CONEXÃO NERD**



**INSCREVA-SE**

**[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)**

**APRESENTADO POR  
ADEMIR PASCALE**



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POESIAS AO VENTO

VOL.X

E-BOOK



# POESIAS AO VENTO

VOL. X

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA



### Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



### Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



### Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



### Sobre a publicação

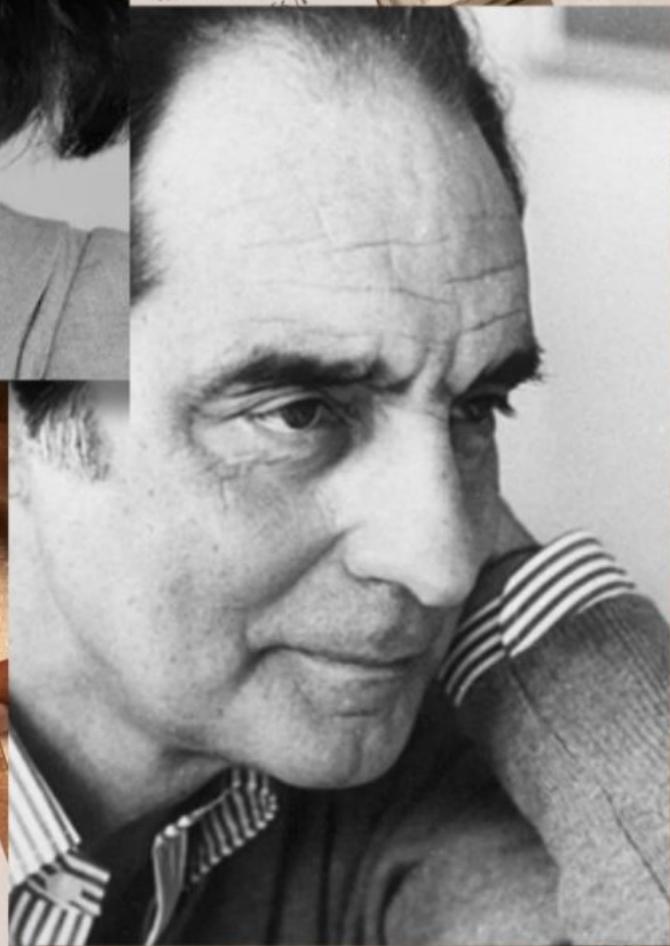
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



look(6)  
Erika Maraschini

inspired by  
Russian costume sarapan



citações  
 de grandes  
 autores

Revista  
Conexão Literatura

A woman with blonde hair, wearing a light beige blazer over a white button-down shirt and dark trousers, is walking on a city street. She is carrying a black shoulder bag and holding a black handbag. The background shows a blurred urban setting with buildings and a street lamp.

“Quando crescemos,  
encontramos maneiras  
de esconder nossas  
ansiedades, nossa  
solidão, nosso medo e  
tristeza. Mas as  
crianças não escondem  
nada, colocam tudo em  
suas lágrimas, que  
correm livremente para  
o mundo inteiro ver.”

**YOKO OGAWA**

A man in a blue cap is shown in profile, looking upwards. The background is a warm, orange-toned sky with several white, fluffy clouds. In the upper left corner, a blue bird is flying. The overall mood is contemplative and hopeful.

“A fé é uma visão das coisas  
que não se veem.”

ITALO CALVINO

Tire o seu conto ou poema da  
gaveta

# ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da  
Revista Conexão Literatura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Leia os editais  
CLIQUE AQUI



POR IRACI J. MARIN

# NO SILÊNCIO DA NOITE

**L**ogo que a viu na soleira do prostíbulo, foi até lá, pegou sua mão, levou-a delicadamente para o centro do salão, disse para todos se afastarem e pediu uma valsa.

Dançaram como se fosse a primeira vez. Mas fazia muito tempo que não dançavam. Casados há muitos anos, Estácio sempre fora atencioso e reverente; fazia o que Martinha ordenava. Ele às vezes também lhe dava algumas ordens. Mas a reciprocidade diurna não se completava de noite e ele se desconsolava. Na cama, ela ficava afastada dele. Mais de uma vez, irritada com a insistência do marido, foi dormir na sala.

A noite em seco lhe deixava de mau humor no dia seguinte, com os filhos e no trabalho. Menos com Martinha; com ela era diferente. Cedo, dava-lhe um *tchau* com a mão e ia para o trabalho. Ao retornar, vinha com um sorriso e disposição. Ia para a cama com expectativa e anseio — que acabavam frustrados. Até desistir.

\*\*\*

Bem vestido, o compadre apareceu para tratar de um assunto com ele. Comentou algumas notícias, falou de sua saúde, e Estácio aguardava o assunto prometido. Ficaram em silêncio por algum tempo, até que ele revelou que ia até o prostíbulo da Juvência. Estácio sentiu uma fisgada no ventre, uma tremura geral, mas também um imediato desejo de acompanhá-lo.

Desta noite em diante, as saídas noturnas de Estácio se sucederam.

Passou-se um tempo e Estácio se tornara assíduo e bem-vindo na Casa. Era toda atenção quando chegava. Ele não se importava com isto, queria só se deliciar com Adine. Gostou dela desde a primeira noite, pelo prazer do sexo bem feito e também porque ela era misteriosamente bonita.

Sabia que antes dele e depois dele vinham outros que queriam a moça. Então nasceu um ciúme hercúleo. Um dia, falou-lhe que queria ela só para ele, que ia sustentá-la com o melhor que podia. Foi um rebuliço no prostíbulo. As companheiras protestaram. A dona mandou todo mundo se calar e falou que cada uma podia fazer como achava melhor, era só lhe pagar o combinado.

Passou-se tempo. Martinha começou a perceber a mudança no comportamento noturno do marido — que não a perturbava —, começou a desconfiar da falta de dinheiro para comprar coisas de que precisava e do perfume que botava na roupa quando fazia as saídas noturnas. Trabalhava em silêncio e não levantava a questão. Mas queria ter certeza da desconfiança que alimentava.

Ordenou ao filho mais velho seguir o pai. Em certo momento, Estácio viu o filho pelo retrovisor. Parou seu Aero Willys. O filho também parou. Chamou-o. Com pouca certeza, se aproximou do pai. Disse por que estava de bicicleta atrás dele. O pai abraçou-o e comentou que era hora dele também conhecer as coisas da vida.

No retorno, o rapaz falou para a mãe que não viu aonde o pai tinha ido. Ela olhou fundo nos olhos dele, que desviou o olhar e foi dormir.

Decidiu ela mesma vigiar o marido. Vestiu-se de preto, esperou que ele saísse e o seguiu de táxi. Descobriu logo que ia para a Juvência.

Não gostou da certeza. Sentiu mal-estar no corpo, dor no peito, tristeza geral. Não conseguia conviver com aquela situação. Não teria sido melhor ter ficado só na desconfiança e tocado a vida? Mas aquela pergunta não fazia mais sentido. O caso mudara de lugar em sua vida.

Não tinha gosto no que fazia e precisava dissimular para ele não perceber seu estado de queda. Era preciso desenrolar aquilo. No fundo, ela sabia o que devia fazer.

Continuou a trabalhar em silêncio, no convencimento de sua decisão. Observava o marido, era igual. Trabalhava, fazia sua parte. Num final de uma tarde, trouxe-lhe uma orquídea branca. Outra vez, trouxe-lhe um vestido estampado.

Uma noite, decidida, colocou o vestido que ele lhe dera, aprumou-se em frente ao espelho, perfumou-se e foi. Parou na porta. Observou o movimento da Casa: homens e prostitutas bebiam, riam e se beijavam. Viu Estácio a um canto, com Adine. Chamou alto o nome dele. Fez-se silêncio. Então Estácio a viu e foi em sua direção. Pegou sua mão, levou-a delicadamente para o centro do salão, disse para todos se afastarem e pediu uma valsa.

Contendo o medo ou a vergonha, ela fechou os olhos e se deixou levar pelos passos cadenciados do marido, que parecia o homem mais feliz do universo.

Depois da dança, ele falou alguma coisa no ouvido de Adine.

Martinha saiu do salão e foi andando.

Ele acenou um adeus aos presentes.

Alcançou a esposa e caminharam lado a lado, no silêncio da noite.

Em casa, foi bom como se fosse a primeira vez e Martinha sentiu a alma leve de novo.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.



POR IDICAMPOS

# A EMPRETTADA DE ERNESTO

**E**rnesto, um tipo que saiu de moda, era honesto pra chuchu, resumia o fruto da sua origem numa educação exemplar. Nem o pai, muito menos a mãe, roubou nada de ninguém. Os pais sobreviviam de informação, abandonaram a ignorância em prol de colocações plausíveis no mercado de trabalho. Davam como exemplo ao filho, passarem em concursos de disputa leal.

Criado nesta ilha de caráter, na escola respeitava os professores, na igreja procurava ser cristão, explicava os deveres aos colegas em sala de aula, oferecia às meninas o carinho aprendido com o papai. Fazia o politicamente correto.

Eta garoto bom! O danado num falava uma mentira, evitava furar fila, beijava mediante consentimento, cedia o lugar aos idosos, tinha empatia com a dor do semelhante, andava de bicicleta na mão certa, um etc.

Na hora de escolher a trilha da vida, procurar a vocação, optou pela medicina; mirou os olhos na compaixão, numa carreira de pertencimento afetivo, uma jornada capaz de deixar um rastro de fraternidade.

Concluiu os estudos de medicina, porém pra lá chegar suou a camisa, queimou a pestana. Acumulou conhecimento, passou no vestibular em terceiro lugar. Saia da universidade, após seis anos, rumo à residência no hospital público.

Inserido no SUS (Sistema Único de Saúde), cursando a especialização em medicina sanitária, aprendeu a acolher os doentes com carinho; tratar o sofrimento alheio feito irmão. Recebia os enfermos — na clínica geral — como matéria do currículo da residência.

No consultório atendia desde bicho-de-pé ao distúrbio mental... Os pacientes amontoavam na espera, chegavam a agendar com intervalos trimestrais. A procura do Doutor Ernesto ocupava, majoritariamente, as telefonistas da marcação de consulta.

Depois da primeira vez a pessoa virava freguês. Ernesto praticava a anamnese completa: vasculhava o indivíduo de cabo a rabo, por pouco não virava o enfermo do lado avesso. O sujeito saía de lá satisfeito.

O elogio ao profissional, no corredor de espera, resvalava os comentários dos beneficiados: — Neste médico eu confio.

— Compartilho do mesmo pensamento.

Conversavam os pacientes do Doutor Ernesto, afinal aquele homem avançava o expediente, fazia vaquinha pra comprar remédios pros assistidos; possuía um coração do tamanho de um ônibus lotado.

Ocupado com a saúde social concluiu a medicina sanitária. Queria contribuir com o comportamento saudável da sociedade contemporânea; estava predestinado a seguir o juramento de Hipócrates.

O fim do curso de Medicina Sanitária trouxe uma mistura de choro com bolo. Os pacientes do Dr. Ernesto, na Clínica geral, fizeram uma festa. A comemoração contou

com bolo, chope e dança; na Quadra da Escola de Samba Leão de Iguazu, próximo ao Hospital da Posse.

O herói cruzou a saída da unidade de saúde, por cima da carne-seca, agraciado com o título de Médico Sanitarista. Apto a tratar a medicina a partir da ciência social — as partes construindo o todo — a natureza social do ser humano.

Com a corda toda, inspirado no médico grego, Hipócrates, patrono dos médicos, absorveu os avanços da medicina, corroborou o espírito da coisa. Prestou concurso, ingressou na Fundação Oswaldo Cruz. Contratado depois da sabatina a cerca do compromisso com a ciência.

Admirava o doutor Oswaldo Gonçalves Cruz, símbolo da fundação; conhecia a trajetória do sanitarista, a história da resistência na gripe espanhola. Uma pandemia, avassaladora, presenciada pelos habitantes do século anterior.

Entendia bem de doença social, recentemente, participara da mobilização contra a negação da pandemia de Covid 19. Contestava os negacionistas, denunciava, no auge da moléstia, o uso de remédios sem comprovação científica no trato da peste.

Na perspectiva da assistência social, questionava o compromisso dos médicos vindos de formação duvidosa. Defendia a ampliação das vagas no ensino público da área médica, mas também maior fiscalização das verbas destinadas ao setor.

Enfatizava a proliferação da clínica médica nas periferias, aspirava a uma política de saúde voltada aos mais necessitados. Objetivava atenuar o sofrimento humano. Envolto nesta ideologia inflou a veia política.

Munido desta retórica ideológica procurou uma tendência razoável, no entanto filiou-se a um partido igual aos outros; engoliu a seco o oportunismo dos membros do diretório. Aproveitou a conjuntura, arrumou uma legenda pra prefeito, conquistou um número, iniciou a campanha.

Investiu nos pobres de espírito, assalariados, famintos, desempregados, mães solteiras, drogados, sem teto, analfabetos políticos, velhos e desamparados. Abraçava a causa dos excluídos.

Certo da vitória nas urnas, sorria de uma orelha a outra, o povo estaria com ele; afinal daria consolo aos carentes, incentivaria agências públicas de emprego, aumentaria o valor do mínimo, abriria restaurantes populares (vide Josué de Castro).

O coração puro de Ernesto olhava o mundo pela janela da alma, achava no íntimo de si, baseado na boa leitura, que todo ser nasce bom a sociedade que lhe corrompe. Acreditava no eleitor, na consciência inata da cidadania..

Continuou a peregrinação, a vitória acenava no horizonte, venceria com certeza. No desenrolar da militância estimulou a retirada de documentos de identidade, certidão de nascimento, CPF, título de eleitor, carteira de trabalho; orientava os eleitores na confecção dos registros formais.

As genitoras sós seriam contempladas com creches, favorecendo o inserimento delas no mercado de trabalho. Ofereceria tratamento aos dependentes químicos, reconduzindo-os aos lares. Desenvolveria, no município, um projeto habitacional sanando a demanda da casa própria. As escolas formariam as crianças mais os adolescentes integralmente, além de reunir os velhos em torno do conhecimento.

A caminhada eleitoral do Doutor Ernesto ventilava ares de paraíso, mas para isso dependia do resultado nas urnas, do voto, do compromisso de classe; quando o oprimido não elege o opressor. A decisão caberia ao povo, onde seria escolhido o destino da sociedade.

Os adolescentes, alienados, apoiados no voto facultativo, faltaram ao ato democrático. Os velhos cansados de promessas ficaram em casa. Os demais receberam pão com mortadela, camisa estampada do candidato bonitão, dinheiro pra cerveja, cartinha de emprego, abatimento no motel, cesta básica, aperto de mão e muita lorota pra votar na situação.

Deu na cabeça o figurão que dá nó em pingo d'água, o representante dos bacanas, a chave do sistema, o dono da boca de urna. O candidato da situação, cheio de acordos, versado no jeitinho brasileiro.

Ernesto chorou um oceano de lágrimas, lamentou a índole dos envolvidos, encheu o peito de mágoas, emagreceu de desgosto, quase faleceu. Agoniado, perdeu a esperança na cidade, arrumou a mala, comprou uma passagem de avião para Manaus.

Na Amazônia, adaptado à floresta, em paz consigo mesmo, casou com uma nativa linda, fixou moradia na tribo dos índios Barés. Tirou diploma de pajé, assumiu a prática da cura, na comunidade, realizou o seu ideal de sociedade alternativa.



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

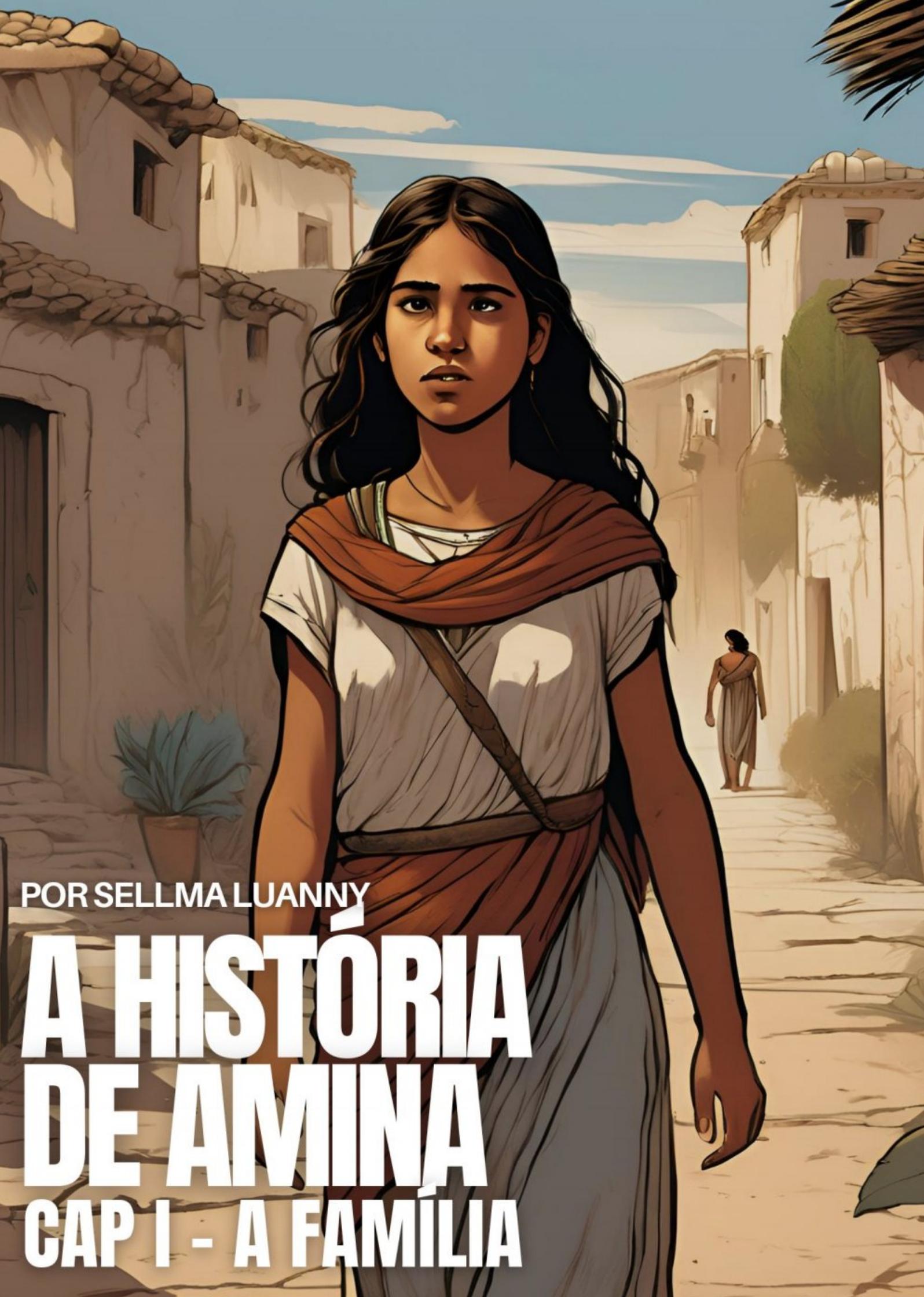
## Poemas sobre o tempo

"Os dois guerreiros mais poderosos são a paciência e o tempo."  
— Leon Tolstói

E-BOOK

VOLUME III

saiba mais: clique aqui



POR SELMA LUANNY

# A HISTÓRIA DE AMINA

CAP I - A FAMÍLIA

Naquela região do mundo, naquela época, aquela civilização facilitava mais poderes e liberdade aos homens — o que até então nunca fora uma novidade. E para Amina, não era muito diferente. Apesar do privilégio de Amina ter nascido numa família medianamente abastada, pouco vira o pai durante a sua infância.

Pelo que entendia e ouvia, ele tinha várias propriedades e casas e aparentemente, famílias separadas em algumas delas.

A mãe de Amina era inteligente e relativamente instruída, mas submissa àquela realidade. Nunca saía da casa, além dos arredores da propriedade, que englobavam os jardins, pomares, hortas e edificações anexas. Ela e suas filhas, principalmente da adolescência em diante, permaneciam reclusas à casa nos seus afazeres domésticos, enquanto os filhos tinham toda a liberdade permitida aos homens, principalmente pelo pai que lhes passava grande parte do trabalho ligado ao comércio e oficinas de metais e cerâmicas. Portanto os filhos homens eram uma fonte de manutenção e aumento da riqueza e as mulheres... eram responsáveis pela procriação, criação dos filhos e cuidados da casa.

Mas, Amina era diferente das mulheres da família e da época. O seu espírito e inteligência não se admitiam submeter àquele destino.

Desde criança, apesar das meninas da família não serem obrigadas a aprenderem muito mais do que as tarefas domésticas, ela dedicava-se mais aos estudos do que os seus irmãos do sexo oposto.

E como percebeu na pré-adolescência, só permanecendo sem atrativos femininos e fisicamente forte e independente, poderia tentar fugir dos casamentos arranjados pelo pai, que já cuidara de casar duas das suas irmãs mais velhas.

Sem ser notada, observava o treinamento físico dos irmãos e empregados homens, principalmente os que cuidavam da segurança da propriedade. E a partir dos 11 anos, começou a levantar-se pelas altas horas da madrugada, às escondidas, para treinar-se fisicamente, vestida com roupas masculinas, semelhantes às dos irmãos. Os seios eram comprimidos com uma faixa, o que com o uso diário e o passar do tempo, além de os disfarçar inibia consideravelmente o seu aumento de volume.

Nos locais mais distantes do terreno da propriedade, fazia corridas, simulações de lutas, piruetas, saltos variados e tudo o que aprendera das suas observações. Este treinamento passou a se prolongar por 3 a 4 horas e à medida que a sua força e altura aumentavam, passou a incluir simuladores de armas, como espadas e lanças. Saía e entrava furtivamente por uma porta no porão da casa.

Com o passar dos anos e o aumento da sua resistência e habilidade, oferecia-se para ajudar os irmãos nos trabalhos braçais. Eles e até o pai, já a viam como uma jovem masculinizada e a contragosto, começaram a aceitá-la como tal.

Quando a mãe começou a observar melhor a diferença de Amina para com as irmãs, esta já tinha 14 anos e uma altura e postura bem mais imponentes do que as delas, além de um físico de causar inveja a alguns dos seus irmãos.

A mãe já desconfiava de que alguma coisa não estava dentro das normas - além das diferenças já gritantes, de Amina em relação às irmãs - devido à sua dedicação aos estudos relacionados ao intelecto e ao trabalho físico dito "masculino".

Além da sua língua materna, o aramaico, Amina já estudava e começou a dominar o egípcio e o grego, falados e escritos e o latim vulgar. E estava se tornando proficiente em matemática, história e literatura.

O que a mãe também só veio a saber quando Amina já tinha 17 anos, é que esta sua filha se encontrava com quaisquer estrangeiros que chegassem às propriedades do pai, os quais vinham principalmente para compra e venda de mercadorias do oriente e do ocidente. Vestia-se de homem, cobria a cabeça, disfarçava a face com pó de carvão e dava à voz o tom mais grave que conseguia, além de imitar e assumir muito bem as posturas masculinas. E passava o máximo de tempo possível, à noite, a conversar com eles, assimilando todas as novidades que contavam sobre as terras distantes.

Amina estava gradativamente assumindo um aspecto geral bem masculino.

Teve encontros mais frequentes com um latino — chamado Cedrus — que anualmente trazia da região de Roma, Grécia e arredores do Mediterrâneo, mercadorias e histórias dos costumes e atualidades por onde passava.

Se ele ficasse por 10 dias fazendo negócios na região, por 10 dias seria procurado por Amina, para longas conversas no adentrar da noite.

Nenhum dos estrangeiros parecia desconfiar de que ela não era um homem — apesar de não ser exatamente igual a eles. Ela se apresentava com o nome de um dos seus irmãos — Zal —, de idade similar à sua e com quem tinha um contato mais estreito. Os estrangeiros viam-na como um indivíduo mais inteligente, culto e curioso do que a maioria que encontravam nas suas jornadas. Além do que, como estrangeiros, não se aventuravam a faltar-lhe com o devido respeito - código importante para os comerciantes e/ou viajantes que quisessem ser bem recebidos e continuar as suas atividades em qualquer região daquela rota. Mas, na realidade, este nunca seria um problema porque Amina também os tratava com respeito, apesar do enorme interesse que demonstrava pelas suas vidas e jornadas.

Pesquisara e aprendera com os estrangeiros de passagem, sobre algumas ervas (como a castanha d'água, conhecida na Grécia, mas cultivada e trazida do oriente). E nas suas observações e conversas sobre alimentos originários de animais e vegetais, como algumas sementes e feijões, que aparentemente aumentavam a massa muscular dos homens.

Ela conseguia comprar uma quantidade das referidas ervas, que usava secretamente. E os ditos alimentos — principalmente de origem animal — ela os privilegiava em relação aos grãos e suas farinhas comuns que perfaziam a maior parte da alimentação da sua casa, refletindo o que era consumido como alimento na sua região, reino e provavelmente na maior parte do mundo conhecido de então.

O pai de Amina, depois da mesma ter completado 16 anos, começou a cogitar o seu futuro casamento, como fizera com algumas das suas irmãs, mas ele, quando a via trabalhando com os irmãos, ficava em dúvida se algum homem depois do casamento não iria fazer objeções quanto à falta de feminilidade da filha.

E a ideia de um possível casamento passou a assombrar Amina pois não conseguia se imaginar uma mulher casada naquele sistema e cultura.

Seria como se anular física e mentalmente para se tornar uma mera propriedade de um homem qualquer e provavelmente, totalmente desconhecido para ela. Pelo menos no seu próprio mundo.



Nota de rodapé: primeira parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA - partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

**Sellma Luanny** é brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



**É LENDO QUE VIAJAMOS  
O MUNDO E CONHECEMOS  
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

# A ANTÍTESE DA DOR

A na Maria jogou-se no sofá, como quem deixa um peso morto se ver albergado por uma superfície aquosa e omissa. Não estava preocupada com o impacto. Apenas queria se deixar ali, estática, como uma simples matéria, da qual também era composta.

No caminho para casa, após horas no consultório atendendo pacientes, sintonizando na frequência modulada, entre uma música e outra, ouviu propaganda sobre um podcast a respeito de agosto lilás. Algo como corresponder ao mês de conscientização pelo fim da violência doméstica.

Mudou de canal a procura de uma música que atenuasse sua ansiedade com o trânsito parado. E a distraísse da sensação de se encontrar encurralada, lutando por milímetros de espaço, numa selvageria diária que precisava encarar.

Mas aquilo ficou. Lilás. Mas por que lilás? Por causa dos hematomas? Como médica cirurgiã pensar em lesões era quase um automatismo.

Havia ouvido as colegas comentarem, em um almoço mensal de mulheres, que violência para lei não era apenas física. Ou sexual. Mas existiam outras formas, tais como psicológica, moral, patrimonial.

Seria isso um modismo? Uma vitimização exagerada, como alguns diziam? Sim, ainda que sua rotina fosse absorvente, estressante e um tanto caótica com plantões e urgências, sabia dos números elevados e crescentes, ano a ano, de feminicídios e violações de direitos das mulheres. Aquilo não era invencionice. Mas, violência psicológica, como seria? Sem extremismos de hipóteses imagináveis? Intuíra, contudo, que era aquela que conheceu desde pequena. Desrespeito, gritos, ameaças pedagógicas. Inclusive nos relacionamentos afetivos. Se você não for exatamente como precisa ser. Eu te deixarei. Eu te trocarei por uma mulher mais jovem, estética, magra, obediente, etc. E que não me dê trabalho, mas dependa de mim, de algum modo e me idolatre. Deveria ser algo por aí. Um lugar comum e um tanto quanto familiar.

Resolveu ligar a televisão, algo para distrair a mente. Para não pensar em nada.

Após um movimento custoso para se levantar e, alcançando o controle remoto no móvel sob o aparelho televisivo, em um segundo a tela se encheu de imagem. O som, um pouco alto, era fruto da fala acelerada de um repórter, com expressão grave. O que seria?

Sentou-se no sofá, já mais recomposta, ajeitando uma almofada na altura da lombar. Tratava-se da notícia da queda de um avião no interior de São Paulo, ocorrendo o óbito da totalidade dos ocupantes. Foi transmitida a imagem do avião caindo aceleradamente, em círculos, uma aparente mistura de aeromodelo de papel com algo sólido e magnético em seu interior, mediante atração praticamente instantânea com o solo.

Sentiu os olhos ficarem turvos. Não havia como não se emocionar. Embora estivesse bastante acostumada com a fragilidade da vida em virtude de seu trabalho, assistir que algo tão rotineiro como embarcar em uma aeronave para se deslocar rumo a

um compromisso, uma viagem de lazer ou o mero retorno para casa, poderia significar o ponto final na história daquelas pessoas, era bastante impactante!

Desligou a televisão. Era impossível parar de pensar. E a tristeza a invadiu como há tempos não fazia. Tinha a nítida impressão de que, de uma maneira muito clara, o mundo estava mais violento, confuso, perigoso e autodestrutivo.

Mas era mais do que isso. Saía do seu torpor. Do seu automatismo. A vida era muito valiosa e podia se esvaír em segundos. Era essencial não se render ao medo. À superficialidade. Era imprescindível buscar sentido em cada momento do seu dia. E acima de tudo: era crucial estar consigo mesma nessa jornada.

Era uma boa profissional. Possuía dois filhos. Seu casamento tinha estabilidade, embora fosse um tanto quanto fraternal. Paulo José, médico cardiologista, dez anos mais velho, mais parecia seu filho caçula. O mais birrento, reclamão. Mas sabia, possuía um bom coração e a tratava bem...até achava que esse fator foi essencial para se casasse. Porque estava na hora. E ele a respeitava.

Ele a respeitava. Sim, claro que respeito é o básico. O que todos temos que possuir. Mas se questionava se nesse caminho que trilhou, onde buscou segurança, não havia como motivação a fuga da violência. O que diziam significar violência psicológica. Gritos. Ordens. Ciúme doentio. Porque teve vários namorados assim até encontrar Paulo no hospital.

Como tudo em sua vida, momentos em que se via sozinha eram interrompidos constantemente. Não tardou para Paulo chamá-la, perguntando qual o tipo de pizza que preferia, pois já estava tarde e as crianças não estavam em casa. Amanda ele iria buscar às 11:00 horas no shopping, porque foi ao cinema com amigos e Renan estava no clube num jogo de futebol. Iria voltar com o pai de um colega, que daria carona.

Ana Maria pensou: meus filhos adolescentes têm uma vida social bem mais interessante que a minha. Mas posso finalmente pedir o sabor de pizza que eu prefiro! E amanhã tenho plantão no hospital, durante o dia, preciso de repouso.

Sábado, tomou café com o marido que já estava habituado a acordar cedo, as crianças dormindo. Infelizmente foi inevitável conversarem sobre o pavoroso acidente da véspera e as possíveis causas, conforme conjecturavam especialistas e autoridades. Não conseguia, apesar do trabalho de muitos anos e da proximidade com a morte rotineiramente, compreender qual a lógica de tantas expectativas, sonhos, planejamentos e esforços na existência se tudo podia acabar bruscamente. E desavisadamente. Acreditar em Deus era a única alternativa.

Dirigiu tranquilamente até o hospital, que não ficava distante de sua casa e com o trânsito reduzido por ser sábado e ainda cedo, teve prazer em ouvir músicas acústicas, conectando seu celular ao aparelho de som do carro.

Após outro café, a enfermeira Máisa adentrou afobada na sala dos médicos.

— Dra., temos uma urgência, uma mulher foi esfaqueada pelo marido, entrou pelo PS e já destacamos a sala de cirurgia 3.

Rapidamente, Ana Maria saiu da sala e foi se preparar para entrar em cirurgia, agindo com presteza. Cada segundo importava nesses casos.

Paciente sedada e equipe cirúrgica dentro da sala, deu início a intervenção. A paciente havia perdido muito sangue e foi atingida três vezes no abdome. Com muita concentração e competência, atenta aos sinais vitais da paciente e respirando profundamente para focar nas lesões e aferir o impacto nos órgãos internos, numa superfície carmim, lutou bravamente para salvar a mulher.

Horas depois, paciente estabilizada e pontos bem executados, sentindo o peso das pernas e pés pelo tempo do procedimento, nem ligou para o suor em sua testa. Estava aliviada. Podia respirar com tranquilidade. Ela iria sobreviver.

Fim de semana, após descansar no domingo em casa, sem vontade de sair, talvez pela exaustão da luta travada, na segunda-feira já restabelecida passou no quarto da paciente. Ela se chamava Helena. Estava na unidade semi-intensiva e respirava sem aparelhos. Chegando perto da paciente, observou seu rosto atentamente. Foi flagrada por dois olhos escuros que se abriram repentinamente.

— Bom dia! Sou a Dra. Ana Maria, que a operou. Como a senhora se sente, consegue falar? — disse a médica, lentamente.

Após piscar duas vezes, a paciente focou o olhar no rosto da interlocutora. Os lábios um pouco ressequidos abriram-se lentamente.

— Obrigada, doutora! Estou bem. Estou viva! Ele não conseguiu acabar comigo...

Ana Maria pegou na mão gelada da paciente. Sabia que ela iria se recuperar das lesões. Ficariam cicatrizes. A mulher havia tido muita sorte por não haver ruptura de órgãos vitais. Mas não tinha palavras para dizer à mesma. Sabia que a dor na alma não findaria. Ficou em silêncio, apenas a observando. E após alguns minutos, ouviu-a em sua voz débil, vinda das entranhas. Uma voz que persistia.

— Ele dizia que me amava — disse apenas isso e verteu algumas lágrimas.

A médica assentiu. A paciente precisava se expressar. E ambas sabiam, aquilo que acontecera era tudo. Menos amor.

\*\*\*

**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



**Agradecimentos aos nossos apoiadores:**

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

**você também pode apoiar, acesse:**

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



POR MÍ SANTIAGO

# NEVOEIRO

O nevoeiro parece ter tomado conta de Santos neste inverno de 2024. Para a surpresa de moradores e frequentadores das praias da Cidade, “já que há 30 anos” (relato de um morador) “não tínhamos um frio tão rigoroso, capaz de tirarmos todos os casacos do guarda-roupa, sem contar no nevoeiro diário”.

Desde o final do mês de junho as noites ou madrugadas são invadidas pela névoa, que vem devagarinho, tentando ser imperceptível, descendo por entre prédios e árvores trazendo consigo o frio, que se intensifica mais ainda com o vento.

Só para situá-lo você leitor, escrevo essas linhas em agosto, ainda faltando quase um mês para o início da primavera. E foi em meio à essa magnífica paisagem que me veio à mente as mais diversas formas de imagens dissipadas em palavras que juntando-se formam interpretações.

\*\*\*

Meus olhos perplexos não conseguem enxergar quase nada naquele final de madrugada e início de manhã de agosto. O relógio me despertou por volta das 5 horas e como de costume para abrir o gás e colocar água para fazer o chá me deparei na janela da área de serviço com um nevoeiro jamais visto naquele mês: as avenidas principais estavam completamente tomadas sem nenhuma visibilidade.

Tomando o desjejum bem rápido tentei aproveitar o máximo daquele espetáculo gratuito da natureza em uma caminhada, já que tinha tempo por ser sábado. Ao chegar aos jardins da praia, aliás, fazendo um pouco de propaganda: a Cidade de Santos registra desde 2002 até hoje, o maior jardim de praia do mundo, creditado pelo Guinness World Records, com quase 5 mil e 400 metros de extensão (compreendendo os bairros Ponta da Praia até José Menino, divisa com a cidade de São Vicente), contendo 38 monumentos e conjuntos esculturais de cenários nacional, internacional e santista.

E foi próximo ao monumento dedicado a Cristóvão Colombo que me deparei com um vulto vindo em minha direção. À princípio, com um pouco de medo, aguardei para ver quem caminhava devagar se aproximando cada vez mais. O coração arfava e saltava o peito, a sombra vinha parecendo não chegar nunca! A névoa que não dava trégua a nos resfriar e a molhar um pouco o cabelo escondia entre as gotículas de água em suspensão uma forma masculina.

A cada passo conquistado por ele, seu semblante ia se dissipando ao vento e sendo descoberto por entre a névoa. Primeiro os sapatos foram sendo mostrados junto da calça jeans escura; para assim subir até a blusa de lã preta completando o traje todo negro. Agora já conseguia visualizar o homem que continuou caminhando em minha direção. Mirando-o de cima a baixo, era lindo! Cabelo bem cortado e preto como ébano destacava a boca grande e vermelha como sangue num rosto quadrado similar ao novo Batman do HQ.

Ele parou assim que chegou a minha frente. Sem dizer nada, foi se aproximando e tão logo ficou colado a meu corpo. Como se me conhecesse, puxou-me para si e seu abraço naquele tamanho de homem fiquei completamente envolvida em seus braços. Sua respiração misturava-se à minha, seu cheiro, seu frescor agora eram meus. Podia sentir

cada batida de seu coração, músculos, todo o corpo era meu. Como se estivesse hipnotizado, o desconhecido segurou delicadamente o meu rosto. Ficara entregue num beijo doce e fugaz.

Lentamente seus lábios desprenderam-se dos meus e ele partiu no nevoeiro intenso que ainda encobria todo o jardim da praia. Fiquei estarecida sentindo o gosto daquele beijo, que para mim, durou uma eternidade! Ao abrir os olhos ele já ia longe, apenas o vulto realçava por entre a névoa.

\*\*\*

A vida dá muitas voltas como muita gente fala e Marcela, a nossa querida personagem diz que teve a certeza da frase ao iniciar o mês de agosto deste ano, segundo ela, com o pé esquerdo. Tudo ia tranquilamente quando uma ação familiar a tirou de seu prumo, de seus pensamentos e sentimentos, abalando-lhe a tranquilidade e paz de espírito.

Marcela entrara na meia-idade há pouco, assim como ela diz, mas cá para nós e não é fofoca, está no time da terceira idade, mas isso ninguém pode saber e ela faz questão de negar.

Para manter o ritmo de sua saúde realiza muito condicionamento físico e mudou os hábitos alimentares, comportamento radical que conseguiu lhe tirar do corpo muitos quilos; porém, nada que abalasse a saúde.

Casada com um homem de mesma idade, o casal faz tudo sempre junto, mesmo estando ele ainda trabalhando e Marcela, quase desligada da empresa de consultoria.

Conheço a Marcela há tempos e mesmo com pouco contato, ainda mantemos a amizade, e, por isso, acabo sabendo das novidades, mas nem todas me fossem compartilhadas, já que a amiga tem um temperamento um tanto agressivo quando se sente ameaçada, devido ao estado, digamos, psiquiátrico.

E foi num desses dias que Marcela se sentiu “passada para trás” que o casamento dela quase chegou ao fim, se é que isso não aconteceu. Como registrei, ela emagreceu muito e neste ano de inverno rigoroso, vem se queixando de muito frio, além do que sempre sentiu na estação. O marido algumas vezes elogiou uma vizinha do prédio onde residem e quando disse que Marcela deveria procurar um profissional que atende a terceira idade para manutenção dos exercícios físicos, ela não gostou imaginando comparação com a outra (tal vizinha).

Também o esposo acabou tomando conta do pet do casal (em viagem) desta mesma mulher elogiada, indo várias vezes ao dia ao apartamento para alimentar o bichinho; e quando contou que retirou do chão algumas peças íntimas da mulher para que o pet não destruísse, Marcela simplesmente surtou! Para ela, o seu “príncipe encantado” já não era mais o mesmo, a estaria trocando por uma mais nova.

Esse episódio a deixou raivosa motivando-a brigar e ofender a todos que viu pela frente, pois naquele estado Marcela já não conseguia manter a integridade devido a doença psicológica que nunca tratara. Foi uma discussão feia com quebra de objetos. Marcela disse que iria sumir e saiu porta afora.

Na rua, não se deu conta que o nevoeiro tomara Santos mais uma vez, a névoa encobria boa parte da Cidade tornando as ruas pouco visíveis. Marcela apavorada pelo nevoeiro de que sempre teve pavor, se pôs a correr a ponto de não saber mais a direção de voltar. Seu estado mental perturbado a deixara vulnerável.

Ela corria, parava e falava assuntos sem nexos, apontando para possíveis monstros que escondidos na névoa vinham em sua direção, ora eram seres do espaço, que desciam por entre as gotículas de água, além de um grande animal, todas essas peripécias que sua mente produzira a deixara incapaz de pronunciar seu nome.

Nossa protagonista fora encontrada longe de onde morava em estado lamentável, molhada de suor e da neblina, suas roupas sujas, a mulher em transe tentava se proteger de um ataque.

O pessoal do SAMU fora chamado por um vizinho que a viu jogada ao chão levando-a para o hospital mais conhecido da Cidade, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

O marido avisado encontrou Marcela sedada e bem cuidada pelos profissionais do hospital. Em tratamento de emergência, teria de procurar atendimento psiquiátrico posteriormente.

Questionado sobre o que provocou o transtorno psicótico tudo foi esclarecido, já que pode causar delírios, surtos, alucinações, assim como perda de ligação com a realidade. Segundo informações médicas, o surto psicótico é causado por transtornos psicóticos, esquizofrenia ou até outras doenças como infecções ou hipertireoidismo, o médico, porém, só não conseguiu entender os arranhões e mordidas encontrados por todo o corpo de Marcela.



**Mí (Míriam) Santiago:** jornalista e formada em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o start para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura.

Contato: [miriansssantos@gmail.com](mailto:miriansssantos@gmail.com)

<https://miriammorganuns.blogspot.com/>

chame a atenção. Sua curiosa, vasta e interessante produção pode ser achada no Instagram, no Facebook, YouTube, Spotify, Apple music, Deezer, Soundcloud, Tidal, Pandora.

**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**

# UNIVERSO DA POESIA

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)



POR NEY ALENCAR

# A VIDA E MORTE DE LIU DONGZI

“O inverno inclemente  
Chega para todas as almas!”

— Liu Dongzi

1675.

**L**iu Dongzi era um poeta, mas acima de tudo era um asceta!  
Fora órfão por causa da guerra!  
Fora camponês por causa da necessidade!

Fora monge por causa da virtude!

Fora afinal poeta por escolha própria!

Vira o mundo como fonte de todos os prazeres e de todas as torturas.

Procurara durante toda sua vida se manter sempre fiel ao seu voto de ver aquilo que o cercava da forma mais verdadeira possível!

Granjeara para si votos de felicidade e pobreza.

Perambulara por todas as terras orientais e conhecera muitas coisas fabulosas e miraculosas que aos homens comuns estavam ocultas sob um véu de ignorância e misticismo.

Houve um verso seu que fora gravado em letras de ouro no cenotáfio do próprio Imperador e que traduzia muito o que lhe ia na alma!

“Chuva nos juncos,  
Lágrimas de gratidão!”

Afinal envelheceu, como soia acontecer à todos os homens!

Conta-se que quando já estava bem velho e sentia que a morte se lhe aproximava, numa noite sem estrelas, resolveu sair de sua casa e perambular pela vasta planície de Sekigahara, na esperança vã de encontrar alívio para as dúvidas e os males do espírito que o atormentavam.

Chegou até uma pequena ponte de bambu que atravessava um córrego de águas profundas e negras.

A escuridão o envolvia, mas não estava frio, pois era ainda o tempo da queda do verão e o outono não havia chegado.

Seus pés cansados doíam.

Sentou-se na beirada da ponte e tirou as sandálias, descalçou as meias e procurou alcançar as águas para refrescar-se da caminhada noturna.

Não conseguiu, pois a ponte era alta.

Levantou-se e veio sentar-se na margem do córrego.

Enfiou os pés nas águas frescas e sentiu a correnteza forte passando por sua pele como mãos que o acariciavam delicadamente.

Olhou para cima, as estrelas piscavam pela abóbada preta do céu.

Distantes e orgulhosas em sua magnitude espacial!

Um vento correu para fora da mataria ao redor da planície e veio rodopiar e girar pelo capinzal, dobrando as folhas e ciciando uma canção maravilhosa, que o poeta não conseguiu entender, pois não falava a língua do vento.

Um barulho sutil chegou até ele e o fez sobressaltar-se!

Olhou curioso ao redor procurando a origem, o barulho não era importante, mas a origem era.

Súbito uma silhueta esbranquiçada e colossal passou além das linhas dos pinheiros e veio descendo pela estrada de terra batida que cortava a planície.

Um som surreal reverberou pelo meio da vasta planície com um repicar de sinos de vidro e veio como uma nota sobrenatural, como sinos metálicos tilintantes ou como pequenos guizos distantes!

A curiosidade que comprimia seu espírito aguçou-se, não tinha medo.

Os primeiros pingos de chuva começaram a cair, espaçados e a água fria o fez refletir, era certamente algo sobrenatural que vinha atravessando a planície que diziam ser assombrada.

O vento tímido trouxe-lhe o cheiro da chuva junto com o barulho daqueles sinos fantasmais que teimavam em ecoar pela escuridão.

Quando a chuva forte começou a cair ensopando tudo o poeta levantou o rosto para sentir as gotas da água na face e viu diante de si, como se estivesse acocorado logo ao seu lado, um gigantesco esqueleto cujos dentes amarelados batiam em um cacarejar cadavérico, quase como se sorrissem para ele.

O poeta sorriu de volta!

Nunca havia encontrado um fantasma sequer em toda a sua vida, aquele era o primeiro!

O que vinha a provar que aqueles que acreditavam na vida após a morte estavam corretos em suas assunções!

Isso lhe trouxe um pouco de alívio.

Sabia o nome daquele fantasma, era o Gashadokuro, o esqueleto gigante que diziam que vagava pela planície de Sekigahara.

A curiosidade premente o fez levantar-se olhando o esqueleto nos olhos, olhando as bolas de fogo que o fitavam intrigadas, e perguntar:

— Por que ainda anda por aqui? — não havia medo nenhum em sua voz, só curiosidade.

— Este é o meu lar! — contou o fantasma, a voz soando como o ranger dos bambus e o tinir de sinos — Esse é o meu Lugar!

Dizendo isso o esqueleto levantou-se e caminhou para dentro das nuvens de tempestade que já se afastavam da planície e retornavam para as montanhas, desaparecendo através da noite como o farfalhar do vento por entre os arrozais!

O poeta ficou ali parado ao lado da ponte e compôs um verso:

“Ossos em um saco

Farfalham no vento da guerra!”

Sua voz lhe pareceu oca e destituída da poesia que lhe era característica, o que o intrigou, pois nunca imaginara um dia que aquilo viria a acontecer em sua vida.

Depois continuou sua jornada.

A manhã o encontrou passando por um bosque de pessegueiros em flor.

Sentou-se para descansar em um tronco no meio do bosque e fechou os olhos por um momento.

Estava cansado demais.

Um ciciar baixo o acordou daquele sono sem sonhos.

Olhou ao redor e viu a cabeça de uma linda mulher!

Os olhos amendoados tinham belíssimas pupilas negras como ébano, lábios finos e bem delineados, vermelhos como morangos recém colhidos entreabriam-se em um sorriso cativante, cabelos de um castanho acobreado desciam compridos por seu enorme pescoço serpentino.

Descansava lindas mãos alvas sobre o colo escâmeeo de seu corpo que se enrodilhava ao redor do tronco de outro pessegueiro.

Fascinado com aquele encontro fabuloso, pois era a segunda criatura sobrenatural que via naquela jornada, levantou-se e olhou-a nos olhos.

Era certamente a mais linda mulher que já encontrara!

Aproximou-se até a frente daquele rosto celestial e a curiosidade premente o fez perguntar:

— Quem é você?

Ela olhou para ele embevecida e respondeu com uma voz que soou como trinados musicais.

— Eu sou uma Lâmia, uma mulher-serpente! Serva do grande Dragão, Imperador dos Sete Céus!

— Por que está aqui nesta terra?

— Vim buscar seu espírito para habitar os Salões da Coorte Celestial! Você ganhou este direito por ser íntegro em sua arte!

Ele olhou ao redor, percebendo no que as palavras dela implicavam e viu, ainda deitado no tronco do pessegueiro, seu corpo adormecido pelo sono da Morte!

Não ficou triste!

Sabia que a Morte nada mais era senão a passagem entre o mundo natural e o celestial!

Estava pronto para seguir adiante!

Antes de partir, porém, declamou uma última composição:

“O pássaro livre  
Voa pelo Céu!”

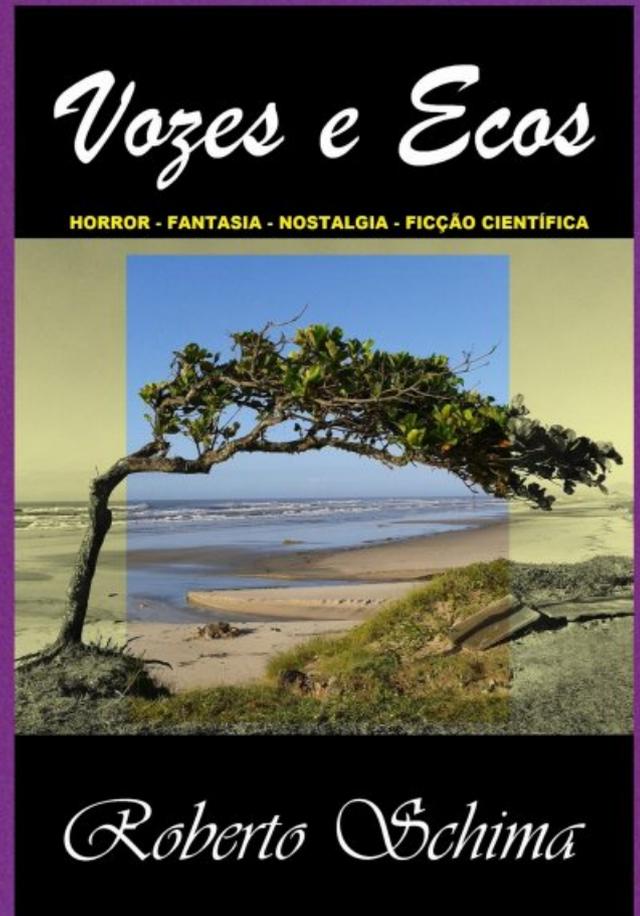
Depois tomando a mão da linda mulher-serpente caminhou através da abóbada do céu e cruzou o horizonte pela ponte do arco-íris!

\*\*\*

**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



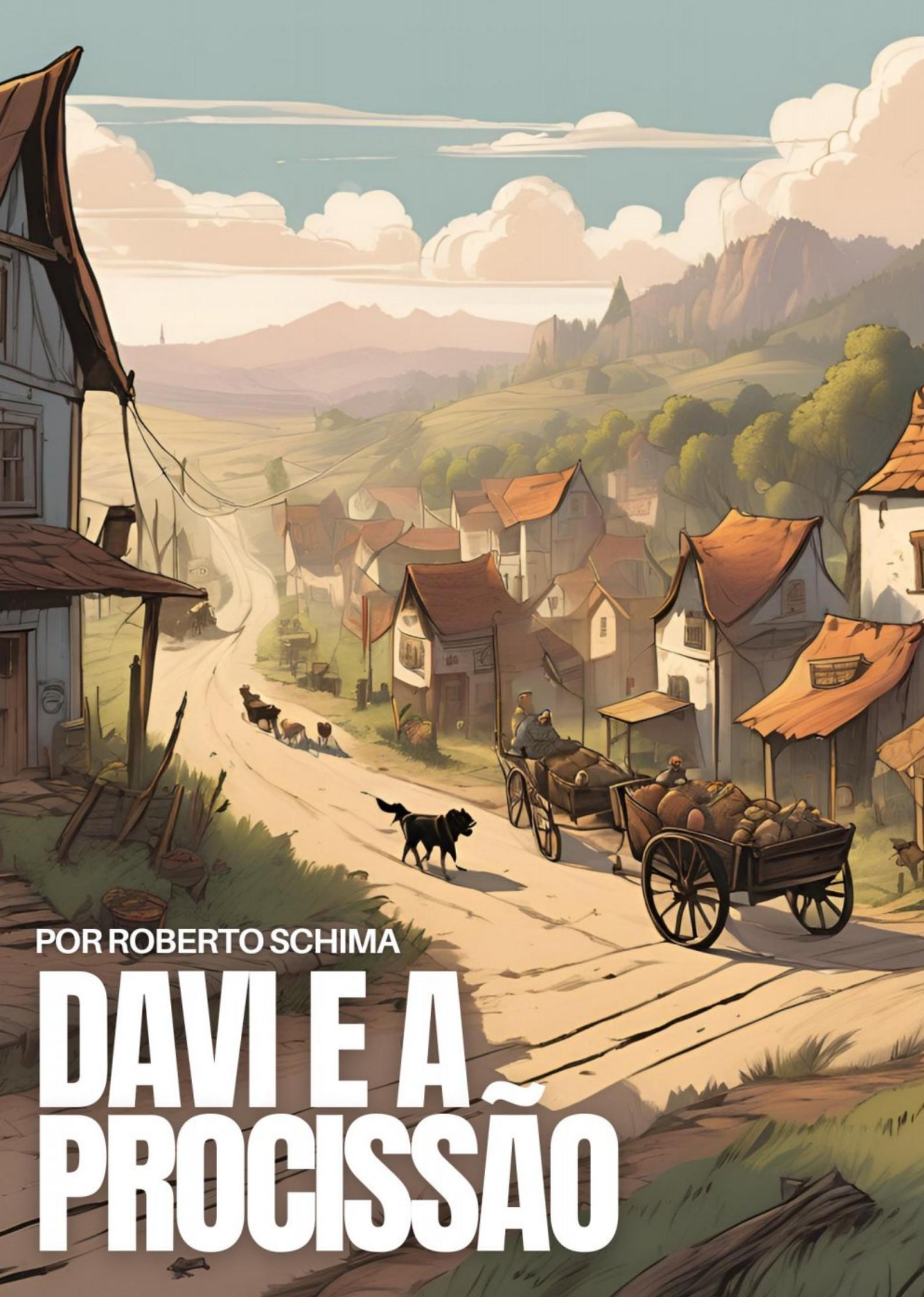
DO AUTOR ★  
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR  
O LIVRO

### LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+e+ecos-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/CDTR5)





POR ROBERTO SCHIMA

# DAVI E A PROCISSÃO

Era de manhã.

O frescor da madrugada ainda percorria as ruas e uma névoa fina dissipava-se lentamente.

Para muitos, era o melhor horário do dia, fosse pela temperatura, pelo alvorecer ou o despedir das estrelas.

Entretanto, o choque e o pesar predominariam, desviando aquelas pessoas pacatas de sua rotina.

A notícia corria solta feito fogo em palha seca, como não poderia deixar de ser num lugarejo tão redundantemente pequeno quanto aquele. Ficava no fundo de um vale que mais parecia uma bacia e abrigava em torno de quatro mil almas, boa parte constituída por aposentados. Lá, a exemplo de outras tantas cidades do interior com menos de dez mil habitantes, o tempo estacionara. Ainda podiam-se ver carroças, pipoqueiros, vendedores de biju ou quebra-queixo, crianças pulando amarelinha ou empinando pipas, velhos jogando dominó ou damas. Galinhas gordas ciscavam pelas redondezas. Cães corriam afoitos atrás de gatos. Dizia-se "bom dia". O lixo era jogado no lixo. A *Internet* e os *smartphones* ainda não controlavam suas vidas, e o narcotráfico não os alcançara, semeando o temor, a violência e a destruição de famílias. Foi por isso que o acontecimento traumatizou a todos, desacostumados que estavam às barbaridades comuns nas cidades maiores, onde o pior nem eram essas barbaridades em si, mas o fato de haverem se banalizado e tornado as pessoas indiferentes.

Os homens, reunidos nos bancos e esquinas da praça central — na verdade, a única, com suas árvores, arbustos, flores, o coreto e, claro, a igreja —, conversavam abestalhados. Um ou outro enrolava o seu cigarro de palha de milho ou enfiava o fumo no cachimbo, pressionando com o polegar.

— Tá sabendo? Mataram o Padre Lúcio!

— Credo Cruz! Como?

— Foi de noite, Saturnino. Disseram que foi pra roubar o relicário.

— Este mundo tá perdido!

— Ou tá perdido ou num quer ser achado...

— Eu ouvi dizer que levaram o dinheiro do dízimo.

— Comeram as hóstias, gente! Tinha farelo espalhado no piso da igreja. Acreditam nisso?

— As hóstias?

— Isso, como se fossem biscoitos.

— Xi, Teobaldo, nem os anéis do padre eles pouparam.

— "Eles"? Já sabem quem foram os desgranhentos?

— Foi só um modo de dizer, Seu Enzo. Não sei quantos foram. Ninguém sabe.

— Sei não. Tenho visto muita gente de fora por estas bandas. Só sei que espero que peguem os "mardito" logo.

— Eu bem que avisei ao padre pra ter uma garrucha debaixo do altar.

— Mas e a proteção divina?

— Morreu com ele... Vixe! É "mió" eu ficar quieto disso pra num ser excomungado.

Não bastassem todas as afrontas à Casa do Senhor, ainda tiveram o disparate de pintar uma caveira de ossos cruzados em uma das paredes ao lado do altar. A carência de reforma da igreja, necessária havia várias décadas, somente contribuía para facilitar a entrada do meliante.

As mulheres, não menos indignadas e até mais iradas, brandiam seus punhos e sombrinhas, chacoalhando pulseiras de miçangas.

— Tem que linchar um demônio desse!

— Isso é pecado, comadre Tereza. Deixa que as "otoridade" cuida.

— Uma pinóia! Linchamos primeiro e eu rezo um pai nosso depois. Tá de brincadeira comigo, comadre Cida? "Otoridade" aqui, quando corre, é só atrás de gente de bem.

— Num diz isso não. Meu genro é da polícia e cumpridor de seus deveres.

— E onde ele tá?

— "Trabaia" na cidade vizinha, comadre.

— Eita! Num me lo diga... Pois a polícia daqui tá mais perdida que cego em tiroteiro...

O prefeito e os vereadores foram às ruas tentar serenar os ânimos, afinal de contas o ano eleitoral estava próximo. Porém, tiveram de debandar rapidinho para que os linchados não fossem eles próprios, farta que a população estava igualmente da corrupção local. Dessa praga das grandes cidades, infelizmente, não ficaram livres.

No fundo de um bar próximo, um sujeito magro de nome Davi pediu mais um pouco de peixe frito e batata para acompanhar a sua cerveja. Seus cabelos eram pretos e encaracolados; o nariz romano encimava um bigode ralo que o sujeito cultivava a fim de disfarçar a cicatriz do lábio leporino. Apontou para a praça.

— O que aconteceu? — indagou.

Seu Manuel — o dono do estabelecimento — contou rapidamente o ocorrido.

— Nossa, a igreja é? — disse Davi, fazendo-se de impressionado. — Não se respeita mais nada!

E enfiou um peixe frito na boca, com cabeça e tudo, saboreando o gosto da carne, do sal e do barulhinho crocante entre os dentes.

— Respeito? O mundo tá ferrado e mal pago — resmungou Seu Manuel, revoltado. Era um homem das antigas, mais de setenta anos, e, embora vivendo em um lugarejo afastado de tudo, acompanhava as mudanças desde a sua juventude. E estas não foram para melhores. Tinha uma neta na capital, motivo de constante preocupação. Desabafou: — Só lixo na TV, aluno batendo em professor, filho matando pai, pai abusando da filha, um traficante em cada esquina, músicas indecentes, meninas vestidas feito raparigas e moleques achando que ser esperto é roubar. Que respeito?

— Verdade. A moçadinha de hoje tá muito vagabunda, quer tudo de mão beijada.

— É a perdição! Assassino graúdo fazendo *selfie* no meio do povo ou botando a Bíblia no sovaco, dizendo que virou "pastor"!

— É injusto.

— "Injusto"? Nem me fale da justiça que o sangue me sobe pelas ventas. Este país virou uma maloca! Maloca Brasil! Ah, cala-te a boca, Manuel. — Suspirou. — Posso ser preso por falar o que penso... Mas os bandidões ganham *habeas corpus* ou continuam soltos

ou seus processos prescrevem. É até capaz de serem eleitos, darem autógrafos ou virarem artistas na TV... Perdição! Aqui, eu não duvido de nada mais.

— O senhor tem toda a razão.

Por dentro, Davi sorriu.

"Como se eu não soubesse..."

Viera de outro estado não fazia muito tempo, de um povoado tão paupérrimo quanto aquele onde estava agora. Chegara fugido por causa de uns latrocínios que cometera. Tivera tanto trabalho e o que ganhara? Algumas carteiras velhas e quase vazias.

— Por que não roubamos político? — dissera um antigo comparsa. — Se o povão tá duro é por que os corruptos montaram na grana!

— Brincou comigo, Chumbinho? Essa gente tem um bando de jagunços em volta. As mansões são mais protegidas do que quartéis. Contam com a proteção das autoridades e, se bobear, até do crime organizado. Não se lembra do pastor que fez culto num estádio de futebol? Reuniu milhares de fiéis pra, em vez de louvar a Deus, chamar no palanque um deputado pra fazer comício!

— Aquele que depois foi preso?

— Esse mesmo, mas logo volta pra rua. Quero dizer que tá tudo enredado. Nós somos peixe pequeno perto desses tubarões. Estamos por nossa conta.

Algum tempo depois, Chumbinho levava chumbo ao invadir sozinho as terras de um fazendeiro.

— Bobão! — resmungara Davi.

A coisa ficara por isso mesmo, o que já era de se esperar.

Tornou a observar a praça, enquanto tomava a cerveja.

O roubo na igreja do lugarejo fora da autoria de Davi.

A princípio, só queria levar o ouro, mas não tinha ouro algum, então, vira uma imagem de santo que parecia ser muito antiga. Sabia que tinha gente que pagava um bom dinheiro por velharias e decidira levar a escultura barroca. Porém, justo naquela hora o tal padre cismara de aparecer. Talvez se o religioso tivesse reagido de forma violenta, Davi só lhe desse umas coronhadas. Contudo, aquela conversa mole sobre arrependimento e perdão, paraíso e inferno, fizera com que se recordasse de seus tempos de coroinha, criança então, e do sacerdote que costumava abusar dele na sacristia após as missas. Tudo o que queria saber fora o porquê de Deus lhe ter castigado com a deformidade no rosto, em vez disso, aprendera sobre devassidão, homossexualidade e pedofilia. Diante da menção do pecado, o sangue subira-lhe nos olhos e, quando dera conta de si, Padre Lúcio jazia estatelado aos seus pés, crânio rachado, estatueta partida. Nada de relicário, nada de ouro — exceto pelos dois anéis do padre —, apenas algumas notas que o sacerdote tinha sob a batina. Praguejara diante da escultura danificada.

— Onde está Deus pra você agora, padre? — dissera na ocasião, enraivecido, retirando sua lata de tinta *spray* da mochila. — Cê tá junto Dele?

A movimentação prosseguia na praça.

— Nem me fale, nem me fale — lamentou Seu Manuel, o dono do bar. Não via a hora da neta ir morar no estrangeiro. — Respeito, educação e justiça são coisas do passado. O povo tá cínico e sem esperança. Só a procissão pra acalmar os espíritos... dos vivos pelo menos.

O bandido parou a meia batata da boca.

— Procissão?

— Sim, haverá uma procissão em homenagem ao Padre Lúcio no próximo sábado, às vinte e uma horas. Sairá de frente da igreja, percorrerá a cidade até o cemitério e retornará para a praça.

Davi, até então, estava decidido a apanhar as suas coisas na pousada e sumir dali o mais depressa possível. O povaréu não estava habituado a forasteiros e, apesar de não ser o único, vira mais de uma carola lançar-lhe uns olhares esquisitos. Não demoraria a cochicharem entre si, somando um mais um sobre tal coincidência.

Mas a menção da procissão era uma tentação forte demais para ser ignorada. Um acontecimento assim, num povoado miúdo daquele, *era* um acontecimento. As pessoas vestiam suas melhores roupas e carregavam o que tinham de mais precioso; joias, inclusive. E era tudo um bando de gente idosa demais ou jovem demais. Fácil de assaltar e picar a mula.

— Quanta gente irá? — perguntou casualmente.

— Umas cem pessoas, eu acho. Eu também vou...

"Cem pessoas? Uma velharada percorrendo as ruas desertas de vela na mão, olhos vazios e carteiras cheias! Cem possibilidades de fazer esta estadia valer a pena..."

— Onde fica o cemitério?

— Lá no alto — Seu Manuel explicou. — Vai ser bonito.

Davi imaginou-se apanhando um ou outro retardatário pelo menos. De preferência, mulheres. Limpou o bigode da gordura, terminou a cerveja, pagou Seu Manuel, agradeceu e foi para a rua. Seguiu pela parte sombreada da calçada. Fez, então, o trajeto presumível que o cortejo iria seguir. Atentou-se aos melhores pontos para uma emboscada e para a fuga. Quanto mais longe da igreja e mais perto do cemitério, melhores seriam as possibilidades: pouca ou nenhuma iluminação, muitas árvores e vegetação alta.

— Ali, naquele grupo de árvores. — Aproximou-se. — É isso aí, aqui está perfeito!

À noite, forneceria um ótimo esconderijo. Poderia ver a aproximação sem ser visto. Para além das árvores, só o matagal. Se se embreasse no meio dele, à noite, nunca iriam achá-lo. E, quando raiasse o dia, estaria bem longe dali.

— Quem sabe o que uma velhota cansada e de bolsa pesada não poderá trazer?

Chegara a cogitar de, em vez de atacar alguém na multidão, invadir suas casas, supostamente vazias. Talvez até o bar do Seu Manuel. Ele iria no meio do cortejo, não iria? Não obstante fosse uma cidadezinha pacífica, vira um sistema de alarme no bar. E ouvira vozes na cozinha. Também bastara uma olhada nos arredores para fazê-lo mudar de idéia. A maioria tinha um ou mais cães de guarda. E, para uma população de quatro mil habitantes, ir somente cem à procissão indicava que a maioria ficaria na residência: um irmão, um cunhado, um filho, o cônjuge, netos. Até ali a religião andava em baixa, concluíra.

Davi aguentou-se como pôde, evitando dar mais bandeira. Sabia que não era a única pessoa de fora do município, pois o turismo rural virara moda, então, ficou o restante do tempo na sua, entre a pousada, o bar e algumas lojinhas de quinilharias, alegando estar em férias.

O dinheiro roubado do padre Lúcio estava quase no fim quando sábado, finalmente, chegou.

Havia sido um dia poeirento e quente. O pôr do sol foi muito bem-vindo, mas ainda levaria algum tempo até o frescor da noite prevalecer sobre o mormaço. Estrelas tímidas cintilavam no céu. O ar cheirava a terra, feno e feijão cozido.

De fato, cerca de uma centena de pessoas iria compor a procissão até o cemitério. Entretanto, muito mais gente estava ao redor, esparramada pela praça, curiosa da movimentação. As pessoas falavam sobre o crime, a cerimônia, a situação do país, a roupa da vizinha. Alguém procurava pedir silêncio e colocar alguma ordem naquele caos. O pipoqueiro ganhou o dia. Fizeram um discurso ou outro de improviso, distribuíram velas, os homens retiraram seus chapéus, as mulheres colocaram seus véus. A bandinha do município postou-se na frente e começou a tocar um réquiem. E lá se foi o cortejo feito uma serpente luminosa, a percorrer as ruas arborizadas, sem calçamento e fraca iluminação. Subiu morros e vielas, passou por ladeiras e becos. À medida que se aproximava da estrada, menos e menos casas havia e mais o cenário rural se sobressaía. Algum prefeito, tempos atrás, quisera fazer o cemitério afastado do centro, imaginando um crescimento da cidade que não acontecera.

Davi escondera-se fazia mais de uma hora em meio às árvores. Divagava sobre qual arma utilizaria para o assalto: o revólver ou a faca? O revólver, certamente, seria mais intimidador, porém, se tivesse que utilizá-lo, haveria a questão do barulho do tiro. Por maior que fosse a tendência das pessoas debandarem e protegerem-se a si próprias em primeiro lugar, ainda assim, cem pessoas seria um grupo respeitável. E algum daqueles idosos bem poderia andar com uma arma na cinta a semelhança dos filmes de faroeste.

"Como a Dona Maria...", pensou.

Conhecera a viúva idosa na igreja onde era coroinha. Ela, frequentemente, fazia seu trajeto por uma trilha erma cedo de manhã e tarde da noite. Sempre carregava um pano ou pulover enrolado. Dizia ser o seu "bebê": um Taurus de cano curto e robusto que herdara do marido. Em mais de uma oportunidade, o bebê cuspira fogo. E, pelo menos uma vez, ela enviara um gatuno para sete palmos de terra. Depois, fora se confessar — não por haver matado, mas para pedir desculpas por aqueles que escaparam.

Davi não se queria ver em uma situação de tiroteio. Sua arma era velha, roubada e tinha pouca munição. Quanto à faca, não era nenhuma peixeira — a qual, embora impressionasse, tinha a desvantagem de ser pouco discreta —, mas uma simples faca de cozinha. Pelo menos, era silenciosa. Nunca compreendeu por que as lâminas possuíam o apelido de "arma branca", imaginando se haveria alguma conotação racista para isso. Estava perdido em reminiscências quando avistou as pequeninas luzes das velas subirem a encosta do vale antes mesmo de ouvir o som da música. Ficou de prontidão, maldizendo os mosquitos que, na escuridão, aproveitavam para fazer dele um banquete.

Optou pela faca.

Visualizou o que faria: aguardaria o cortejo passar, entraria no fim da fila e, antes da curva mais adiante, apanharia a pessoa desprevenida logo a sua frente, tapando-lhe a boca e arrastando-a para o mato alto. Concluiu que, para evitar dela gritar, não teria outro jeito: matá-la-ia. Depois que Davi tirara a vida de sua primeira vítima, já fora da igreja, mas quando ainda era "di menó", não sentia mais conflito algum a respeito. Uma a mais,

uma a menos, qual a diferença? Provavelmente, seria um velho ou uma velha retardatária. Ele só estaria prestando um favor à pessoa ao indicar-lhe um atalho para o inevitável. Sorriu. Não estava acostumado a esse seu lado filosófico. Aguardou...

A bandinha chegou. A música era tão melancólica quanto desafinada. Os músicos suavam.

Como supunha, a procissão era composta apenas por pessoas de mais idade.

Todas pesarosas.

Todas silenciosas.

Todas cabisbaixas.

O senil rebanho do falecido Padre Lúcio.

... E aguardou...

A maior parte das senhoras portava sua bolsa, casaco, sacola até. Elas usavam véus ou lenços na cabeça. Várias estavam de óculos de aros grossos. Os homens traziam seus chapéus de feltro ou de palha nas mãos, paletós fedendo a mofo e naftalina, incômodos sapatos calçados somente em ocasiões especiais. Algumas senhoras portavam flores ou quadros com imagens de santos. Semblantes tristes lamentavam não somente a perda do sacerdote, mas de toda uma época de inocência que, juntamente com a juventude, partira irremediavelmente. Num mundo tão envolto pelos rudes ventos da mudança, a sinuosa estrada da memória era tudo aquilo que lhes restava — quando a poeira do esquecimento não cuidava de assentar-se e escondê-la completamente.

... E ainda aguardou...

Havia um fraco luar, obstruído de vez em quando por uma ou outra nuvem.

Uma coruja guinchou ao longe.

A maior fonte de luz para Davi se orientar vinham das velas. Tremeluziam nos rostos de baixo para cima. Rostos amarelados pelas chamas, realçando a multiplicidade de rugas. A cena era um tanto sinistra. Ecos de sua infância, antes de se tornar coroinha, falavam sobre procissões como eventos um tanto misteriosos, assustadores até.

... E estranhou de tanto aguardar.

"Que raios parta! Esse cortejo não acaba?"

Muito mais do que cem pessoas já haviam passado diante das árvores.

A essa altura, fazia tempo que a bandinha dobrara a curva e sua música tornara-se um sussurro.

Davi chegara a reconhecer o dono do bar, Seu Manuel. Depois disso, cansara de olhar as fisionomias e cuidara apenas de atentar-se às chamas das velas.

Foi quando viu, finalmente, a última.

Mas demorou e demorou.

Então, ele estranhou.

Quanto mais perto do fim a fila, a luminosidade das velas parecia ir se tornando cada vez mais fraca, de modo que os rostos de cada pessoa iam sendo tomados mais e mais pela escuridão. Tornava-se cada vez mais difícil distinguir os indivíduos, seus contornos e, até, ouvir seus passos.

A impaciência apoderou-se de Davi, um sinal disso era a maneira como ele acariciava o bigode, resquício do antigo hábito de passar o dedo pelo lábio leporino.

Estava a ponto de desistir quando, por fim, a luzinha solitária — a última — aproximou-se.

"Ufa... Não é sem tempo!"

Todos os seus sentidos voltaram a ficar alertas. Segurou firme o cabo da faca. Ignorou os pernilongos. Aguardou.

Era um homem.

A vítima, como se quisesse antecipar o próprio fim, não somente era a última como caminhava desajeitadamente um pouco mais distante do cortejo. Não portava bengala. Certamente, um idoso cansado e orgulhoso que melhor teria feito se continuasse jogando dominó na praça ou ido dormir mais cedo.

"Azar o seu, magricela. Pra você não haverá procissão alguma."

Davi usou a sua reserva de paciência, esperou o momento mais oportuno e quando o sujeito passou a sua frente — cujo rosto sequer conseguia enxergar, tão fraca era a luz da vela — saiu do esconderijo e, sorrateiramente, colocou-se logo atrás. Procurou imitar as passadas do outro, a fim de confundir os sons dos próprios passos com os da vítima. Foi quando reparou que a pessoa a sua frente não produzia som algum. Ela era bem magra, mas, até aí... Afastou o pensamento, pois a curva estava logo adiante. Ergueu sua faca e saltou sobre o velho. Seus pés fizeram poeira na estrada esburacada. Estava a alguns segundos de cair sobre sua vítima, quando esta virou-se de repente e fitou o assassino diretamente nos olhos.

O horror petrificou-se no rosto de Davi. Viu-se retornando aos tempos de criança, ouvindo histórias de fantasmas e casarões mal assombrados. Pensou em sua mãe a morrer precocemente após trabalhar dia e noite para custear as operações que corrigiriam o lábio do filho. Viu-se entregue pelo avô aos cuidados do sacerdote, cujo brilho no olhar transformaria seus dias em séculos; e o amor a Deus, em ódio.

O corpo de Davi atravessou a pretensa vítima como se nada houvesse lá. Esborrachou-se todo no chão duro.

— Nã-nã-não! — gaguejou, desesperado. — Não!

Cambaleante, ergueu-se e preparou-se para fugir. Mal deu as primeiras passadas ladeira abaixo e, caiu outra vez. Desta feita, para completar o seu infortúnio, sobre a própria faca.

Foi um golpe certo no coração.

O criminoso morreu imediatamente, olhos ainda esbugalhados de pavor.

Ninguém ouvira o corpo cair, pois a procissão estava muito à frente.

Os espíritos que seguiam atrás da procissão, após o centésimo vivo, pararam e deram meia volta. Fizeram círculos concêntricos ao redor do corpo.

Aquele que havia sido o último, ao qual Davi atacara, ajoelhou-se junto ao cadáver.

Era o fantasma de Padre Lúcio!

Ele fez o sinal da cruz sobre o morto como se, assim, absolvesse o desgraçado de todos os seus pecados. Então, os demais espíritos desfizeram gradualmente os círculos e retomaram caminho vale acima até o sepulcro do clérigo e os deles próprios onde, enfim, voltariam a repousar.

E, nessa nova fila formada, mais uma vela juntou-se aos mortos, a mais fraca de todas a tomar o seu lugar, o último, logo atrás do espírito de Padre Lúcio: o fantasma de Davi.

Mais tarde, ao refazerem o caminho do cemitério até o centro da cidadezinha, os fiéis depararam-se com o cadáver. Foram novamente tomados pelo choque.

— Eu reconheço esse homem! — falou Seu Manuel.

Tanto a faca encravada no peito do bandido quanto os anéis de ouro em seu bolso, denunciariam as atividades do forasteiro. Já a razão de sua morte, seria um enigma a ser narrado à boca pequena durante as tardes mais longas e frias. Todos comentaram sobre a boa sorte que o dono do bar tivera.

Devagar, a vida retomou seu curso na cidadezinha.

A neta de Seu Manuel ganhou uma bolsa de estudos na Europa.

Os candidatos da situação não foram eleitos, tampouco os próprios, reeleitos.

O bispo da diocese enviou outro padre; na recepção de boas-vindas, este ganhou um presente...

... Era uma garrucha.

\*\*\*

### Sobre Roberto Schima:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e trinta e cinco antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista  
Conexão Literatura

# BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>





- **DIVULGUE  
PARA + DE  
900 MIL  
LEITORES**

**POR APENAS**

**R\$ 180**

**DÊ MAIS VISIBILIDADE AO  
SEU LIVRO E MOSTRE A  
SUA OBRA PARA  
MILHARES DE LEITORES.**

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)**

# **PACOTE**

## **DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES**

### **DIVULGUE O SEU LIVRO CONOSCO**

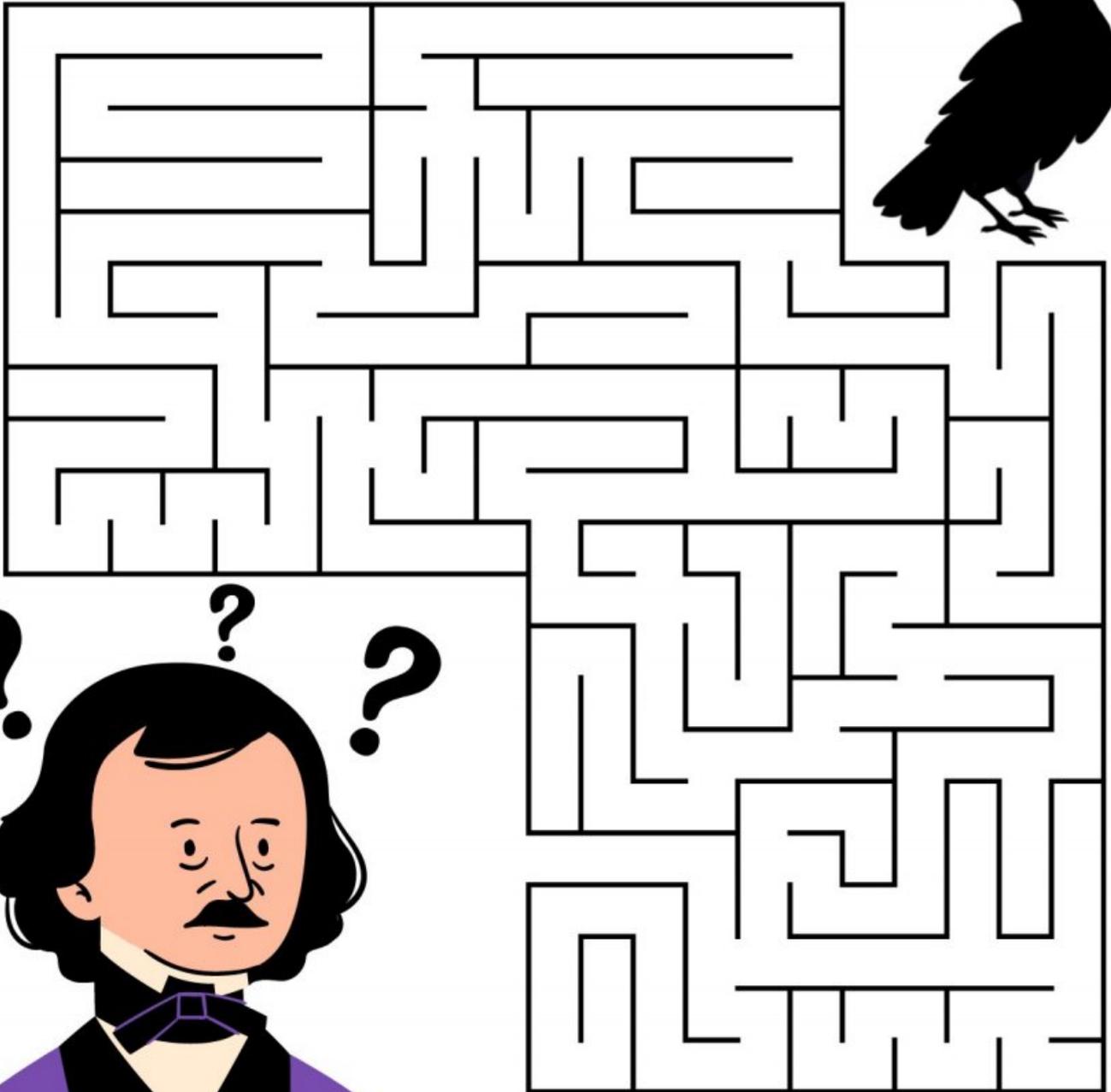


# AJUDE O ESCRITOR EDGAR ALLAN POE A ENCONTRAR O SEU CORVO



Para imprimir

By Ademir Pascale





**AMOR  
PELOS  
LIVROS**

**MÍDIA KIT 2024**

# **REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

## **ESTATÍSTICAS**

**+781 MIL    +158 MIL    + 5 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)  
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

**e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale**

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
01.10.2024



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd